

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E CULTURA NA
AMAZÔNIA**

SALLY ATAIDE MIGUEL

**EDUCAÇÃO FÍSICA NA FASE CRECHE MEDIANDO PELOS JOGOS AS
PRÁTICAS SOCIAIS**

**MANAUS/AM
2018**

SALLY ATAIDE MIGUEL

**EDUCAÇÃO FÍSICA NA FASE CRECHE MEDIANDO PELOS JOGOS AS
PRÁTICAS SOCIAIS**

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rita Maria dos Santos Puga Barbosa.

**MANAUS/AM
2018**

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

M636e Miguel, Sally Ataide
Educação Física na fase creche mediando pelos jogos as práticas sociais / Sally Ataide Miguel. 2018
126 f.: 31 cm.

Orientador: Rita Maria dos Santos Puga Barbosa
Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) -
Universidade Federal do Amazonas.

1. Educação Física. 2. Comportamento infantil. 3. Práticas sociais. 4. Creche. 5. Jogos. I. Barbosa, Rita Maria dos Santos Puga II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

SALLY ATAIDE MIGUEL

**EDUCAÇÃO FÍSICA NA FASE CRECHE MEDIANDO PELOS JOGOS AS
PRÁTICAS SOCIAIS**

Dissertação de Mestrado avaliado pela banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas, para a obtenção do grau de Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Rita Maria dos Santos Puga Barbosa – Orientadora e Presidente da Banca

Prof. Dr. Gláucio Campos Gomes de Matos – Membro da banca

Prof. Dr. Odenei de Souza Ribeiro – Membro da banca

**MANAUS/AM
2018**

Ao meu amado pai Norival Miguel, meu maior exemplo de homem, que sempre me incentivou em tudo que me propus a fazer, acreditando no meu potencial desde a tenra idade. E mesmo no plano celestial sei que segue comigo, intervindo no meu caminhar, me ajudando a ser forte nos momentos de fraqueza.

A minha mãe, Suzana Ataide Miguel, que me nutriu no seio da vida, com quem aprendi que perdoar é um ato que está além desse plano material.

Ao meu esposo, Jailson Raimundo Negreiros Guimarães que pacientemente segue ao meu lado por 21 anos, me ensinando que amar envolve atitudes de carinho, desprendimento e cuidado um com o outro.

A minha Irmã, Leilly Ataide Miguel da Silva que muitas das vezes que me senti precisando daquele colo, ouvido ou conselho, carinhosamente foi à base emocional e psicológica que me apoiou em vários momentos da minha vida.

Ao meu sobrinho, Nikolas Aldo Miguel da Silva a quem amo de uma forma que nem eu mesma sei explicar.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por me conceder a capacidade de reconhecê-lo e adorá-lo. Pelos atributos de raciocínio e compreensão nos momentos tensos de leituras densas.

À Prof^a. Dr^a. Rita Maria dos Santos Puga Barbosa que com sua orientação, me auxiliou neste percurso a superar inúmeras dificuldades que enfrentei para concluir este desafio pessoal e profissional.

Aos professores das disciplinas cursadas, cada um contribui para ampliar o meu olhar mediante o caminho que tenho percorrido. Em especial ao Prof. Dr. Gláucio Campos Gomes de Matos que tem ajudado e muito com o meu crescimento acadêmico, desde quando ainda eu era aluna especial, me auxiliando na compreensão das teorias apresentadas, das perspectivas que precisava seguir.

À Secretaria Municipal de Educação de Manaus que autorizou a pesquisa de campo, abrindo as portas da instituição para que essa etapa do estudo pudesse ser concretizada.

À Creche Municipal Professora Eliana de Freitas Moraes e toda a sua equipe que me recebeu de braços abertos, provendo todos os meios necessários para que a pesquisa fosse efetivada.

Às crianças participantes desta pesquisa, sem elas nada disso seria possível.

“Na educação física, o desenvolvimento do indivíduo num meio ambiente humano – portanto, cultural e social – deve ser o objetivo principal, independentemente de qualquer divisão que se tente fazer de seu conteúdo em áreas de conhecimento. É preciso valorizar a tarefa coletiva; para isso, em se tratando de educação física, possuímos diversos recursos, dentre eles o privilégio de poder contar com os jogos [...] como simulação da vida social, como microuniverso de uma sociedade em crisálida”.

(FREIRE, 2003, p. 31)

RESUMO

Este é um estudo interdisciplinar, o qual procura compreender a Educação Física como um dos elementos educacionais no processo das práticas sociais em crianças, de 01 a 03 anos de idade, assim que são inseridas no mundo da Educação Escolar, na fase creche. Desde o nascimento, o indivíduo passa por processos complexos que vão, a exemplo de mudanças biológicas à internalização de regras sociais que ajudam o ser humano a regular seu comportamento para o convívio em grupo. Mas para isso o ser humano quando criança precisa do adulto, que já se encontra nesse processo, para aprender a controlar suas pulsões e emoções, e nesse intercâmbio aos poucos vai ajustando seu temperamento, que é refletido em seu comportamento. Diante dessas considerações o objetivo desta pesquisa foi investigar nas aulas de Educação Física a interação das crianças de um a três anos de idade, que frequentam a Creche Municipal Professora Eliana de Freitas Moraes situada na cidade de Manaus, verificando no momento do jogo o processo das práticas sociais. O caminho metodológico percorrido se desenvolveu por meio de uma pesquisa de abordagem qualitativa, buscando interpretar as ações das crianças, uma vez que sabemos que não se podem quantificar valores e atitudes. Para isso a pesquisa de campo pôde nos proporcionar uma maior interação com o objeto a ser estudado e os participantes da pesquisa, pois tivemos a oportunidade de passar quatro meses em contato direto com cada grupo. Utilizamos a técnica de observação direta do comportamento das crianças no momento da interação nas aulas de Educação Física e um caderno de anotações para o registro das características sociais das crianças ocorridas durante essas relações, descrevendo os mecanismos utilizados pelo grupo para ajustar o comportamento infantil com a prática do respeito, cuidado, etc. Realizamos entrevistas semiestruturadas com as professoras responsáveis pelas turmas participantes e aplicamos jogos nas aulas de Educação Física. Pudemos concluir que, nas aulas de Educação Física é oportunizada às crianças jogos que estimulam o desenvolvimento das habilidades motoras, como equilíbrio, força, agilidade entre outras, ajudando-as gradativamente a controlar seus movimentos dentro do limite de locomoção no espaço social. Com a melhora do seu controle motor, a criança consegue usufruir de um deslocamento que ao mesmo tempo em que lhe proporciona liberdade, a auxilia em sua relação com o outro dentro de um compartilhamento recíproco desse espaço social, e desse modo contribui para a compreensão da significância de observação do respeito, do cuidado, do trabalho em grupo, da cooperação na organização do espaço social, que em uma relação de interdisciplinaridade com direcionamento pedagógico, ensina a criança em sua dinâmica. Com isso, a criança que se encontra em uma fase egocêntrica se socializa, aprendendo regras sociais expressadas no momento do jogo, e mesmo que de início não compreenda direito essas regras, com o tempo dentro de um processo, elas vão internalizando as informações, passando a reproduzir as atitudes que se espera de um indivíduo em ambiente social.

Palavras-chave: Educação Física. Comportamento infantil. Práticas sociais. Creche. Jogos

ABSTRACT

This is an interdisciplinary study, which seeks to understand Physical Education as one of the educational elements in the process of social practices in children, from 01 to 03 years of age, so they are inserted in the world of School Education in the day care phase. From birth, the individual goes through complex processes that go, such as biological changes to the internalization of social rules that help the human being to regulate their behavior for group living. But for this the human being as a child needs the adult, who is already in this process, to learn to control his impulses and emotions, and in that interchange gradually adjusting his temperament, which is reflected in his behavior. In light of these considerations, the objective of this research was to investigate in the Physical Education classes the interaction of children from one to three years of age attending the Municipal Nursery Professor Eliana de Freitas Moraes located in the city of Manaus, verifying at the moment of the game the process of social practices. The methodological path covered was developed through a qualitative approach, seeking to interpret the actions of children, since we know that values and attitudes can not be quantified. For this the field research could provide us with a greater interaction with the object to be studied and the research participants, because we had the opportunity to spend four months in direct contact with each group. We used the technique of direct observation of children's behavior at the time of interaction in Physical Education classes and a notebook for recording the social characteristics of children during these relationships, describing the mechanisms used by the group to adjust child behavior with practice of respect, care, etc. We conducted semi-structured interviews with the teachers responsible for the participating classes and applied games in Physical Education classes. We could conclude that in Physical Education classes children are given games that stimulate the development of motor skills, such as balance, strength, agility, among others, gradually helping them to control their movements within the limits of locomotion in the social space. With the improvement of its motor control, the child can enjoy a displacement that at the same time gives him freedom to assist him in his relationship with the other within a reciprocal sharing of that social space, and thereby contributes to the understanding of significance of observation of respect, of care, of group work, of cooperation in the organization of social space, which in a relationship of interdisciplinarity with pedagogical guidance, teaches the child in its dynamics. With this, the child who is in an egocentric phase socializes, learning social rules expressed at the time of the game, and even if at the beginning does not understand these rules right, with time within a process, they internalize the information, passing to reproduce the attitudes expected of an individual in a social environment.

Keywords: Physical education. Child behavior. Social practices. Nursery. Games

LISTAS DE QUADROS

Quadro 1 - Objetivos da Educação Física para pré-escola.	39
Quadro 2 - Abrangência da aula de Educação Física na creche na percepção das professoras da creche.	93

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.1	Os objetivos gerais e específicos	14
1.2	Caminhos metodológicos	15
<i>1.2.1</i>	<i>Tipo de pesquisa e aspecto ético</i>	15
<i>1.2.2</i>	<i>Identificando o ambiente e os participantes da pesquisa</i>	15
<i>1.2.3</i>	<i>Procedimentos</i>	16
2	AS PRÁTICAS SOCIAIS COMO REFERÊNCIA DE COMPORTAMENTO SOCIAL PARA A CRIANÇA NA PEDAGOGIA DA CRECHE	20
2.1	A Escola enquanto agência social	21
2.2	A intervenção pedagógica do professor	32
2.3	A presença planejada do professor de Educação Física na creche	42
<i>2.3.1</i>	<i>Impactos iniciais do primeiro mês: A adaptação</i>	44
3	A IMPORTÂNCIA DA INTERAÇÃO SOCIAL NO PROCESSO DAS PRÁTICAS SOCIAIS	53
3.1	O papel da interação social para a construção do conhecimento de si	53
3.2	O jogo e seus elementos sociais	62
3.3	Análise de implementação do roteiro planejado das turmas	72
<i>3.3.1</i>	<i>Crianças de 01 ano de idade</i>	72
<i>3.3.2</i>	<i>Crianças de 02 anos de idade</i>	78
<i>3.3.3</i>	<i>Crianças de 03 anos de idade</i>	85
<i>3.3.4</i>	<i>Os jogos no processo de interação social neste estudo e a percepção das professoras da creche</i>	91
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	104
	REFERÊNCIAS	106
	APÊNDICE A – Roteiro de Acompanhamento das Turmas	110
	APÊNDICE B – Roteiro das Entrevistas	116
	ANEXO A – Aprovação na Plataforma Brasil	117
	ANEXO B – Carta de Anuência	124
	ANEXO C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido dos pais	125
	ANEXO D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido dos professores	126

1 INTRODUÇÃO

Um estudo que envolve a criança no desenvolvimento de atitudes sociais, precisa abranger todas as dimensões do comportamento infantil. Para que isto ocorra, requer a participação de todos que fazem parte do seu ambiente social, em uma relação interdisciplinar, auxiliando na evolução de suas competências cognitiva, afetiva, motora e social. Para isso, compreendemos que todas as áreas de conhecimentos contribuem nesse processo, cada uma dentro de suas singularidades.

Até então, poucos são os estudos no Brasil sobre a Educação Física em creche e dentre os pesquisados encontramos com a temática voltada para a ludicidade, cultura corporal, brincadeiras, jogos simbólicos, interdisciplinaridade e representações. Porém após aprofundarmos nessas pesquisas, foi observável lacunas como a respeito dos complexos processos que abarca as práticas sociais que a criança de um a três anos de idade passa dentro da creche e que influência no comportamento individual, envolvendo a Educação Física como um dos elementos educacionais, nos levando a justificar o interesse pela temática proposta; e na cidade de Manaus não se tem registros sobre o tema em questão.

Ninguém pode discordar que o primeiro ambiente social da criança é a família, dela o indivíduo irá conviver com os primeiros estímulos de comunicação com o outro, os outros, para o desenvolvimento de suas memórias que refletirão em toda a sua vida, sendo neste panorama que a criança irá erguer o seu modelo de aprendiz e a forma como ela irá se relaciona com o conhecimento.

Ao iniciar uma interação social mais ampla, ao passar a frequentar instituições envolvendo grupos maiores como a Escola, as crianças dão um salto qualitativo quando nesse processo de socialização onde se encontram inseridas, vão modificando seu comportamento não apenas pela passagem do tempo, mas principalmente pela internalização dos valores sociais e culturais. Nesse espaço educacional é de responsabilidade de todos os adultos, auxiliar a criança nessa organização da mente social para a aquisição dos valores sociais, mas dentro de uma hierarquia funcional o professor se torna o principal mediador durante os processos de aprendizagem social.

Uma das chaves interpretativas para essas mudanças é encontrada nos estudos do autor Nobert Elias (1994a, 1994b, 2006, 2012), onde podemos constatar que a criança ao nascer, entra em um mundo socialmente organizado que se encontra em contínuo desenvolvimento, mas ela precisa ser orientada conforme os princípios socioculturais existentes para que assim possa ser inserida nesse processo social, englobando os valores

colocados pela sociedade que a envolve. Mas, se faz necessário aclarar que existem outros autores, como Durkheim (1978) que tem contribuído com seus estudos nas pesquisas em ciências sociais para a compreensão das mudanças na estrutura social e comportamento humano. A escolha por Elias (1994a, 1994b, 2006, 2012) é devido acreditarmos que ele lança luz sobre o objeto estudado nessa pesquisa.

Em uma perspectiva da história da humanidade, parece ser notório que a mãe anteriormente a revolução feminista e seus desdobramentos se dedicava exclusivamente à educação dos filhos, isso pode ser encontrado na leitura em autores como Kuhlmann Junior. (1998) e Le Boulch (1982), pois a responsabilidade do sustento da casa era integral do pai, com isso a família por muito tempo foi a única orientadora do comportamento infantil e norte da construção da personalidade da criança. Com o desenvolvimento da humanidade e mudanças na estrutura familiar das sociedades, de patriarcal a contemporânea, a mulher começa a ganhar espaço no mercado de trabalho levando o Estado por meio das instituições de ensino, a assumir o papel de orientador desse pequeno indivíduo.

Ariès (1986) ao olhar para um determinado período da história da humanidade chamou a atenção ao descrever a “História social da criança e da família” causando reflexões dentro do campo educacional, contribuindo para a sociedade não apenas transformar seu olhar sobre a criança, como trouxe mudanças do ponto de vista não apenas em relação do significado, mas também das práticas sociais. Tendo em visto que, à medida que muda a percepção da criança, muda o modo de cuidar dessa criança, passando a considerá-la um ser com necessidades distinta e merecedora de um tratamento diferenciado por conta de suas especificidades. Elias (2012, p. 469) elucida “[...] que se trata de um processo longo e que ainda continua [...]”.

Kuhlmann Junior (1998) ao nos trazer a história sobre o surgimento das creches, nos auxilia na compreensão do conceito de autocontrole abordado por Elias (1994a, 1994b, 2006, 2012), e dentro desse espaço social que é voltado para o indivíduo na tenra idade, esse autocontrole é estimulado por envolver várias dimensões da vida da criança, com isso é bastante evidenciado pelas professoras visando o convívio em grupo, uma vez que a criança precisa desenvolver o controle de seus sentimentos que influencia seu movimento e consequentemente suas atitudes, já que o ingresso no âmbito escolar tem sido cada vez mais cedo. Nesse espaço ela precisa adequar suas necessidades com esse novo e maior meio social que se apresenta a ela, pois tem a atenção da professora dividida com outras crianças que frequentam o mesmo espaço social. Com isso a creche contribui na formação dos hábitos e da personalidade da criança.

Como consequência desse macro processo histórico e não se distanciando das recomendações do Ministério da Educação do nosso país, da necessidade de um espaço seguro e apropriado para a educação dos pequeninos, que a Creche Municipal Professora Eliana de Freitas Moraes foi inaugurada em 12 de junho de 2008, instituição situada na Rua 16 de Agosto, s/n, bairro Riacho Doce III, Cidade Nova, zona Norte de Manaus, capital do estado do Amazonas. A referida creche surgiu em um momento que se visava transformá-la em instituição-modelo, onde a Secretaria Municipal de Educação de Manaus procurou equipá-la com profissionais variados visando ofertar diversos tipos de atendimento à criança, e nesse contexto se disponibilizou um profissional de Educação Física para fazer parte da equipe de professores.

Dada a não obrigatoriedade da Educação Física em creche, o presente estudo trás contribuições no desenvolvimento das práticas sociais em crianças de um a três anos de idade e que tem acesso às aulas de Educação Física, devido ser um momento dentro da instituição aonde a criança é bastante estimulada a desenvolver suas habilidades motoras de forma a ajudá-la a utilizar sua mobilidade de modo qualitativo, sabendo usar seus movimentos a ponto de controlá-los de modo a preservar o convívio em coletividade.

Desenvolver a Educação Física dentro da creche foi um grande desafio, as dificuldades iniciaram desde a formação profissional, quando ainda era estudante do curso de Educação Física na Universidade Federal do Amazonas, no período de 1998 (ingresso na universidade) à 2003 (ano de conclusão do curso) não constava na grade curricular uma disciplina voltada para o desenvolvimento de crianças tão pequenas. As disciplinas que abordavam algum tema voltado para educação infantil, na época tinha seu olhar voltado para a faixa etária de seis anos em diante, desta forma o trabalho com crianças em uma faixa etária menor nos incentivou na procura por conhecimento que auxiliasse no desenvolvimento de suas especificidades.

A busca por jogos e materiais pedagógicos na área de Educação Física ao longo desses anos, nos fez comprovar pessoalmente o quanto é escassa a literatura que contenha atividades que possam ser desenvolvidas com crianças de um a três anos de idade, os autores que têm nos ajudado são Le Boulch (1982), Oliveira (1985), Borges (1987), Ferreira (2003) e Freire (2003, 2009). Diante dessas dificuldades houve a necessidade de buscar dialogar com documentos norteadores da Educação Infantil (BRASIL, 1998a, 1998b, 2006, 2010, 2014) e autores como Barbosa (2006, 2009), Kishimoto (2016), Vayer (1989) e Vygotsky (1994) que nos auxiliaram a traduzir as atividades para uma linguagem de acessível compreensão de

crianças da fase creche, visando contribuir com o processo de aprendizagem das práticas sociais.

Conforme a Revista Educação Física (2002), Borges (1987), Freire (2003, 2009), Ferreira (2003) e Oliveira (1985) a Educação Física é um vasto campo no processo de aprendizagem, tendo em seus conteúdos objetivos que contribuem com a formação social da criança. Com suas especificidades e ao se apropria do jogo, auxilia na formação do indivíduo, pois estimula o desenvolvimento de suas habilidades, coordenação motora, equilíbrio e dentre eles um comportamento socialmente adequado. Segundo Matos (2015, p. 40) os conteúdos são específicos, mas os preceitos civilizatórios são de senso comum, pois visam incentivar para a prática do respeito, dignidade, solidariedade, entre outros valores que são importantes para o desenvolvimento do seu caráter e seu convívio em sociedade. Deste modo precisa ser considerada em uma relação interdisciplinar, deixando de lado a ideia de reforço das demais áreas de conhecimento.

Com isso, as experiências que a criança necessita vivenciar para compreender o mundo, precisam estar presentes na escola e serem significativas para ela, e esta é uma responsabilidade que envolve todas as áreas de conhecimento. Isto significa trabalhar nas mais diferentes áreas do conhecimento para distinguir os pontos que os unem e que os diferenciam cada disciplina e desse modo se detectar onde se poderá estabelecer as conexões possíveis e reunir novas produções dos conhecimentos, que será refletido dentro do conhecimento social.

Contudo, o problema norteador do presente estudo teve sua origem na observação das aulas de Educação Física, após uma grande inquietação nos fazer refletir sobre esses complexos processos de aprendizagem e apropriação das práticas sociais, vivido pela criança dentro da instituição, nos levando a questionar: quais as contribuições da Educação Física, ao utilizar o jogo na aprendizagem das práticas sociais em criança que se encontra na fase creche? Diante do exposto, somente com uma análise mais profunda e detalhada poderemos responder a tal questionamento, que é o que pretendemos com a conclusão desse estudo.

Considerando nossas limitações, é que iremos tecer as reflexões nos delimitando a alguns conceitos no decorrer dessa pesquisa. O autocontrole (físico e emocional), a interação social, a internalização (de valores sociais) e o comportamento infantil se farão presente durante todo diálogo estabelecido entre os autores que norteiam nosso estudo e as observações realizadas durante a pesquisa de campo.

Visto que a Educação Física em creche é pouco difundida, percebemos a seriedade de iniciar um diálogo acerca do tema, possibilitando aos futuros profissionais que se

interessarem por essa fase de desenvolvimento do indivíduo a oportunidade de ampliar o conhecimento sobre o assunto que será abordado. No desenvolvimento do trabalho com crianças que se encontram nessa fase escolar, sentimos a necessidade de abordar tal temática devido a escassez de registros sobre a questão aqui colocada.

As considerações realizadas nesse estudo se delimitam a uma apresentação de pesquisas sobre os conceitos abordados em periódicos por meio da ferramenta *digital ibict oasisbr*, onde utilizamos o operador booleano *and* como busca, filtrando a pesquisa, delimitando-a em dissertações. Ao digitarmos as palavras-chave “interação social AND criança AND creche” obtivemos como resultado da busca 64 dissertações abordando vários aspectos da interação social, embora tenhamos percebido que sejam revisões muito boas englobando material elaborado em determinadas áreas de conhecimento, se mantém a ideia de sistematizar o conhecimento já produzido sobre o conceito em questão, das quais 03 foram as que mais nos chamou atenção por abordarem o tema mais próximo da proposta deste estudo. Com as palavras-chaves “criança AND práticas sociais” foram filtradas 07 dissertações, do qual somente 02 se aproximaram do nosso interesse e sobre “Educação Física AND educação infantil” cinco pesquisas contribuíram para ampliar nossas reflexões, por estarem mais próximas do tipo de pesquisa que apresentamos.

Esta pesquisa está voltada para mostrar que a Educação Física vai além do movimento. Esperamos que o referido estudo possa contribuir como elemento para a reflexão da Educação Física escolar dentro da creche, e que a questão abordada e desenvolvida no decorrer deste estudo possa possibilitar a compreensão de aspectos fundamentais da problemática apresentada, onde o jogo estará sendo utilizados como instrumento nesse processo. Despertar o olhar da sociedade para o trabalho da Educação Física escolar com crianças na tenra idade, é um desafio que nos propomos a enfrentar.

1.1 Os objetivos gerais e específicos

Esta pesquisa tem como objetivo geral compreender como ocorre nas aulas de Educação Física a interação das crianças de um a três anos de idade, que frequentam a Creche Municipal Professora Eliana de Freitas Moraes situada na cidade de Manaus, verificando no momento do jogo o processo das práticas sociais.

Para nos nortear nesse processo de construção acadêmica traçamos como objetivos específicos: Verificar características sociais da criança no momento das interações ocorridas durante o jogo nas aulas de Educação Física; Aplicar jogos como estratégias de trabalhar as

especificidades da Educação Física e as regras sociais; Descrever as relações interpessoais e sociais no ato de jogar nas aulas de Educação Física.

1.2 Caminhos metodológicos

Nesta sequência estão apresentados o tipo de pesquisa e aspectos éticos, a identificação do ambiente e os participantes da pesquisa, assim como os procedimentos utilizados nesse estudo para a coleta dos dados e a forma como analisamos os resultados.

1.2.1 Tipo de pesquisa e aspecto ético

Optamos por realizar uma pesquisa de abordagem qualitativa, de natureza aplicada e caráter exploratório/descritivo, com apoio de levantamento bibliográfico, pois a consideramos a mais apropriada para o tipo de investigação em ciências sociais que nos propomos a fazer. Sobre pesquisa qualitativa autores como Silveira e Córdova (apud GERHARDT; SILVEIRA, 2009), Minayo, Deslandes e Gomes (2009) e Gil (1987) explicam que ao se tratar do comportamento humano não se pode quantificar valores e atitudes. Desta forma, pensamos que o melhor caminho é buscar interpretar as ações das crianças a partir das interações nas aulas de Educação Física no momento do jogo, nos apoiando em uma abordagem histórico-social pela perspectiva de Vygotsky (1994) esclarecendo que o indivíduo precisa do ambiente social para se desenvolver como indivíduo singular. Estaremos trilhando pelo viés da Teoria do Processo Civilizador de Nobert Elias (1994a, 1994b, 2006, 2012) para aclarar como a sociedade vigente influencia no comportamento humano.

O projeto de pesquisa foi submetido na Plataforma Brasil, direcionada ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Amazonas, tendo sua aprovação (Anexo A) em fevereiro de 2017. Com isso, iniciamos a pesquisa de campo em abril de 2017 finalizando em agosto de 2017, devido ao recesso escolar que teve no mês de junho.

1.2.2 Identificando o ambiente e os participantes da pesquisa

Solicitamos autorização da Secretaria Municipal de Educação de Manaus para adentrar no espaço da instituição, que emitiu carta de anuência que se encontra no Anexo B. A Creche Municipal Professora Eliana de Freitas Moraes, é uma instituição situada na Rua 16 de Agosto, S/Nº bairro Riacho Doce III, Cidade Nova, zona norte de Manaus, capital do estado do Amazonas. Esta instituição foi selecionada para a realização da pesquisa, devido à

afinidade e experiência vivenciada dentro desse espaço durante sete anos de atuação profissional como professora de Educação Física.

A Creche Municipal Professora Eliana de Freitas Moraes comporta:

- Duas turmas destinadas a crianças com idade de 1 ano, Maternal IA e Maternal IB, e em cada turma se encontram matriculadas 12 crianças, totalizando 24 crianças.
- Quatro turmas destinadas a crianças com idade de 2 anos, Maternal IIA, Maternal IIB, Maternal IIC e Maternal IID e em cada turma se encontram matriculadas 16 crianças, totalizando 64 crianças.
- Quatro turmas destinadas a crianças com idade de 3 anos, Maternal IIIA, Maternal IIIB, Maternal IIIC e Maternal IIID e em cada turma se encontram matriculadas 20 crianças, totalizando 80 crianças.

O total de vagas para crianças que frequentam a creche é de 168 crianças.

A amostra inicial da pesquisa era de 48 crianças: 12 crianças de 1 ano de idade (correspondente apenas a uma das turmas do Maternal I), 16 crianças de 2 anos de idade (correspondente apenas a uma das turmas do Maternal II) e 20 crianças de 3 anos de idade (correspondente apenas a uma das turmas do Maternal III), como método de escolha das turmas utilizamos o sorteio, tendo como testemunha uma professora representante de cada turma. Porém durante a pesquisa a média da amostra foi de 24 crianças, ficou notório que elas adoecem com grande frequência e quando isso acontece precisam se ausentar da escola para uma melhor recuperação da saúde. O contato com as crianças aconteceu após os pais assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que consta no Anexo C, autorizando sua participação nesse estudo.

1.2.3 Procedimentos

No que diz respeito aos procedimentos, optamos pela pesquisa de campo. Sobre trabalho de campo, Oliveira Filho (1987, p. 86) compreende “como contato regular e direcionado por critérios técnicos especializados, com um grupo de humanos durante um período extenso de tempo”. Tal procedimento foi selecionado, por proporcionar uma maior interação tanto com o objeto a ser estudado como com os participantes da pesquisa, uma vez que, o contato com cada grupo de crianças das salas envolvidas na pesquisa durante quatro

meses foi se estabelecendo. Optamos passar esse período, por entendermos que o processo de investigação da problemática pode ser mais bem elucidado nesse amplo espaço de tempo.

Por se tratar de crianças na tenra idade, notamos que o primeiro mês foi um momento de ganho de confiança das crianças. Objetivando criar esse laço de confiança, nesse período, buscamos participar da rotina da turma durante o turno matutino em diversos espaços – sala de aula, parque, refeitório – momentos que foram direcionados pelas professoras das salas pesquisadas. Nos demais três meses seguintes, planejamos, observamos e aplicamos jogos na sala de Educação Física conforme roteiro de acompanhamento das turmas no Apêndice A, que ficou sob a responsabilidade da pesquisadora, ressaltando que a turma foi acompanhada pelas professoras da sala de aula durante as atividades desenvolvidas.

A proposta de desenvolvimento desta pesquisa foi prevista no decorrer de quatro meses, desenvolvemos as atividades conforme roteiro de acompanhamento das turmas no Apêndice A, às segundas-feiras com a turma das crianças de um ano de idade (maternal I), às terças-feiras com a turma das crianças de dois anos de idade (maternal II) e às quartas-feiras com a turma das crianças de três anos de idade (maternal III), desde a entrada na escola às 7h até às 11h, passando um período de quatro horas por dia com cada turma durante esses quatro meses. Verificamos que o processo de investigação da problemática foi melhor compreendido com esse espaço de tempo, reforçando que as turmas da pesquisa foram sempre as mesmas, sendo acompanhadas pelas professoras responsáveis por cada turma.

1.2.3.1 Coleta de dados

Realizamos observação direta do comportamento das crianças no momento da interação nas aulas de Educação Física, onde registramos em um caderno características sociais das crianças ocorridas durante o ato de jogar e as atitudes durante as relações sociais. Descrevemos os mecanismos utilizados pelo grupo para ajustar o comportamento infantil com as práticas sociais (respeito, cooperação, cuidado consigo e com o outro, ajuda, compartilhamento dos objetos e espaço, etc.) desenvolvidas nas aulas de Educação Física. Essas ações, observação e registro aconteceram nos dias em que estivemos acompanhando a turma conforme roteiro de acompanhamento que consta no Apêndice B. Durante o período da pesquisa aplicamos jogos, que foram adaptados a uma linguagem mais acessível para as crianças na sala de Educação Física, de acordo com cada faixa etária, esses jogos foram utilizados como um instrumento de recolha das informações.

Encerrada a fase acima descrita, realizamos entrevistas individualmente na sala de Educação Física no horário do almoço com professores das salas envolvidas na pesquisa, onde foi lido, explicado e assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido conforme consta no Anexo D. Cada turma possui 02 professoras totalizando 06 professores, porém devido uma das professoras precisar entrar de licença médica as entrevistas foram realizadas apenas com 05 professoras.

Utilizamos como instrumento de registro um gravador de voz digital. Em uma segunda-feira entrevistamos as professoras da turma do maternal I, em uma terça-feira as professoras da turma do maternal II, em uma quarta-feira as professoras da turma do maternal III, turmas participantes da pesquisa. O intuito dessa entrevista foi, com base em suas experiências em creche e vivências nas aulas de Educação Física, saber a opinião delas acerca das contribuições das aulas de Educação Física em crianças de 1 a 3 anos de idade para o desenvolvimento das práticas sociais.

Por se tratar de um estudo que envolve a Educação Física escolar – área de conhecimento que estimula bastante o aspecto motor – fizemos entrevista semiestruturada conforme roteiro de entrevista encontrada no Apêndice B. E para evitar que as entrevistadas apenas foquem no aspecto motor da criança, as perguntas foram direcionadas visando obter informações a respeito do comportamento infantil diante as práticas sociais desenvolvidas durante as aulas de Educação Física.

1.2.3.2 Análise dos Resultados

O processo da análise dos dados foi baseado na seleção e organização de todas as informações recolhidas, seja por notas de campo e/ou entrevistas.

Para iniciar esta análise, primeiro descrevemos os aspectos importantes de um conjunto de características observadas durante a pesquisa de campo e que foram anotadas em um caderno de registro durante a interação com as turmas, onde as observações que mais se destacaram foram relatadas. Para isto, utilizamos duas categorias de análise:

1. O comportamento infantil no momento da interação nas aulas de Educação Física durante as relações adulto-criança e criança-criança.
2. Os mecanismos utilizados pelo grupo para ajustar o comportamento infantil com as práticas sociais.

Em seguida, para analisar as informações das entrevistas, utilizamos a técnica de análise de conteúdo. Um método empírico que segundo Bardin (1977) reuni um conjunto de instrumentos de cunho metodológico que procura conhecer aquilo que está por trás do significado das palavras, com isso utilizamos a técnica de análise categorial, permitindo uma leitura das entrevistas dos participantes da pesquisa.

Para iniciar esta análise realizamos os seguintes procedimentos: transcrição dos depoimentos, elaboração de unidades de significado, que foram extraídas a partir da releitura das transcrições das entrevistas, agrupamento do conteúdo por temas e por categorias, facilitando a identificação do conteúdo, síntese e integração. Para que dessa forma, possamos buscar convergências ou divergências atribuindo a eles significado e interpretação dos dados.

2 AS PRÁTICAS SOCIAIS COMO REFERÊNCIA DE COMPORTAMENTO SOCIAL PARA A CRIANÇA NA PEDAGOGIA DA CRECHE

Desde o início de nossa existência, nos relacionamos uns com os outros movidos por uma necessidade humana, e para uma melhor compreensão do porquê dessa necessidade, pensamos ser significativo estudar os agentes socializadores que contribuem para o processo de interação social. Essa interação permite a relação entre o indivíduo e o grupo social ao qual faz parte e que mistura normas, padrões e valores que servem como norte para a conduta humana em meio social.

Estes grupos sociais são os agentes de socialização que podem se configurar na família, na escola, nas associações, nas igrejas, etc. Porém para este estudo, dentre os vários agentes socializadores que a criança dispõe, estaremos nos focando no espaço educacional, pois conforme Elias (1994a) a escola é um mecanismo de controle do Estado, e por meio dela os indivíduos têm tanto suas ideias como seu comportamento moldados de acordo com os valores da sociedade a qual pertence. Sendo por meio deste mecanismo de construção e interiorização, que a criança adquire comportamentos considerados adequados e corretos à sociedade, é também por meio do controle social que são impostas regras de conduta que devem reger os comportamentos das crianças de forma a harmonizar os padrões de convivência social.

A partir das leituras realizadas, podemos inferir que o processo de desenvolvimento das relações sociais é um período de grande significância que envolve todos os segmentos da vida de uma criança, especialmente no que tange ao processo de aprendizagem de todos os elementos que irão embasar sua conduta durante as trocas sociais. A inserção da criança no espaço educacional representa uma das oportunidades dela ampliar os seus conhecimentos nessa nova fase de sua vida, passando a vivenciar aprendizagens singulares que passarão a compor seu universo infantil, e isto envolve uma diversidade de relações e atitudes, maneiras alternativas de comunicação entre as pessoas, o estabelecimento de regras e de limites e um conjunto de valores culturais e morais que são transmitidos a elas.

Neste capítulo estaremos dando ênfase ao universo infantil dentro da instituição educacional, creche e seus procedimentos pedagógicos de planejamento e execução. Na tentativa de compreendermos a influência da vida em grupo nas atitudes individuais da criança dentro do espaço educacional, estaremos dissertando a respeito do papel da Escola e do professor nesse processo.

2.1 A Escola enquanto agência social

A aprendizagem de hábitos, costumes e valores culturais é um processo de natureza complexa iniciado nos primeiros anos de vida do ser humano. Conforme Elias (1994a) esses hábitos, costumes e valores são diferentes em cada sociedade e compete à escola, espaço instituído pelo Estado para educar esse novo ser, promovendo a aprendizagem de atitudes sociais. Ao ingressar no espaço escolar, a criança traz consigo valores, hábitos e costumes adquiridos no universo familiar e por meio do contato com diferentes grupos ela expande seus horizontes que, possivelmente os transmitirá como herança para seu próprio grupo, preservando assim o patrimônio cultural humano.

No campo dos estudos educacionais, o trabalho de Nobeit Elias abre caminhos para a compreensão da formação do indivíduo e suas implicações com as apropriações dos objetos da cultura [...] propicia análise dos efeitos produzidos pelos bens simbólicos no espaço social e dos processos de interiorização dos constrangimentos que permitem o aprendizado da vida em grupo [...] a civilidade, conceito-chave [...] vai se tornando uma pedagogia do comportamento privado e público ao combinar a aprendizagem das boas maneiras com as bases da instrução elementar [...] todos os caminhos nos levam a civilidade à escola, porque ela entra com toda a força na longa história cultural dos modelos e das práticas pedagógicas. (LEÃO 2007, p. 10)

Toda essa aprendizagem passa inevitavelmente pelo processo de educação, e essa educação está relacionada à formação do ser social e Vayer (1989, p. 185) defende que “A educação é um diálogo entre duas personalidades – o adulto e a criança – carregadas de sua própria história”. Temos visto em Elias (1994a) que enquanto ser natural o indivíduo tem necessidades imediatas que se assemelham às dos animais, como comer, beber e dormir. O que os diferem é a forma como o ser humano age para satisfazer suas necessidades, e essa satisfação passa pelo processo de controle dos sentimentos que permite uma vida saudável em coletividade, onde o indivíduo criança precisa de outros indivíduos, nesse caso mais experientes e que já se encontrem no fluxo do processo social para lhe transmitir os elementos necessários para viverem e se desenvolverem em sociedade, e isto tudo está relacionado a esse processo de educação que a criança passa. Le Boulch (1982) esclarece que essa é uma aprendizagem que inicia no momento em que o indivíduo criança passa a interagir com o seu ambiente humano, e para compreendermos um pouco mais esses autores, Matos (2015, p. 38) explica que

[...] de acordo com as concepções de quem a orienta, as regras sociais devem ser transmitidas, na perspectiva de que desde muito cedo tenha que controlar sua natureza, dentre eles os esfíncteres da bexiga, ânus e vagina. Em nossos dias, a criança de três anos, ao ir para a escola, deve ir liberta da fralda. Isso exige da

criança um autocontrole, que não menos é vigiado pelos pais, professores e coleguinhas.

A autorregulação é um processo que a criança vivencia desde cedo, e ela se desenvolve por meio do processo de educação. Conforme Barbosa (2006, p.101) “[...] a educação nas instituições educacionais não se limitam à educação intelectual. Ela abrange também a formação de atitudes”, vale ressaltar que seu papel não se restringe apenas à transmissão de conhecimentos, a ela cabe o papel de formar o comportamento da criança de acordo com as necessidades e interesses de determinada sociedade onde se encontra inserida, sendo importantes nesse processo essas instituições sociais.

[...] as instituições sociais não são separadas da vida dos sujeitos e fazem parte da estruturação subjetiva de todos aqueles que a elas estão vinculados. O saber e o conhecimento especializado, divulgado pelas instituições sociais, influencia os modos de percepção e participação no mundo. (BARBOSA, 2006, p. 71).

As instituições sociais são espaços coletivos que agregam valores e determinam as condutas individuais no seio do grupo organizado, e cada instituição social tem seu papel bem definido. “As instituições de educação da criança pequena estão em estreita relação com as questões que dizem respeito à história da infância, da família, da população, da urbanização, do trabalho e das relações de produção” (KUHLMANN JUNIOR, 1998, p. 16).

No caso das instituições de educação, que é a agencia social que estamos abordando nesse estudo e como já foi dito anteriormente são mecanismo de controle do Estado, conforme Elias (1994a, 1994b, 2006, 2012), são responsáveis pela reprodução e internalização das maneiras de pensar e agir do indivíduo, que o estimula a ter atitudes vista como convenientes em ambiente social independentemente da sua vontade, já que “O comportamento organiza-se sob a influência de estímulos externos” (LE BOULCH, 1982, p. 69), pois nesse caso o social prevalece sobre os desejos e vontades individuais.

Nesse processo, as coerções surgem como mecanismos de controle social tanto público quanto privado, porém esse mecanismo tem sofrido mudanças da própria sociedade, que dita como devem ser efetivadas, evoluído no decorrer da história da humanidade das coerções físicas para psicológicas. Sarat (2014, p. 166) esclarece que “Em tempos nos quais a utilização da força física é proibitiva e coagida socialmente, os adultos precisam encontrar outras formas de educação que sejam compatíveis com a complexidade da tarefa educativa e que não usem a força física”, Matos (2015, p. 39) explica que “Contraopondo-se à força física, ganham ênfase os desenhos interativos e orientados para boas maneiras, delicadeza e os requintes das princesas [...]” e Elias (1994a) afirma que essa forma de coerção, psicológica, é

mais eficaz no alcance de resultados. Podemos perceber isso no relato da pesquisa de Barbosa (2006, p. 178) em sua pesquisa de campo

Em uma turma de berçário 2 da escola A, com crianças de 1 e 2 anos, estas estavam brincando no chão quando: “O... abaixa as fraldas e mostra a bunda, as crianças olham e algumas começam a rir. Imediatamente, as monitoras pedem para ele puxar as fraldas para cima. Como ele não consegue colocá-las no lugar sozinho, uma monitora aproxima-se e o ajuda, afirmando que é feio mostrar o bumbum”. A intervenção da monitora foi rápida e bastante direta, demonstrando que certos valores morais e sociais precisam ser observados.

As instituições sociais por meio das coerções psicológicas auxiliam no processo de reprodução social e manutenção da aceitação da ordem social, essa reprodução social requer a submissão às normas e regras da ordem estabelecida. A escola, sendo uma dessas instituições de grande relevância na sociedade, uma vez que possui não apenas o papel de viabilizar a preparação intelectual e moral das crianças, mas também permite a inserção social, é um espaço onde os indivíduos iniciam as relações para além da família aprendendo a conviver com o diferente.

[...] é fundamental para a educação a ideia de que os processos de aprendizagem movimentam os processos de desenvolvimento. O percurso do desenvolvimento humano se dá “de fora para dentro”, por meio da internalização de processos intersicológicos. A escola enquanto agência social explicitamente encarrega de promover o aprendizado das crianças e jovens das sociedades letradas, tem um papel essencial na promoção do desenvolvimento psicológico de indivíduo. (OLIVEIRA, 1997, p. 105).

É por meio desse espaço educativo que conhecemos a história, a cultura e a ideologia de uma determinada sociedade. Freire (2009, p. 10) afirma que “A escola, entre outras instituições, cumpre o papel de formar crianças para exercerem funções na sociedade” e Barbosa (2006, p. 77) explica que “Seja qual for a compreensão sobre a criança, o certo é que ela necessita de um certo tipo de educação [...] são construídos espaços educacionais específicos para as crianças pequenas e prescritos modos distintos de intervenção, por meio das pedagogias”, ou seja, a escola é um meio educativo que prepara a criança para futuramente viver no mundo social adulto.

Tendo como referência a teoria eliasiana, o distanciamento entre o mundo adulto e o mundo infantil é uma característica do processo civilizatório, e a criança ao ingressar no fluxo desse processo vai se tornando adulta, se individualizando, de acordo com o estágio de desenvolvimento de modelos sociais a ela apresentada. É nesse processo de distanciamento, que no decorrer da história surgem os espaços destinados às crianças tão pequenas, “O

conceito de civilização passou a impor o critério da necessidade das novas instituições sociais” (KUHLMANN JUNIOR, 1998, p. 26).

Não vamos nos aprofundar em fatos sociais que levaram ao surgimento dessa instituição, apesar de reconhecermos sua significância nesse processo. Nosso olhar está mais voltado para os processos de apropriação dos valores, condutas, comportamentos e mecanismos utilizados pela instituição de ensino para ajudar a criança no controle de seus sentimentos e regulação das emoções ao interagirem nesse espaço. Para um melhor entendimento, neste caso Matos (2015, p. 61) nos ajuda a compreender que “Houve a institucionalização da formação que se deu com a criação da escola, que modela o comportamento” auxiliando assim o indivíduo criança nesses processos.

Ao falarmos em creche, espaço direcionado para crianças de 01 a 03 anos de idade e universo de nossa pesquisa, esta instituição é a responsável por ajudar a criança no momento de interação a controlar seus sentimentos de modo que às conduza a autorregulação, necessária para o convívio em coletivo. Essa convivência em grupo facilita à compreensão dos seus limites, direitos e deveres uma vez que a criança estará se relacionando com vários indivíduos diferentes de sua personalidade.

Com a socialização estabelecida, a probabilidade de ter um comportamento considerado como normal aumenta, e o indivíduo tem a sensação de ser livre em seu comportamento, porém, na verdade, é apenas o resultado da sua socialização, pois já internalizou os modos e atitudes que guiam seu comportamento.

Em visita a escolas infantis, quer estejam situadas na capital do Estado, nas sedes dos municípios e, por extensão, em área rural, quer sejam de não indígenas quanto de indígenas, constatam-se os instrumentos civilizadores. A escola no Amazonas, independente do espaço situado é, antes de tudo, modeladora de comportamento. (MATOS, 2015, p. 39).

Na escola a criança procura firmar laços e modos de conviver semelhantes ao que observa em seu ambiente familiar, atuando de acordo com o que percebe e compreende. E quando esses comportamentos não são adequados às normas de convivência da escola, a criança pode vir a reagir de modo pouco agradável para a convivência em grupo, sofrendo as coerções psicológicas esclarecidas por Elias (1994a, 1994b, 2006, 2012), Sarat (2014) e Matos (2015).

Entretanto a partir do momento em que a criança passa a frequentar uma instituição de caráter educativo é que múltiplas situações significativas de interações são oportunizadas a ela, sendo nesse novo espaço e longe da família que a criança passa a ter que dividir tanto os

espaços como os materiais com outros, indo de encontro a um ritmo diferente do que estava habituado no seio familiar.

Atualmente, as crianças têm cada vez mais cedo ficado sob a responsabilidade da escola, e com as creches a idade tem diminuído para 01 ano de idade no ingresso dessas instituições educativas, algumas chegam a receber crianças de meses, o que significa uma antecipação no processo de socialização com uma maior influência da sociedade na formação dessas crianças.

Na estrutura da nossa sociedade o ensinar e o aprender são elementos relativos à escola, sendo nela que ocorre o processo de incorporação dos saberes, conhecimentos, atitudes e valores sociais que permitem a relação em comunidade, auxiliando no entendimento da realidade, pois “Espera-se que a escola, não como exclusiva, modifique padrões de condutas e estas se tornem diferenciais sociais” (MATOS, 2015, p. 40). Desta forma, podemos considerar a escola como um espaço propício para observarmos as características de uma sociedade, uma vez que nesse ambiente social encontramos reprodução das relações sociais.

A escola é um espaço educativo que oportuniza em muitas situações, às crianças a aprenderem a superar pequenas frustrações que são valorosas nessa fase, pois “[...] permitir à criança uma certa tolerância à frustração, o que mais tarde permitirá, sem perturbar a personalidade, suportar a decepção, o fracasso, a insatisfação [...]” (LE BOULCH, 1982, p. 81), contribui para a formação de sua conduta. Vayer (1989, p. 186) reforça dizendo

A vida corrente é feita de conflitos e a educação, que é um aspecto do relacionamento entre indivíduos, não está isenta disso, muito pelo contrário. A criança deve portanto estar preparada, e a educação consiste ao mesmo tempo em dar à criança os meios de os superar, e levá-la a aceitar a inibição, e até mesmo a repressão de certos desejos incompatíveis com a vida em sociedade.

Todas essas afirmativas nos leva a concordar com Borges (1987, p. 03) quando diz que “[...] a pré-escola é um poderoso socializador e educador, levando a criança a desenvolver sua criatividade, promovendo, também, um equilíbrio geral”, e incluímos aqui a creche, que é a primeira etapa da Educação Infantil.

Precisamos ter em mente que, segundo Kuhlmann Junior (2002), as instituições de educação infantil estão carregadas de historicidade da infância, da criança e das concepções pedagógicas que norteiam todas as atitudes que a sociedade tem em relação à criança. Ao estudarmos a história das instituições de educação infantil, percebemos que tanto as creches como a pré-escola se estruturaram como instituições primeiramente de cuidado, e que apenas

com a evolução do olhar da sociedade em relação à criança que progrediu como instituições de ensino, passando a incluir o educar como obrigatoriedade desse espaço educativo. Barbosa (2006, p. 79) fala que “As creches foram apontadas como um critério de civilização e de urbanidade de um povo [...] fazem parte de uma nova concepção cultural, que define que as crianças podem ser cuidadas e educadas em um ambiente extrafamiliar”, e como Elias (1994a) já tem nos esclarecido, as mudanças ocorrem em uma estreita conexão entre a constituição psíquica, o comportamento e a organização social que reflete nessas concepções pedagógicas.

A teoria eliasiana (ELIAS, 1994a, 1994b, 2006, 2012) nos permite ampliar o entendimento acerca da estrutura do comportamento civilizado e sua relação com a organização da sociedade. Esta exerce grande autoridade na preparação desse novo ser humano pequenino que vem ao mundo despido de valores, regras ou condutas, pois “No curso de um processo civilizador individual, o potencial biológico é atualizado segundo a medida e o modelo de regulação dos afetos e pulsões à maneira que a sociedade os desenvolveu e os prescreve” (ELIAS, 2012, p. 483). O modelo e a dimensão desse controle, não são de maneira alguma, dados pela natureza, estes se desenvolvem durante o crescimento da criança e através do convívio com os outros indivíduos.

As atitudes que devem ser adquirida pela criança nos primeiros anos de vida, a princípio são apresentadas pela família. Todavia o universo de nossa pesquisa se dará na Educação Infantil em sua primeira etapa, a creche. Tendo em mente que a criança é o início da vida e o adulto é produto daquilo que se vivenciou e aprendeu nos seus primeiros anos de escolares, percebemos o papel que o espaço educacional passa a assumir diante da responsabilidade social de preparar esse novo indivíduo para o convívio em sociedade.

Borges (1987, p. 03) ciente do valor dessa instituição descreve “A pré-escola [...] é um recurso benéfico, enquanto se propõe a ser um ambiente intermediário, entre o lar e a escola, num período de vida em que a personalidade começa a se formar”, a pré-escola assim como a creche, de acordo com os documentos oficiais que regem nossa educação, são partes constituintes da Educação Infantil “A educação infantil será oferecida em: I – creche, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade; II – pré-escolas, para as crianças de quatro a cinco anos de idade” (BRASIL, 2014, p. 21), sendo que esse é um espaço educacional que a criança desenvolve suas capacidades motoras, afetivas e de relacionamento social.

O foco de nossa pesquisa não está nas políticas públicas, mas estamos cientes de sua importância para a estruturação e validação dessa etapa educacional, que é o centro do nosso

olhar. Com esse breve esclarecimento, estaremos dialogando com os documentos que regem a Educação Infantil Brasileira sem nos aprofundarmos muito, nosso intuito está em relacionar o que consta nos documentos legais com os conceitos que estamos abordando nessa dissertação.

Os documentos norteadores da Educação Infantil apresentam ponderações fundamentais acerca de uma educação integral alicerçada na responsabilidade com a identificação e valorização pessoal, que concebe o autoconhecimento como base da educação. Esse conhecimento precisa garantir à criança uma visão de si mesma como ator e autor de sua própria história, integrando e elaborando o mundo em que vive (BRASIL, 1998a, 1998b, 2006, 2010, 2014), e isso é processual.

O currículo nacional foi proposto através da publicação do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) que foi elaborado em 1998. Com a finalidade de nortear às instituições e os profissionais de creches e pré-escolas, o Referencial “constitui-se em um conjunto de referências e orientações pedagógicas que visam a contribuir com a implantação ou implementação de práticas educativas de qualidade que possam promover e ampliar as condições necessárias para o exercício da cidadania das crianças brasileiras” (BRASIL, 1998a, p. 13).

Barbosa (2009, p. 83), pesquisadora do Currículo e Cotidiano de bebês e crianças pequenas, ressalta que “Os conteúdos da educação infantil têm como referência a aprendizagem das práticas sociais de uma cultura, isto é, as ações que uma cultura propicia para inserir os novos na sua tradição cultural”. Essas orientações se encontram presentes no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998a, p. 35) “A prática educativa deve buscar situações de aprendizagens que reproduzam contextos cotidianos [...] tenha uma função real.” Podemos perceber por meio da Teoria de Nobert Elias que os conteúdos da Educação Infantil convergem para o curso do processo civilizador.

Visto que, as relações se processam mediante as práticas sociais existentes, o respeito a si e aos outros, o respeito às normas e regras, o trabalho em grupo, o autocontrole, a organização do espaço, a participação nas atividades propostas, o cuidado com os brinquedos utilizados na aula, cuidado com o colega e consigo, são as atitudes que estaremos dando ênfase ao observarmos as crianças na creche no momento dessas interações, já que a criança tem seu comportamento adequado de acordo com suas vivências, e com o passar do tempo passa a se perceber como membro de sua sociedade.

[...] as práticas cotidianas na educação infantil incluem momentos de conversa, de história, de diferentes modos de brincar e realizar experiências com as linguagens, de higiene das crianças e de organização dos espaços, de elaboração, organização e

manutenção dos materiais e dos equipamentos, de alimentação, de horário de descanso, de segurança e de prevenção de acidentes, de prestação de primeiros socorros, de identificação dos mal-estares das crianças. Todas estas ações, e seus detalhes, são práticas pedagógicas no sentido em que as crianças, nesses momentos, estão ludicamente aprendendo e desenvolvendo hábitos, participando de sua cultura e dos modos de viver em comunidade. (BARBOSA 2009, p. 77).

A relevância que é dada a aprendizagem em contexto cotidiano, se dá devido ser a circunstância mais favorável à criança que se encontra em idade de creche para compreender e apreender os valores que lhe são necessários adquirir, uma vez em que envolve toda a ação e criação humana, onde todas as expressões e emoções fluem.

Vejamos, vamos refletir um pouco sobre o conceito atitudinal cuidar, nesse caso não estamos falando do cuidar enquanto eixo curricular que o professor precisa observar, mas no sentido em que à criança deve ser ensinada a cuidar e conserva os brinquedos que estão sendo utilizados nas aulas, ou o cuidado com o colega no momento de passar um bastão em uma corrida de estafeta. O cuidado é um conceito que a criança provavelmente já está familiarizada, uma vez que em casa junto à família, seus pares devem usar com frequência ao precisar alertar a criança de algum perigo. Sobre o termo cuidado Barbosa (2009, p. 69) explica que,

[...] todas as relações e interações entre os sujeitos pressupõem o cuidado. O cuidado, como modalidade específica das relações entre os humanos, é necessário para à sobrevivência. Assim, todas as práticas cotidianas são cuidados (os cuidados básicos, os cuidados com os ambientes coletivos físico, natural e social).

Esse é o viés pelo qual nossa pesquisa pretende enredar, no momento das aulas de Educação Física e não negando suas especificidades, por meio dos conteúdos atitudinais que proporcionam o aprendizado dos padrões e valores das práticas sociais, uma vez que a creche é um espaço que fará a criança entender que suas vontades individuais precisam entrar em conformidade com as necessidades coletivas. Isso é um processo que ocorre gradativamente, uma vez que a atenção do professor não se encontra em exclusividade para a criança.

A função da educação infantil nas sociedades contemporâneas é a de possibilitar a vivência em comunidade, aprendendo a respeitar, a acolher e a celebrar a diversidade dos demais, a sair da percepção exclusiva do seu universo pessoal, assim como a ver o mundo a partir do olhar do outro e da compreensão de outros mundos sociais. Isso implica em uma profunda aprendizagem da cultura através de ações, experiências e práticas de convívio social que tenham solidez, constância e compromisso, possibilitando à criança internalizar as formas cognitivas de pensar, agir e operar que sua comunidade construiu ao longo da história. (BARBOSA 2009, p. 12).

Outro ponto que nos chama a atenção a respeito da creche, é que esse espaço ajuda a criança no processo de individualização. Borges (1987, p. 04) descreve que “O ingresso no Maternal representa um marco no desenvolvimento do processo de separação e individualização da criança”. Pela via de um olhar mais macro, Elias (1994a, 1994b, 2006, 2012) aponta o processo de individualização do indivíduo como uma característica do processo civilizador.

Para um corpo criança, o mundo ao seu redor é um imenso quebra-cabeça, um atrativo jogo de encaixe que ela deseja montar, desmontar e remontar. Na escola, o movimento se desenvolve por meio do ensaio, erros e acertos com seus inúmeros e necessários ritos e rotinas de aprendizagem, a criança se apropria dele para explorar esse novo mundo que a cerca e com isso ter uma melhor compreensão de tudo que se passa ao seu redor, e no decorrer de sua vida esse movimento ganha significações que exercem influência sobre o seu comportamento. Nesse momento é que a relação adulto-criança se torna imprescindível para direcionar esse comportamento conforme os valores sociais benquistos.

Na fase da Educação Infantil, o corpo em movimento com a ajuda do adulto, gradualmente aprende a se movimentar de acordo com cada lugar e momento, isso não quer dizer que a criança obedece às regras sem nunca transgredi-la, muito pelo contrário, é comum as crianças desafiar os adultos para verificarem até onde podem ir. Sobre o assunto Le Boulch (1982, p. 81) alerta para o fato que “[...] se o meio é muito permissivo, sem limites, desencadeia na criança uma insegurança e a liberação de uma motricidade impulsiva, que será difícil de canalizar e de controlar”. Com essa afirmativa podemos perceber o quão é importante à presença do adulto para ajudar a criança na regulação de suas movimentações impulsivas, já que a criança experimenta corporalmente o mundo, Le Boulch (1982) enfatiza isso em seus estudos, e assim vai construindo seu pensamento.

Sabemos que na criança pequena os movimentos, a priori, não são intencionais, Le Boulch (1982, p. 30) esclarece que “Os movimentos espontâneos, mesmo não sendo pensado, dependem das experiências vividas anteriormente; não se trata de uma memória intelectual, mas sim de uma verdadeira memória corporal, toda ela carregada de afeto e orientada por ele”, e na medida em que a criança começa a explorar todo o seu envoltório e as possibilidades que a movimentação lhe propicia, aprende gradativamente a adequar seus movimentos e gestos às próprias intenções e as exigências da realidade. Desta forma, conforme Elias (2012, p.483) “da criança “incivilizada” vai se fazendo um adulto mais ou menos “civilizado””.

Conforme Le Boulch (1982), Vayer (1989) e Barbosa (2009) a compreensão corporal como linguagem pode contribuir efetivamente na ampliação das interações e da leitura de

mundo por parte das crianças, sendo por meio desse corpo que as informações são bem mais entendidas pelas crianças, pois é “[...] o corpo como álbum existencial, no qual ficam marcados, de alguma forma, todos os acontecimentos pertinentes à vida do ser humano [...]” (SCHILDER *apud* PUGA BARBOSA, 2003, p. 52), e nas escolas de Educação Infantil esses corpos são estimulados a partir dos valores e normas considerados mais pertinentes à sociedade.

Neste caso a rotina é um elemento que entra com toda a força nas instituições de educação infantil para auxiliar a criança na compreensão de tudo que se passa dentro desse espaço educacional. Matos (2015, p.67) explica que “[...] o tempo, não o natural, cíclico, mas o do relógio e do calendário, faz sentir seu efeito como um elemento de coação social”, e a rotina é organizada dentro de tempos fracionados como meio de criação de hábitos e atitudes que precisam ser adquiridos.

Essa rotina se torna essencial para a criança se situar no tempo e no espaço educacional, e para que isso ocorra, a escola se estrutura com horários para comer, dormir, brincar, fazer higiene, entre outras atividades, organizados dentro de um processo de repetição mecânica que passa a se reproduzir dia após dia, como se isso fosse natural e não apenas consequência de uma forma social e cultural de organizar o trabalho na instituição.

As rotinas podem ser vistas como produtos culturais criados, produzidos e reproduzidos no dia a dia, tendo como objetivo a organização da cotidianidade [...] É preciso aprender certas ações que, com o decorrer do tempo tornam-se automatizadas, pois é necessário ter modos de organizar a vida. Do contrário, seria muito difícil viver, se todos os dias fosse necessário refletir sobre todos os aspectos dos atos cotidianos. (BARBOSA, 2006, p. 37).

Cada momento da vida na pré-escola deve ser um momento pleno de estímulos, desafios e oportunidades para aprender, pois é nessa fase que a criança começa a trabalhar suas habilidades, hábitos, atitudes e atividades psicomotoras que vão preparando-a física, emocionalmente e mentalmente num grau crescente. Com isso, se faz necessário entender que a rotina é responsável pela organização e estruturação da compreensão da criança no cotidiano escolar, ela auxilia a criança a se compreender gradativamente dentro dos espaços que a creche oferece, facilitando assim a aprendizagem e o entendimento em grupo. Ela está atrelada à organização social e não se constrói espontaneamente, mas sim conforme as regras estabelecidas pela sociedade, e Elias (1994, p.24) fala que “tudo aquilo a que chamamos “estruturas e leis sociais” não são nada além de estruturas e leis das relações entre pessoas”.

É também por meio dessa rotina escolar, com os horários estabelecidos, que a criança passa a regular seu movimento de acordo com cada momento estipulado dentro dessa

estrutura de funcionamento institucional. Com a rotina, a criança passa a entender os espaços e horários que são permitidos extravasar sua movimentação, pois Barbosa (2006, p. 60) explica que “Os corpos ficaram cada vez mais regulados e administrados em nome da ordem social. O corpo solto torna-se imoral, desviado, desocupado e deve ser transformado, com a ajuda da educação moral, em corpo útil”. Sobre o assunto Elias (1994b, p.27) explica que “Somente na companhia de outras pessoas mais velhas é que, pouco a pouco, desenvolve um tipo específico de sagacidade e controle dos instintos”.

Notamos que a partir do momento em que a criança passa a frequentar um espaço social, a rotina age como reguladora dos movimentos, que precisam se ajustar a cada espaço que a creche dispõe “As rotinas pedagógicas da educação infantil agem sobre a mente, as emoções e o corpo das crianças e dos adultos” (BARBOSA, 2006, p. 191). De acordo com as atividades que são organizadas em horários, e nesse processo de compreensão do uso do movimento pela criança, a presença do adulto se torna primordial, Borges (1987, p.118) já afirmava que precisamos “Ensinar o uso exato do espaço que a criança tem para sua movimentação no ambiente, a fim de proporcionar uma vida coletiva disciplinar e ordenada”, e disciplina e ordem são fundamentais não apenas no espaço educacional, mas também em todas as dimensões da vida do ser humano.

Como podemos perceber, a rotina nas creches está diretamente ligada à organização social, que por sua vez é construída conforme as regras desenvolvidas pela sociedade. Com isso, a rotina pedagógica se tornou um componente de grande relevância para estruturar e organizar os tempos e espaços das instituições de educação infantil e nortear as crianças dentro desse espaço educacional, porém ela só é aprendida nos momentos das relações sociais.

Sabemos que a criança pequena demonstra desde o nascimento competências que são desenvolvidas em contextos de interação social, Leão (2007, p.38), a luz da teoria eliasiana, afirma que “as crianças se encontram em situação de dependência social em relação aos pais e mestres” e isto é significativo para a aquisição de padrões legitimado pela sociedade, uma vez que tais valores sociais são muito importantes para a convivência em ambiente social.

Diante do que temos apresentado a cerca dessas mudanças que uma criança vivencia, pensamos que o papel da creche enquanto instituição de ensino-aprendizagem é de dar suporte a criança para que ela construa um conhecimento em sociedade, além de consolidar as bases da personalidade dela enquanto ser humano.

2.2 A intervenção pedagógica do professor

Temos percebido o quão importante é a interação da criança com o seu meio humano para a aprendizagem das atitudes, valores e práticas sociais. E quanto maior a diversidade nas atividades propostas, estimulada por um mediador com mais experiência, mais rica será essa aprendizagem para o desenvolvimento infantil. Considerando imprescindível a participação do adulto como mediador neste processo, compreendemos a função do professor na instituição de Educação Infantil, como a de oferecer e apresentar situações diversificadas, a fim de promover um desenvolvimento integral da criança.

[...] de acordo com os conceitos de zona de desenvolvimento proximal, é a que não espera o desenvolvimento chegar, mas “empurra” a criança para ele. Dá especial destaque à figura do professor, na medida em que este, preservando a autonomia da criança, lhe dá pistas, ajuda-a a resolver problemas, motiva sua ação. Nesse sentido embutir as propostas pedagógicas em situações de brincar e jogo, quando isso for possível, tornará mais viável a superação, pela criança, das contradições inerentes aos desequilíbrios provocados pelo enfrentamento do desconhecido. (FREIRE, 2009, p. 171).

Usando como referência os estudos de Vygotsky (1994) o desenvolvimento da criança ocorre por meio de participação na rede de relações que compõe a dinâmica social, e isto Le Boulch (1982) tem reforçado. Nesse processo a criança dispõe de pessoas mais experientes, e no caso do espaço escolar geralmente é o professor, que lhe possibilita a apropriação de diversos elementos historicamente concebidos em sua cultura, como as formas de relações sociais cotidianas, costumes, linguagem, valores, técnicas e conhecimentos.

O processo de desenvolvimento do ser humano é construído por meio de sua relação com o contexto social em que está inserido. Nessa perspectiva, a aprendizagem do movimento corporal e o conseqüente desenvolvimento do ser humano estão relacionados com a interação entre este e seu contexto social, “[...] certos comportamentos motores referem-se a um tempo e a um contexto específicos, e que se tais comportamentos eram assim há séculos ou milênios atrás, provavelmente diferirão em tempos futuros” (FREIRE, 2009, p. 28). Pelo viés da teoria eliasiana podemos melhor entender isto em retrospecto, um exemplo utilizado por Elias é o ato de violência, estaremos nos apropriando desse seu exemplo que sofreu mudanças no decorrer do processo civilizacional para uma compreensão mais clara.

Na Teoria do Processo Civilizador, Elias (1994a) aclara sobre as mudanças em relação a utilização da força física para a resolução de problemas interpessoais, pois com a presença e fortalecimento do Estado, o desejo de justiça com as próprias mãos passou a ser considerado ilegal, levando o indivíduo ao maior controle emocional, “No processo

civilizador, vemos a monopolização da força física pelo Estado, mas ao mesmo tempo condiciona, induz ou obriga os indivíduos a viverem juntos controlando impulsos, afetos e suas emoções” (MATOS, 2015, p.63), controle esse que o indivíduo aprende a regular desde a infância.

No processo de aprendizagem do controle das emoções que influencia no controle do movimento corporal, ao frequentar os espaços educacionais na tenra idade, a criança passa a experimentar situações que auxiliam na compreensão de suas limitações e de suas movimentações nesse espaço coletivo. Borges (1987, p.119) esclarece que “Pela Educação dos Movimentos levamos a criança a aprender a viver em grupo, pois ela terá que enfrentar situações, liderar, ser liderada, mandar, conceder, respeitar, obedecer e conviver”. Como já foi falado anteriormente, o desenvolvimento da criança é contínuo e acontece desde os primeiros dias de vida, seu repertório aumenta e é aperfeiçoado com base no contato com o entorno, as pessoas e os objetos. E nesse processo ela entende muito do que lhe é dito, com forte tendência a imitar as ações do adulto.

Nesse caso, o professor tem papel fundamental nesta fase do indivíduo, pois ele é um mediador da aprendizagem das práticas sociais, e com ferramentas apropriadas ajudará a estimular e promover o desenvolvimento infantil. Elias (1994b, p. 30) esclarece dizendo que

A historicidade de cada indivíduo, o fenômeno do crescimento até a idade adulta, é a chave para compreensão do que é a sociedade. A sociabilidade inerente aos seres humanos só se evidencia quando se tem presente o que significam as relações com outras pessoas para a criança pequena.

Ou seja, o professor como principal mediador dentro do espaço educacional, auxilia na organização dessa nova mente social que se encontra em construção, preparando o microuniverso de vivências e experiências, onde as crianças buscam estabelecer vínculos, construindo um conhecimento progressivo e envolvente, pois “[...] é a mediação do adulto que vai favorecer, com a organização de sua ação, a organização das funções cognitivas e do pensamento na criança” (VAYER, 1989, p.64). Nesse caso, a afetividade é um rico canal de comunicação entre a criança, os objetos e as pessoas com quem convive.

Dentro do espaço creche, a aprendizagem das regras sociais se torna significativas quando nas relações o sentimento de segurança é estabelecido. E isso depende muito do nível de afeto existente durante as trocas e vivências, Vayer (1989, p. 50) explica que “No curso do período maternal [...] A afetividade é a “base interna” de todas as possibilidades de ação da criança” e Le Boulch (1982, p. 30) afirma que

A forma como é vivida a relação com o outro joga um papel essencial, podendo bloquear-se a espontaneidade se não existe uma boa relação. Fica claro que o desenvolvimento funcional e o aspecto relacional estão intimamente ligados, na medida em que o caráter espontâneo da expressão é fortemente influenciado pela forma como é vivida a presença da outra pessoa no plano afetivo.

Ao falarmos sobre afetividade temos que levar em consideração as emoções, que são expressões da vida e que são acompanhadas de reações e sentimentos, que compõe um domínio funcional tão importante para a vida social e emocional de um indivíduo. E no caso de trabalho com crianças tão pequenas, a afetividade é primordial na relação que é estabelecida.

A relação de afeto do professor com a criança é um elemento fundamental na prática pedagógica. Quando nos apoiamos nas palavras de Vayer (1989, p. 69) percebemos o quão é essencial a presença do adulto nesse processo, “O adulto torna-se [...] o catalisador das comunicações criança-mundo, das comunicações que vão evoluir num contexto social cada vez mais presente”, e em um processo a longo prazo, afirma Elias (1994a, 1994b, 2006, 2012) que o controle externo gradativamente diminui à medida que os indivíduos internalizam os modelos de auto coerção e se tornam cada vez mais capazes de dominar as próprias emoções. Nesse sentido, o respeito aos direitos estabelecidos deixa de ser apenas uma imposição do Estado para se transformar num comportamento natural do indivíduo.

Por meio do conceito de zona de desenvolvimento proximal de Vygotsky (1994) podemos notar que por mais que a criança seja potencialmente capaz de aprender os modelos de relações sociais com o avançar do seu desenvolvimento, é pela mediação do outro mais experiente que suas potencialidades se tornam real. A mediação, núcleo teórico central da teoria vygotskyana, é considerada como “o processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação; a relação deixa, então, de ser **direta** e passa a ser **mediada** por esse elemento” (*grifos da autora*, OLIVEIRA, 1997, p. 26). Esta autora destaca que, na perspectiva vygotskyana, o elemento intermediário que intervém na relação da criança com o meio é o outro sujeito mais experiente, que no nosso caso é o professor.

Essa mediação possibilita uma ação mais significativa da criança sobre o objeto, que passa a transformar, dominar e internalizar conceitos, papéis e funções sociais presentes na sua realidade, ou seja, os processos de mediação viabilizam os processos de aprendizagem, e nesse processo a criança aprende a utilizar certos desejos de modo significativo para formular concepções sobre o mundo e a trabalhar as emoções.

Barbosa (2009, p. 37) esclarece que “A postura do professor deve ser a de organizador, mediador e elaborador de materiais, ambientes e atividades que permitirão às

crianças construir ações sobre objetos e formas de pensamento”, ou seja, o professor é um mediador entre as crianças e os objetos de conhecimento, organizando e oportunizando espaços e situações de forma que os recursos e capacidades afetivas, emocionais, sociais e cognitivas sejam articuladas. Sua intervenção é extremamente necessária para que as crianças alarguem suas capacidades de apropriação das diferentes linguagens e dos conceitos sociais.

A creche por ser um espaço propício ao controle e autocontrole das emoções, ajuda a criança aos poucos ir aprendendo a regular suas pulsões instintivas a fim de entrar em conformidade com os padrões sociais existentes. E essa capacidade de se conter é substancial para as relações com pessoas de seu convívio, isto temos notado nas leituras em Elias, e o professor tem a responsabilidade de conduzir a criança nesse processo evolutivo. Borges (1987, p. 06) deixa claro que

Somos obrigados a interferir no prazer da criança, não, apenas, por motivos práticos, que surgem diariamente, no decorrer da educação de uma criança (saúde, segurança, exigências da família) mas, também, para possibilitar a evolução de um homem e uma mulher civilizados.

Nesse espaço, na relação com o professor e com atividades mediada por ele, a criança de posse do movimento para o deslocar e o explorar, experimenta corporalmente seus limites aprendendo a cada dia o significado da vida em comunidade. Porém, precisamos estar ciente que a internalização dos conceitos nessa fase do indivíduo, inicia pela via da experimentação corporal e, conforme Freire (2009, p. 75), “Não se passa do mundo concreto à representação mental se não por intermédio da ação corporal. A criança transforma em símbolos aquilo que pode experimentar corporalmente” e o professor precisa entrar com todo o seu conhecimento para alavancar o desenvolvimento infantil.

Temos visto que o ato de movimentar constitui uma importante dimensão do desenvolvimento e da cultura humana, pois é por meio da atividade motriz que é permitido às crianças expressar sentimentos, emoções e pensamentos, ampliando as formas e possibilidades do uso significativo de gestos motores e posturas corporais. Por essa razão na relação professor-criança se faz necessário que o professor funcione como suporte na ação educativa.

Vayer (1989, p. 68) enfatiza que “A ação educativa pode ser definida [...] como uma intervenção do adulto na comunicação criança-mundo, intervenção que visa facilitar na criança o reconhecimento dos elementos do mundo presente”. Na implicação pedagógica do professor com a criança, os gestos e as posturas comunicam intensamente, e nesse caso, a ação pedagógica do professor com a criança é uma ação de disponibilidade corporal.

O que queremos enfatizar com essas leituras é que o movimento se amplifica em significados no espaço educativo com a presença e mediação do professor devido ao fator intencional está fortemente conduzindo cada atividade planejada. Encontramos em Barbosa (2009, p. 43) ressalvas sobre esse assunto, “A ação pedagógica [...] é um ato educacional que evidencia a sua intencionalidade”, desta forma o processo de aprendizagem acaba por impulsionar o desenvolvimento da criança de maneira geral.

Neste caso a intervenção pedagógica do professor enriquecerá a aprendizagem da criança dependendo da forma como forem organizadas, vivenciadas, de preferência como temos visto relacionada ao contexto social, pois deste modo proporcionará o surgimento de variações e complexidades na aprendizagem da criança, resultando no desenvolvimento das funções psicológicas superiores, abordadas por Vygostsky (1994), que são evoluções das formas mais simples de resposta ao meio externo para formas cada vez mais complexas.

O professor precisa proporcionar à criança experiências, tendo os devidos cuidados para que estejam de acordo com sua compreensão, se colocando como um mediador em seu desenvolvimento como um todo, intervindo desde as questões motoras, passando pelas aprendizagens cognitivas e tomando posição nos aspectos sócio-afetivos. Borges (1987, p. 117) esclarece que

[...] esses exercícios tem como um dos seus objetivos preparar as crianças para a vida, dando-lhes a possibilidade de independência e de uma maior organização interior (normalização) [...] Atender a necessidade que a criança tem de se movimentar (motivo de atividade). Entretanto para que se consiga atingir esse objetivo, há a necessidade do professor saber preparar o ambiente, a fim de que a criança seja levada a agir por si.

Diante do exposto, o professor pode apresentar uma postura clara diante dessa criança, de forma a revelar os primeiros valores que serão incluídos aos poucos em suas atividades diárias. De modo que em cada momento vivenciado, estimule a criança para a compreensão de o porquê estar sendo repreendida ou parabenizada por seu ato em aula. Esta atitude do professor perante a criança se torna fundamental, pois Le Boulch (1982, p. 80) explica que

Muito rápido a criança alcança intuitivamente compreender que sua atividade tem uma significação positiva ou negativa para o adulto [...] necessário [...] que a significação da atividade da criança seja expressa claramente por uma mímica e um tom de voz, permitindo-lhe situar-se perante o sucesso ou o insucesso de sua tarefa [...] importância de que se revestem para a criança as *reações do adulto* frente a suas próprias atividades. (grifo do autor)

Vamos falar um pouco sobre as atividades que são desenvolvidas nas aulas de Educação Física, e o papel do professor dessa área de conhecimento no processo de desenvolvimento da criança que frequenta a creche e que à Educação Física tem acesso. Sabemos que a responsabilidade nesse processo não é apenas desse profissional como nos elucidada Matos (2015, p. 40)

O aprender conteúdos da Matemática, do Português, da Física, da História, da Geografia e outras áreas de conhecimento parte de propostas concebidas por homens e mulheres que direcionam a formação do indivíduo, com um adendo que os conteúdos sejam passados por profissionais específicos de cada área, porém espera-se que seja comum entre todos os profissionais identificar condutas exemplares e de boas maneiras.

Conforme a citação acima, todos os profissionais de uma instituição educacional, e no nosso caso a creche, são responsáveis pela formação da conduta de uma criança, que precisa internalizar os conceitos sociais. O que queremos abordar nos próximos parágrafos são as especificidades da Educação Física diante desse processo macro. Freire (2009, p. 164) afirma que

A Educação Física trabalha no plano da ação motora, mas, quando a maneira de propor as atividades provoca tomadas de consciência, aquilo que era material (corridas, saltos, arremessos e giros) torna-se conceitual. Em sala de aula trabalha-se no plano dos conceitos. A relação entre a Educação Física e as outras disciplinas, embora muito estreita, é pouco percebida.

Durante as aulas de Educação Física a ação motora da criança estimulada pelo professor, e que está carregada de intencionalidade pedagógica, é canalizada para desenvolver a habilidade na direção de um maior controle motor, para que a movimentação dessa criança possa ser realizada dentro do espaço com quem compartilha com outros colegas, de modo a utilizar esse espaço que lhe é de direito sem comprometer o espaço do outro que também tem acesso. E é nesse processo que podemos verificar

Quanto ao aspecto motor, os esquemas já constituídos continuarão a se desenvolver em termos qualitativos: novos arranjos, novas combinações se processam entre eles, e o que vemos é uma criança que corre mais veloz, salta mais longe, tem mais equilíbrio, manipula os objetos de forma mais refinada. (FREIRE, 2009, p. 33).

Nesses momentos de experiências motoras, o professor juntamente com os estímulos para o desenvolvimento dessas habilidades, introduz os conceitos sociais, como correr de modo a controlar sua velocidade para que tenha cuidado ao se aproximar do colega, tornando essa ação motora significativa para a criança, e isso é observável quando a criança diminui a velocidade em momentos de contato com o outro. Borges (1987, p. 118) explica que

precisamos “Levar a criança a ser capaz de controlar os movimentos, respeitando o outro, entendendo o que é ser livre, dentro de uma comunidade”, e nas aulas de Educação Física, encontramos um espaço propício para o desenvolvimento de aspectos sociais, ético e moral.

A Educação Física se encontra dentro de um contexto, que colabora em um longo processo para a transformação do indivíduo. Como a educação da criança perpassa por um corpo em movimento, podemos verificar o quanto a Educação Infantil e a Educação Física estão interligadas. E conforme consta na LBD Artigo 26 § 3º “A educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da educação básica [...]”.

A Educação Física, conforme Borges (1987), Oliveira (1985), Ferreira (2003), Freire (2003, 2009) é uma área de conhecimento que utiliza as atividades físicas, que são conduzidas por processos didáticos e pedagógicos, com a finalidade do desenvolvimento integral da criança, consciente de si mesmo e do mundo que a cerca. Diante disso podemos considera a Educação Física como parte da cultura humana, onde sua prática está ligada ao corpo e ao movimento que foram criadas pelo homem ao longo de sua história.

Entende-se a Educação Física Escolar como uma disciplina que introduz e integra o aluno na cultura corporal de movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, capacitando-o para usufruir os jogos, os esportes, as danças, as lutas e as ginásticas em benefício do exercício crítico da cidadania e da melhoria da qualidade de vida. (REVISTA..., 2002, p. 4).

Com isso, encontramos em Borges (1987, p. 18) os objetivos da Educação Física para a pré-escola que nos ajuda em nossa reflexão. Estaremos listando alguns no Quadro 1 a seguir:

Quadro 1 - Objetivos da Educação Física para pré-escola.

<p>Objetivos Gerais Adquirir controle motor; Desenvolver a habilidade motora; Desenvolver a habilidade de utilização do movimento, como instrumento de comunicação e expressão; Adquirir comportamentos e valores referentes ao ajustamento pessoal e social.</p>	<p>Objetivos Específicos - . Esquema corporal: Reconhecer o corpo, no seu todo, e diferenciar cada uma de suas partes, por meio do movimento; Realizar movimentos independentes e interdependentes, como os diversos seguimentos do corpo; Definir sua dominância lateral.</p>
<p>Objetivos Específicos - Orientação Espaço-Temporal Orientar-se no espaço, discriminando localização, direção e dimensão; Identificar e efetuar movimentos, discriminando as diferentes velocidades e trajetórias, no deslocamento do corpo e objetos.</p>	<p>Objetivos Específicos - Qualidades Físicas Estruturar movimentos que requeiram coordenação geral e seletiva; Equilibrar-se em diferentes situações, com ou sem deslocamento, controlando e ajustando sua postura; Melhorar seu desempenho na execução de atividades que requeiram força, resistência, flexibilidade, agilidade, velocidade</p>
<p>Objetivos Específicos - Expressão Corporal Representar, com movimentos corporais, elementos e objetos do meio circundante; Reproduzir, com movimentos corporais, posturas e comportamentos de animais e de pessoas; Movimentar-se, adaptando-se a diferentes ritmos; Conhecer e executar formas de expressões tradicionais do nosso povo e de outros povos.</p>	<p>Objetivos Específicos – Recreação Participar de jogos e brinquedos cantados, dramatização e mímicas; Cooperar nas atividades de grupo, aceitando diversos papéis</p>

Fonte: Adaptado de Borges (1987).

Como podemos observar conforme os objetivos descritos acima, as habilidades motoras são trabalhadas durante as aulas desenvolvendo nas crianças o controle motor, auxiliando no seu deslocar em ambiente social. Seus processos didáticos e pedagógicos promovem a interação social, visto que, normalmente as atividades são realizadas em grupos, os quais respeitam ao preceito da colaboração entre seus participantes, estimulando na criança a observação e conseqüentemente na interiorização do comportamento social, que proporciona o domínio de si mesmo, o autocontrole, o respeito e cuidado ao próximo. Desta forma, a Educação Física tem papel fundamental na construção dos significados pela criança por meio do movimento, Puga Barbosa (2011, p. 83) esclarece que,

A Educação Física consegue acoplar ações advindas de pensamentos e percepções, as quais na vida cotidiana são correntes, fluentes, a todo o momento, levadas à instrumentação pedagógica. São elaboradas com fins de consecução de objetivos dos domínios cognitivos, afetivos e psicomotor entrelaçados.

Com base na citação acima, percebemos que a Educação Física escolar tem um papel fundamental na preparação da criança para um confronto de informações, que ao serem recebidas precisam ser compreendidas, selecionadas e adaptadas de acordo com o momento, pois servirá para que saiba principalmente identificar as mais adequadas no uso de seu cotidiano. Ela essencialmente proporciona a participação e motivação de seus participantes em atividades que ativam suas emoções. Emoções essas que precisam ser reguladas para que

não se tornem impulsos desequilibrados que prejudique a convivência em grupo, preparando assim a criança para a observância dos valores sociais.

É fundamental deixar claro que, os objetivos da Educação Física escolar é dar oportunidade a todas as crianças para que desenvolvam suas potencialidades, transformando-a em um ser humano autônomo, crítico, organizado, sabendo respeitar aos outros e ser respeitado por eles (BRASIL, 1997). Contudo, o professor de Educação Física que se propõe a trabalhar nessa fase escolar precisa ser cuidadoso ao elaborar as ações intencionais, pois por mais simples que seja uma atividade aos olhos de um adulto, certas atividades podem paralisar uma criança que sinta medo ou dificuldade ao realizá-las. Aqui vale lembrar as palavras de Vayer (1989, p. 78) “O contato com o adulto, associado à palavra apaziguadora, propicia a segurança à criança”, esses são momentos em que o professor auxilia tanto a evitar acidentes quanto a dar mais confiança aos pequenos, por essa razão temos enfatizado tanto a presença do adulto nesses processos.

Nas aulas de Educação Física, o professor tem como desafio fazer com que a criança se sinta a vontade para explorar com desenvoltura e segurança suas habilidades motoras, uma vez que algumas crianças apresentam melhor facilidades que outras. Além disso, nas aulas as crianças ficam mais expostas: nos jogos, brincadeiras, desafios corporais, entre outros (BRASIL, 1997, p. 46).

Especificamente nesse contexto, vale ressaltar que cabe ao professor a responsabilidade de orientar a criança a se movimentar de modo seguro no espaço coletivo, para que esse corpo em movimento não ultrapasse os limites das regras sociais mantendo a ordem, sendo justamente nesses momentos que a regulação do movimento se torna real e gradativo, “O poder dos pais e educadores sobre as crianças e os jovens, fortalecido por bases científicas, passou a ser exercido com o intuito de criar bons hábitos alimentares, de reprimir e domar os instintos, de adestrar o corpo [...] de ensinar a viver em um espaço de ordem.” (BARBOSA, 2006, p. 59), tais palavras da autora está em consonância com o que Nibert Elias tem nos explicado.

Em Elias (1994a, 1994b, 2006, 2012) o desenvolvimento dessas práticas sociais se configura por meio do processo de autocontrole, que é um elemento identificado na perspectiva da Teoria do Processo civilizador, um processo de civilidade que todo ser humano passa desde o momento de seu nascimento. Leão (2007, p.44), pesquisadora do processo civilizador dentro do espaço educacional, aponta que “A civilidade é, antes de tudo, uma arte sempre controlada da representação de si mesmo para os outros”, e esse comportamento

recebe muita influência dos exemplos que são observados no dia a dia pela criança no momento das interações adulto-criança.

Nessa fase até onde compreendemos a criança ainda não tem como fazer algumas relações e o conhecimento das regras aos poucos vai se fortalecendo. Por essa razão, entendemos que a capacidade de tolerar, esperar, se frustrar, dividir, são habilidades que devem ser estimuladas na criança, por serem ferramentas essenciais para criar o autocontrole permitindo a observância das regras sociais, e isso é um processo que ocorre durante as relações interpessoais.

Borges (1987, p. 117) deixa claro que cabe ao adulto essa responsabilidade “[...] no sentido da civilidade [...] Devemos ensinar a ela como andar, como usar as mãos, como segurar os objetos, como abrir e fechar uma porta, como desce e subir uma escada [...] devemos ensinar a criança a se controlar”, pois uma criança que cresce e desenvolve seu autocontrole será um adulto mais estável, tendo em vista que saberá lidar com suas frustrações e com a paciência que esta vida nos exige. E no espaço da creche, por uma perspectiva fisiológica, Matos (2015, p. 38) enfatiza o controle dos esfíncteres, já que a criança deve se libertar das fraldas.

A questão da intervenção do professor de Educação Física, durante as atividades desenvolvidas nas aulas, se relaciona com as abordagens que temos levantado a respeito do movimento humano como forma de expressão cultural regado de valores construídos pela sociedade ao longo dos tempos. Nessa concepção, a Educação Física é muito mais que simples conceitos e regras de desporto, pois suas práticas corporais estão embasadas dentro de um contexto sociocultural, e no caso da creche às crianças precisam ser estimuladas nessas práticas sociais, práticas essas que fazem parte do conteúdo da educação infantil.

As intervenções realizadas pelo professor de Educação Física, no momento das aulas na creche aparecem como mediadoras, que em interdisciplinaridade tem introduzido os valores que tem sido apresentado à criança desde o momento de seu ingresso na instituição, e estão relacionadas com as aprendizagens das práticas socialmente desenvolvidas nas salas de aula junto às professoras responsáveis pela turma.

Com isso toda a organização, tanto de espaço, material ou atividades ocorridas nas aulas de Educação Física se encontra nutrida de ação pedagógica intencional com a finalidade de contribuir com o processo de desenvolvimento das práticas sociais na criança, tais como: o respeito a si e aos outros, o respeito às normas e regras, o trabalho em grupo, o autocontrole, a participação nas atividades propostas, o cuidado com os brinquedos utilizados nas aulas e o cuidado com o colega e consigo.

Freire (2003, p. 31) enriquece a importância do professor no processo de educação da criança ao deixar claro que “[...] os educadores preocupados com o futuro da humanidade devem concentrar seus esforços para que o ensino caminhe no sentido de educar prioritariamente para o coletivo”. Destarte, se considerarmos a construção histórica das práticas corporais associada aos valores sociais e sua influência na qualidade de vida em coletividade, estaremos possibilitando a obtenção de um corpo de conhecimento capaz de dar conta de todos os conteúdos da Educação Física respeitando a realidade da criança em todas as dimensões que envolvem a vida humana.

Contudo não podemos esquecer, e isto temos visto nas leituras em Elias, que as instituições educativas são historicamente um espaço modelador de condutas e ações, e a Educação Física escolar se encontra dentro desse macrossistema estando subordinada às normas estabelecidas pelo Estado. Os campos pesquisados tem nos revelado a presença firme e constante de estratégias de dominação do corpo, que precisa levar à criança a regulação de seus impulsos e desejos, de modo a ajudá-la a apropriar-se de atitudes e valores aceitáveis em meio social. A educação na ou da infância, compreende constantes esforços diante do processo civilizador ao qual nos tem falado Elias (1994a, 1994b, 2006, 2012), onde os dispositivos civilizadores encontram espaço em todos os momentos que abrangem a rotina dentro da creche.

A Educação Física, enquanto área de conhecimento tem buscado vislumbrar outras possibilidades em compreender o movimento humano, com experiências significativas e individuais realizada sempre em contato com mundo social. E no extenso estudo do movimento humano exposto pelos autores, se nota a importância do movimento ao ser humano, onde todos enfatizam a importância das interações entre o adulto e a criança, para que ela possa compreender o quão é fundamental se movimentar de modo socialmente consciente, aonde seus atos gradativamente são ajustados de acordo com os valores e padrões sociais.

2.3 A presença planejada do professor de Educação Física na creche

A pesquisa de campo foi a etapa do estudo que nos permitiu observar e descrever o comportamento infantil em ambiente social, “A experiência de campo dá suporte ao pesquisador para conviver de forma mais espontânea em variados ambientes” (MATOS, 2015, p. 79). E nesse período as concepções estudadas têm sido percebidas no universo

empírico de modo a aclarar nosso entendimento a respeito dos conceitos apresentados no referencial teórico.

O planejamento pedagógico, que pode ser visto no Apêndice A foi o ponto chave para demonstrar a presença da professora de Educação Física na creche, mostrando neste como foi construído as ações futuras e implementadas com os alunos pesquisados. O período de 03/04/2017 a 26/04/2017 nos possibilitou verificar características das crianças nas relações interpessoais e sociais, criando laços de confiança. Esse processo será descrito no subtítulo posterior a este.

Com a leitura em Le Boulch (1982), Vygotsky (1994) e Elias (1994a, 1994b, 2006, 2012) em coadunação com anos de experiência em creche, nos possibilitou a tratar esse primeiro momento com cuidado e atenção, dando a devida importância para que se estabelecessem esses laços afetivos de modo a usufruirmos qualitativamente das observações durante esse período, viabilizando os objetivos planejados.

O planejamento do período de 02/05/2017 a 24/07/2017 nos auxiliou a organizar as aulas de acordo com o que as crianças precisavam experimentar para que pudéssemos estar observando seu comportamento durante as trocas sociais, e durante sua aplicação nos ajudou a verificar o que elas conseguiam fazer, assim como permitiu identificar as que precisavam de acompanhamento do professor para alcançar o desenvolvimento de suas competências com autonomia. O detalhamento desse período poderá ser visto no próximo capítulo.

As aulas foram conduzidas predominantemente por jogos pré-existent, adaptados, e que estão relacionados à conteúdos que estimulavam práticas sociais. Como todas as ações eram intencionais, pois cada jogo tinha a finalidade de trabalhar o desenvolvimento de habilidades tanto motoras quanto sociais, buscamos estimular ludicamente conceitos como cuidado, respeito, partilha entre outros, influenciando diretamente na construção do comportamento dessas crianças. Com isso, nessas aulas de Educação Física, conseguimos visualizar no momento do jogo os conceitos levantados nesse estudo.

Vale ressaltar que nós professores exercemos grande influência sobre a criança por estarmos envolvidos em uma relação recíproca de afetividade, pois os sentimentos de admiração e de respeito acabam por passar do âmbito familiar para o professor a partir do momento em que a criança adentra o espaço escolar. Por essa razão, os conteúdos planejados recaem diretamente na postura do professor, que precisa ser firme mais ao mesmo tempo amorosa, segura e ao mesmo tempo propiciar autonomia a criança, e dessa forma ajudar no desenvolvimento da aprendizagem das práticas sociais.

Os materiais utilizados pertenciam à própria instituição e muitos eram materiais alternativos produzidos pela professora de Educação Física, algumas bolas específicas de desporto foram enviadas pela Secretaria de Educação, mas nenhuma com peso ou tamanho adaptado às crianças da creche. As aulas eram acompanhadas pelas professoras das turmas participantes da pesquisa, porém não direcionadas por elas, suas intervenções ocorriam mais em relação ao comportamento das crianças e quando algumas precisavam de estímulo para participar. Após cada aula, foi feita a descrição em um caderno de registro, buscando relatar os fatos sem nenhum tipo de análise dos mesmos.

A intenção pedagógica nos levou a ofertar uma diversidade de atividades e materiais disponibilizados durante as aulas de Educação Física, várias regras sociais foram apresentadas e trabalhadas, auxiliando a criança no entendimento da importância de, por exemplo, compartilhar os brinquedos durante as aulas. A intencionalidade de nossas ações permitiu uma prática educacional direcionada por objetivos claros, como o cuidado ao passar o brinquedo para o outro em um jogo envolvendo corrida e dessa maneira, as crianças passaram a se expressar com maior autonomia, se envolvendo nas experiências corporais, aceitando com maior tolerância as regras sociais que a elas foram colocadas.

Compreendemos que a ação intencional do professor na aula, não apenas favorece a comunicação durante a relação do professor com a criança, bem como possibilita o estabelecimento de um ambiente favorável para o processo de aprendizagem das práticas sociais. Trabalhar com intencionalidade nos permitiu alcançar os objetivos e propósitos desta pesquisa.

2.3.1 Impactos iniciais do primeiro mês: A adaptação

Após a análise dos dados contidos no caderno de campo, iniciamos a seleção dos eventos interativos, de modo a contemplar os aspectos que pretendia analisar por meio das leituras que nortearam nosso estudo e as ações observadas. Apesar de termos restringido nossa pesquisa ao espaço das aulas de Educação Física, durante o primeiro mês em contato com as turmas em sua rotina, foi observado e registrado várias ações em momentos fora do espaço da pesquisa, com isso, pensamos ser pertinente compartilhar essas informações, já que muitas dessas ações foram refletidas posteriormente no momento do jogo.

Diante do exposto, os achados sobre as práticas sociais como referência de comportamento social para a criança na creche serão descritos em dois momentos. Por ora estaremos compartilhando as observações fora do espaço da aula de Educação Física.

A proposta de passar um mês em contato com as turmas, acompanhando-as em sua rotina diária antes de aplicar os jogos, foi um momento que nos ajudou a criar um laço afetivo, de confiança tanto das crianças quanto das professoras responsáveis pela turma. Essa relação que construímos junto aos participantes da pesquisa foi tão fundamental para o envolvimento dos mesmos, que os dados foram coletados sem que houvesse uma mudança de postura principalmente por parte das professoras que tem maior consciência sobre pesquisa.

É verdade que no início houve várias perguntas sobre o que eu estava pesquisando, e qual era o meu olhar, e tão logo a elas foi esclarecido que seria somente em relação ao comportamento e atitudes das crianças, verificamos que houve uma maior aceitação a minha presença no espaço empírico. Com isso, ao me verem como colega de trabalho, apresentando para as crianças como professora de Educação Física, com o tempo notei que não me viam como pesquisadora. De certa forma, isso facilitou e muito no período que estive em contato com todos.

O contato direto com as turmas iniciou em um período bastante delicado para a instituição, período de adaptação. Podemos constatar que esse é um momento na vida da criança bastante delicado e que precisa de uma atenção especial para que o processo seja o menos doloroso possível, já que a ausência da mãe ou de um indivíduo familiar causa frustração, insegurança, sensação de abandono. Notamos que esse período exige muita habilidade e esforço por parte das professoras para criar os laços necessários com a criança para que ela se sinta confortável nesse novo ambiente humano. Para isso Le Boulch (1982, p.77) aconselha

Para entrar em relação com a criança, é necessário buscar seu olhar, estar atento a suas diferentes expressões e dar tempo à criança a familiarizar-se com o rosto estranho. Todo comportamento agressivo: brusco, fechamento de sobrancelha, voz alta provocam imediatamente o medo. *A criança distingue o comportamento amigável daquele agressivo.* (grifos do autor).

Em nossas observações verificamos que os laços de confiança e segurança foram construídos desde o primeiro contato da criança com o seu novo ambiente humano, a creche. E no início houve muita recusa por parte das crianças, e a forma como foi conduzido esses momentos tensos influenciaram nas relações interpessoais, que gradativamente foi sendo estabelecidos e com o tempo as crianças passaram a se relacionar com as professoras de modo mais descontraído.

Durante a interação na turma das crianças de 1 ano de idade, verificamos que o momento da entrega da criança à instituição até na primeira hora do dia, o choro era o que

mais se fazia presente na sala de aula, ecoando por todos os ouvidos que podia alcançar. Os esforços das professoras para acalmá-las se diversificavam indo de carinhos, colo, vídeos, brinquedos à conversas individuais na tentativa da criança compreender que “depois a mamãe vem buscar você”, ora algumas crianças se acalmavam, ora algumas voltavam a chorar e essa cena se prolongava ao longo do dia. Somente quando a maioria se encontrava mais calma é que as atividades, de rotina ou não, puderam ser realizadas de modo significativo.

Passado 1h dentro da creche, a maioria das crianças já se encontravam tranquilas. K... é uma criança que demonstrava muita insegurança com estranhos, e uma estratégia usada para tentar ganhar sua confiança, foi no café da manhã dar a ele o mingau. K... mesmo desconfiado se permitiu interagir (a fome superou o estranhamento). Enquanto alimentava K..., precisei de papel-toalha para limpar a sua boca. Mas o papel estava longe, perto das professoras da sala de aula, então uma das professoras pediu à V... que me entregasse o papel (V... foi uma das crianças que mais demonstrou dificuldade em confiar, e durante toda a pesquisa de campo no momento das interações, nem a possibilidade de saciar sua fome quando tentei alimentá-lo na hora do almoço deu certo). A professora entregou o papel na mão da criança, falou o meu nome e disse para me entregar, V... foi se aproximando devagar e a uma distância, esticando os braços, entregou o papel e se afastou imediatamente. De todas as crianças dessa turma P... foi a criança que mais se identificou de imediato comigo, não demonstrando nenhuma resistência ou dificuldade para se relacionar.

No momento da roda de conversa pudemos observar que algumas crianças são mais monitoradas pelas professoras que outras. Notamos que as mãos são flagradas no cabelo do colega realizando pequenos puxões ou empurrando o colega para afastar para longe. Nessas ocasiões temos averiguado que a professora fala o nome da criança, que direciona o olhar para a professora ouvindo a frase “não pode machucar o colega”. Se a criança compreende ou não o significado dessa informação, não tenho como afirmar, mas foi observado que a criança interrompe a ação.

Na hora da atividade livre que nessa mesma manhã foi no hall, espaço onde ficam os cavalinhos, P... demonstrou ter o costume de brincar com outras crianças, mostrando o interesse em querer interagir com as outras crianças de sua turma. E... já demonstrou preferir brincar sozinho, com isso P... irritava porque E... se recusava a interagir com ele. De volta a sala de aula, ainda em brincadeira livre, verificamos que L... em disputa de brinquedo a mão era utilizada como defesa ao mesmo tempo em que tentava fazer prevalecer sua vontade. A intervenção das professoras a princípio pareceu passar despercebida, mas notamos que o

reforço do “não machucar” após ser enfatizado fez com que a criança atendesse o alerta da professora.

Como pudemos constatar a segurança, a afetividade, a confiança são sentimentos que precisam ser estimulados durante as trocas sociais, lembrando que isso se dá a longo prazo com algumas crianças enquanto que outras apresentam uma aceitação sem muita dificuldade. Nesse caso o professor é o principal responsável por prover os meios necessários para que o processo de desenvolvimento da criança seja expressivo. Verificamos também que nos primeiros contatos com as crianças, nós enquanto adultos que já temos certo entendimento das características do comportamento infantil graças às teorias e estudos que temos acesso, podemos contribuir para que durante esse processo de adaptação, a criança possa superar de forma significativa suas dificuldades afetivas.

Tivemos a oportunidade de presenciar em uma das manhãs, logo após o desjejum, um momento de organização da sala de aula, onde as professoras estavam recolhendo os brinquedos que se encontravam espalhados pelo chão. Em uma ação intencional foi solicitado à ajuda das crianças que responderam à convocação sem muita insistência, nesse momento verificamos que as crianças demonstraram compreender o que lhe foi solicitado pelas professoras, ajudando na organização do espaço coletivo.

Durante as ações observadas e registradas no caderno de campo, constatamos o quanto se faz necessário a aprendizagem dessas práticas sociais na tenra idade, para que no desenrolar da vida a criança em algum momento desse processo civilizacional, possa a vir se torne um cidadão capacitado a conviver em um ambiente social, dando sua contribuição enquanto indivíduo singular, caso contrário sofrerá as sanções desenvolvida pela sociedade.

Quanto à afetividade, elemento fundamental para o estabelecimento de uma relação qualitativa na creche, podemos averiguar que a relação entre as professoras e as crianças, assim como as intervenções envolviam bastante contato físico. Na roda de conversa as professoras rotineiramente iniciavam com uma música que os gestos estimulavam o contato físico (abraço), e durante esse momento a maioria das crianças apresentaram resistência para demonstrar/agir de modo carinhoso uns com os outros, presenciamos em uma das ocasiões, as professoras ao tentar estimular o abraço, que V... empurrou a colega que a professora estava ajudando a realizar o ato de abraçar, e nesse caso as intervenções psicológicas se manifestaram, com frases explicativas como “não pode machucar o colega, amiguinho é beijinho e abraço”. Em contrapartida notamos que a interação da professora de sala de aula com a criança é mais bem aceita pela maioria, o abraço com a professora ocorria com mais frequência sem nenhuma resistência ou recusa.

Com o passar das horas em outro momento, de atividade livre, as professoras disponibilizaram brinquedos iguais que foram distribuídos entre as crianças. Ainda assim, V... pegou o brinquedo (girafa) de H... que gritou balbuciando para a professora, que imediatamente falou “V... devolva a girafa para H...”, mas V... continuou com as duas girafas. A professora se aproximou, conversou com V... pegou o brinquedo falando para devolver o brinquedo para a colega porque ele já tinha uma girafa, V... demonstrou resistência na devolução, mas precisou soltar o brinquedo.

Diante dessas observações, podemos confirmar o quanto a intervenção do professor é importante durante as trocas sociais para auxiliar a criança, pouco a pouco, na compreensão de respeitar determinadas regras sociais para que assim a ordem se faça presente. Apesar de sabermos que existem características peculiares a determinada fase de desenvolvimento infantil, como nos esclarece a teoria piagetiana, aqui tomamos como referência a ideia de Vygotsky (1994, p. 113), pois compreendemos que o papel do professor é de interferir na zona de desenvolvimento proximal da criança, ocasionando avanços que em situação normal não aconteceriam espontaneamente. Nesse caso, a intervenção para o processo de compreensão do respeito ao outro e o compartilhar é iniciado, direcionando a criança para a observância dessas práticas sociais.

Concordamos com Elias (1994a, 1994b, 2006, 2012) sobre os processos de compreensão das práticas sociais iniciados na infância, quando deixa claro que os impulsos de satisfação do próprio prazer da criança desde cedo começa a ser direcionado para um maior controle emocional. E nesse caso damos ênfase no papel da interação social na relação professor e criança por desencadear o processo de internalização das informações e apropriação das atitudes sociais. Desse modo esperamos que a criança em um processo de longo prazo, passe a compreender o porquê necessita respeitar tais regras sociais, e com isso passe a compartilhar os espaços sociais, assumindo uma postura mais civilizada.

Durante o primeiro mês de acompanhamento da turma de 2 anos de idade, observamos que o período de adaptação dessas crianças se encontrava com mais tranquilidade, notamos que uma ou duas crianças choravam, um choro mais contido, e isso ocorria assim que entravam na sala de aula. Esse choro se fazia presente com mais frequência enquanto as crianças estavam sendo recebidas pelas professoras e raramente se estendia em outros momentos da rotina. E como as crianças eram colocadas juntas assistindo vídeo infantil, a interação entre seus pares ajudava a acalmar o desespero de estar em um espaço fora do familiar, e isto temos visto em Matos (2015) como um mecanismo civilizacional utilizado dentro dos espaços de educação infantil.

Porém juntas não significa ausência de conflitos, pois as intervenções nessa turma começavam cedo. A frase “não pode machucar o colega” era bastante falada às crianças que às vezes repetiam verbalmente a proibição em forma de pergunta/afirmativa “não pode machucar! né?”.

Verificamos que para reforçar o bom comportamento, algumas crianças repetem “eu, ou a fulana, é uma princesa”, provavelmente isso já lhe foi dito pelas professoras anteriormente, assim como sabemos que isso é um recurso utilizado por elas para estimular as atitudes que representam os padrões sociais, e quando um dos meninos repetia que também eram princesas, a professora informava que “princesa é somente as meninas e que ele é um rapazinho”.

De acordo com as observações registradas, constatamos que as coerções que temos visto na leitura em Elias (1994a, 1994b, 2006, 2012), Sarat (2014) e Matos (2015) se mostram eficazes nesse processo de compreensão de uma atitude vista como apropriada em ambiente social, uma vez que as próprias crianças repetem para si e para seus companheiros de brincadeira como devem se comportar, como devem agir em espaço coletivo. É certo que isso não significa que a criança que repete tal afirmativa vá ficar o dia todo “sentada como uma princesa”, mas nesse momento podemos dizer que se iniciou o processo de internalização das informações – explicado por Vygotsky (1994) – das aprendizagens das práticas sociais que na creche se dá pela via desse mecanismo lúdico.

Algo que pudemos constatar no maternal II foi que, a maioria das crianças durante as atividades livres envolvendo objetos preferem interagir sozinhas com esses brinquedos e raramente aceitam outra criança quando estão de posse de algum objeto que lhe é interessante. A interação ocorre somente se a professora intervier estimulando a partilha, somente assim elas permitem que outros entrem em sua brincadeira.

Em outro dia, no momento da brincadeira com brinquedos em sala de aula, a professora ofereceu vários objetos que podiam ser montados, maioria das crianças estava construindo seus brinquedos (lego) e brincavam sozinhas. Em um determinado momento da aula, a professora disponibilizou uma casa grande na cor rosa e lilás de montar, levando as meninas a se reunirem em volta. Aqui verificamos o início das tensões, pois umas queriam ter mais preferência que outras. As professoras nesse momento fizeram as intervenções necessárias reforçando o compartilhar do brinquedo, onde a informação foi aceita por umas, porém recusada por outras.

Podemos constatar isso no comportamento de M... que impondo sua vontade (geralmente gostava de coordenar a brincadeira) empurrou E... ordenando “sai daqui!”, E...

correu imediatamente a uma das professoras que entreviu verbalmente e M... teve que permitir o compartilhar da casa. As intervenções ocorriam constantemente L..., M... e E... foram as que mais brincaram juntas nesse momento (mesmo com conflitos e tensões) não permitindo que outros entrassem na brincadeira.

O tempo todo, as professoras precisavam reforçar para as três que “estão brincando juntas”, porque sempre tinha uma tentando tirar alguém da brincadeira. O restante das crianças, na maior parte do tempo brincou sozinho. Podemos notar aqui que essa ação pedagógica intencional da professora visou proporcionar por meio dessa brincadeira a experiência de uma atividade em grupo, estimulando assim as práticas sociais que a creche precisa desenvolver nesse novo ser.

Essa observação que foi registrada durante a pesquisa de campo, nos chama atenção para a fase que Piaget (1975a, 1975b) chama de egocentrismo, que é normal em crianças nessa fase. O que não é aceitável é a sua continuidade em mais idade, pois a partir do momento em que a criança começa a interagir, todas as ações planejadas pelo professor se direcionem para que ela comece a se adaptar conforme as exigências sociais.

Nossos primeiros contatos com a turma de 3 anos de idade, constatamos que raramente as crianças se encontravam chorando, e quando uma criança chegava à escola nesse estado sentimental, logo que o responsável familiar ia embora a criança se acalmava. Durante o período em que as crianças eram recebidas, as professoras mantinham a ordem social da sala de aula da seguinte maneira: na entrada as crianças ficavam sentadas em cadeirinhas uma do lado da outra assistindo filme infantil (neste dia assistiam “Dora”), dessa forma as crianças ficavam contidas, com a atenção voltada para a TV.

Um fato ocorrido neste dia, merecedor de registro, foi que depois de passado um determinado tempo, acabou o desenho e uma das crianças chamou minha atenção, “ei (apontando para a TV) acabou!” imediatamente levantei, me dirigi ao controle do DVD e reiniciei a programação fazendo com que as crianças continuassem organizadas enquanto a professora responsável pela sala de aula finalizava o recebimento das demais crianças.

Aqui podemos verificar que as crianças aceitaram rapidamente minha presença na sala, se reportando a mim como um adulto que faz parte do seu meio social, lembrando que desde o primeiro momento que entrei em contato com elas fui apresentada como professora, e algumas crianças conheci quando ainda não havia me afastado da creche por conta do mestrado.

O processo de transição e com ele os elementos que levam um adulto estranho a se tornar um adulto confiável, temos apresentado junto à leitura de Le Boulch (1982), mas vale

ressaltar dois fatores que contribuíram para a aceitação rápida de minha presença nessa turma. A primeira, foi que a maioria das crianças já me conheciam desde 1 ano de idade, foram alunos durante o ano de 2015 todo e início de 2016, pois fiquei de licença para estudo em Março de 2016. Segundo, porque desde o primeiro momento com elas as professoras da sala me apresentaram para turma como professora, desse modo, as crianças que não me conheciam, vendo a maioria abraçando, trocando carinho, notei que o processo de confiança e segurança em um adulto que estava chegando pela primeira vez na sala, foi sendo estabelecido, criando desta forma um laço afetivo que permitiu uma interação interpessoal logo de imediato.

Durante nossas observações, constatamos que há uma maior aceitação nesse grupo de crianças em brincarem juntas, apesar dos conflitos, as interações interpessoais são mais admissíveis com pouca intervenção das professoras, onde as negociações dos brinquedos ocorrem entre as próprias crianças, estimulando práticas sociais como a partilha do objeto.

Em um dos dias acompanhando a rotina da turma, logo após serem organizadas nas mesas em pequenos grupos de 4 a 5 crianças, as professoras distribuíram brinquedos de montar (lego), e as crianças construíram diversos brinquedos como, aviões, robôs, carro, ponte, etc., onde o compartilhar é uma prática de solidariedade bem negociada nessa turma. Observando pudemos testemunhar que Y... desmontou a ponte de A... para pegar uma peça lilás (acredito que a cor chamou sua atenção). Vendo o ocorrido cheguei a pensar que iriam entrar em conflito precisando da intervenção de uma das professoras, porém A... só olhou para o quê Y... estava fazendo e disse “ai ai”, em seguida pegou outra peça e encaixou, reconstruindo a ponte. Y... e A... são colegas desde o primeiro ano na creche e já desenvolveram uma relação de amizade. Durante a brincadeira as crianças utilizaram seu brinquedo construído para brincarem uns com os outros.

Podemos notar que as crianças vivenciando experiências em ambientes sociais, realizam as trocas sociais de modo a preservar a harmonia no convívio interpessoal, onde o compartilhar brinquedo, a ajuda na organização ao final da brincadeira se encontra presente em todas as turmas, e todas essas práticas são enfatizadas nos documentos que norteiam a educação infantil (BRASIL, 1998b).

Para que a interação interpessoal ocorra de modo apreciável favorecendo o desenvolvimento de práticas sociais, pudemos verificar o quão é importante ganhar a confiança da criança nos primeiros contatos, fazendo-a se sentir segura, criando assim laço de amizade durante as trocas sociais, onde a afetividade surge como essencial nesse processo como tem nos falado Le Boulch (1982).

Dessa forma, as intervenções do professor para estimular a apropriação dos valores sociais por essas crianças que se encontram em formação social, são passadas no momento dessas trocas sociais, que gradativamente vão sendo internalizados, e isto temos visto nos estudos de Vygotsky (1994).

3 A IMPORTÂNCIA DA INTERAÇÃO SOCIAL NO PROCESSO DAS PRÁTICAS SOCIAIS

Iniciamos este capítulo apresentando a teoria social otimizada por Elias (1994a, 1994b, 2006, 2012), que em uma perspectiva processual desvela elementos que preparam a criança para o convívio em sociedade. Estaremos fazendo uma breve reflexão acerca da obra de Ariès (1986), que dentro de uma abordagem histórico-social nos ajuda no entendimento da evolução do olhar do adulto sobre a criança causando mudanças na forma de tratar essa criança. Trazemos uma breve revisão da literatura sobre a interação social referente ao estudo de alguns pesquisadores sobre o processo vivido pela criança dentro da creche, relacionando esse conceito com o processo de internalização das práticas sociais pelas crianças no convívio em grupo.

Ao fazermos um levantamento de dissertações que se dedicaram a algum aspecto das interações sociais, pudemos averiguar que em sua maioria está centrada em crianças na Educação Infantil, com faixa etária de 4 a 6 anos de idade, menor ainda são estudos envolvendo crianças de 1 a 3 anos de idade e que frequentam uma creche. Identificamos que a quantidade de pesquisas sobre esse conceito ainda é reduzido se comparado à sua significância. Identificamos que os estudos realizados pelos pesquisadores consideram as interações como primordial para o desenvolvimento global das crianças, e que em sua maioria utilizam a visão Histórico-Cultural de Vygotsky (1994) para fundamentarem seus estudos, contribuindo com nossas considerações.

Nas aulas de Educação Física, pensamos ser relevante nos apoiarmos no jogo como um instrumento de coleta de dados, dentro de uma visão de jogo educativo com base na autora Kishimoto (2016), por entendermos ser um mecanismo de inserção social que favorece a intencionalidade do trabalho pedagógico e o enriquecimento dos conteúdos a serem desenvolvidos, e no caso do presente estudo, o desenvolvimento da compreensão dos valores e regras de convivência social. Desta forma, buscaremos entender as características sociais das crianças e seu comportamento diante o ato de jogar. Nosso foco está na criança que se encontra na fase creche e dela é frequentadora, ou seja, crianças de 1 a 3 anos de idade matriculadas na Creche Municipal Professora Eliana de Freitas Moraes.

3.1 O papel da interação social para a construção do conhecimento de si

Elias (1994a, 1994b, 2006, 2012) esclarece que é por meio do processo civilizacional que o integrante do grupo compartilha experiências que favorece o sentimento de

pertencimento, e deste modo o indivíduo desenvolve o sentimento da obrigação moral de uns em relação aos outros, levando-o a reprimir finalidades egoístas, criando assim a possibilidade de um mundo social.

É certo que Elias não estudou a criança ou a infância especificamente, mas conforme sua teoria todo indivíduo indiferente da sociedade onde se nasce, não vem a esse mundo como um adulto, e o desenvolvimento das habilidades para o convívio em coletivo é iniciada nos primeiros anos de vida do ser humano, ou seja, na infância. Em sua teoria podemos constatar um distanciamento psicológico entre as crianças nascida em épocas diferentes mesmo que estejamos falando da mesma sociedade.

A Teoria do Processo Civilizador de Nobeit Elias identifica na educação dos sentidos o caminho da mudança de conduta e comportamento, estes são desenvolvidos por meio da coerção que inicialmente é externa e dentro de um longo processo se internaliza. Esse mecanismo frequentemente utilizado pela sociedade para auxiliar o indivíduo a controlar de forma racional as reações ligadas a emoções, sentimentos e afetos são deliberadas de acordo com os padrões de cada sociedade e em sua maioria são simbolicamente construídas ao longo da história, e no decurso do processo de naturalização esse social passa a fazer parte do indivíduo.

Elias deixa claro que o autocontrole individual surge no âmbito da vida social, aprender a conviver em sociedade é um processo que resulta da conscientização de que existem limites para a liberdade individual. Se pararmos para refletir um pouco, dispomos de variados recursos simbólicos, associados à esfera da cultura que integra diversos mecanismos de socialização e aprendizagem, oferecendo estímulos e condições para as crianças se comportarem de acordo com os valores e padrões sociais.

Um desses recursos que podemos citar para ajudar a criança na direção da regulação e autocontrole são os vídeos educativos, que as ensinam a pedir desculpa, a agradecer, a obedecer ao papai, à mamãe e as professoras, a esperar, respeitar sinais de trânsito, importância de escovar os dentes, tomar banho, entre outros; para que assim esse novo indivíduo aos poucos se aproprie desses valores, internalizando-o ao ponto de senti-los como seus, entrando em conformidade com o que a sociedade exige.

Na meta de civilizar o indivíduo, há uma série de exigências, que o leva à contenção de determinados comportamentos. A família, a religião, a escola, revistas em quadrinhos, desenhos animados, jogos educativos e programas infantis de TV são entidades e instrumentos que conduzem e pleiteiam o indivíduo educado, possuidor de condutas de boas maneiras. (MATOS, 2015, p. 39).

A aceitação da realidade, devido à força coercitiva que a sociedade tem sobre o indivíduo nada mais é que, a internalização das ideias que a ele é apresentado desde a infância, ou seja, é a forma de pensar e agir moldada conforme a sociedade pensa ou faz, devido ao poder coercitivo que a coletividade exerce. Na criança essa aceitação ocorre pelo processo de internalização de padrões e valores, que é esclarecida por Vygotsky (1994, p. 114) ao referir-se que “[...] *o aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica e um processo através do qual as crianças penetram na vida intelectual daquelas que as cercam*” (grifos do autor)

Esse mecanismo de censura, a coação, é importante no desenvolvimento do controle das paixões e dos afetos, fundamental para o convívio em sociedade. “A coação social à *autocoação* e a apreensão de uma auto-regulação individual, no sentido de modelos sociais e variáveis de civilização, são *universais sociais*. Encontramos em todas as sociedades humanas uma conversão da coação exterior em autocoação.” (grifos do autor, ELIAS, 2006, p. 22), ou seja, o processo de civilidade, que é o ajustamento do comportamento humano com as regras aceitas socialmente, se inicia na tenra idade. Le Boulch (1982) esclarece essa fase do indivíduo afirmando que é uma etapa em que querem satisfazer os seus desejos sem delonga. Borges descreve sobre a criança,

No início de sua vida, vemos que ela se apresenta como um animal, em busca do prazer; sua personalidade gira em torno dos seus próprios impulsos e do seu próprio corpo. No decorrer da sua educação, esse objetivo de busca exclusiva de prazer deve ser modificado, os impulsos fundamentais devem sujeitar-se às *injunções* da consciência e da sociedade. Devem estar aptos a enfrentar os adiamentos e algumas renúncias. (BORGES, 1987, p. 05, grifos do autor).

Elias (1994a, 1994b, 2006, 2012) aponta a importância de a criança ser ensinada no controle de seus impulsos e emoções para que se torne o ser social que se espera de um indivíduo, e conforme a criança cresce e desenvolve suas competências para o convívio social, o refletir antes de agir é o resultado da conflagração interior entre o que se deseja e aquilo que se vê obrigado a fazer por conta da presença dos outros. Nesse caso, a criança se tornou aquilo que se espera de um ser humano civilizado capaz de viver em sociedade, pois pela via da internalização de coerções sociais adquiriu a habilidade para se comportar de forma aceitável.

Borges (1987, p. 11) estudioso da Educação Física no pré-escolar, relata que “Uma boa consciência é aquela que pode ajustar e controlar os impulsos humanos primitivos, de acordo com as exigências da sociedade”. Esses impulsos primitivos estão fortemente presentes na criança em idade de creche, e são a todo instante exteriorizados por ela. Diante

disso, desenvolver as práticas sociais é um processo que visa encaminhar o indivíduo criança para a convivência em coletivo, de forma que a torne uma pessoa atuante, mas que principalmente seja capaz de manter estabilizadas as relações interpessoais. O que está sendo discutido é essencial para a formação da personalidade do indivíduo, mas é competência de uma unidade, ou seja, todos os professores, o direcionamento nesse processo.

Um autor que nos ajuda a compreender as relações em interações dos processos iniciados nessa fase inicial do indivíduo é Vygotsky (1994), que dentro de uma abordagem histórico-social explica que todo indivíduo se organiza como ser humano por meio das relações formadas, uma vez que, desde o nosso nascimento somos socialmente dependentes dos outros e entramos em um processo histórico que, de um lado, nos oferece informações sobre o mundo ao nosso redor nos dando uma visões sobre ele, e em contrapartida, permite a construção de uma perspectiva pessoal sobre este mesmo mundo,

Desde os primeiros dias do desenvolvimento da criança, suas atividades adquirem um significado próprio num sistema de comportamento social e, sendo dirigidas a objetivos definidos, são refratadas através do prisma do ambiente da criança. O caminho do objeto até a criança e desta até o objeto passa através de outra pessoa. Essa estrutura humana complexa é o produto de um processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas ligações entre história individual e história social. (VYGOTSKY 1994, p. 40).

Ou seja, para Vygotsky a construção da nossa história individual ocorre com a participação dos outros e da apropriação do patrimônio cultural da humanidade, onde o ser humano carrega consigo os aspectos pessoais que passaram por processos internos de transformação e os aspectos sociais armazenados, devido ao convívio nos grupos sociais com quem partilham e vivenciam o mundo.

A interação social é um conceito que tem ganhado cada vez mais espaço entre pesquisadores que se interessam pela fase de desenvolvimento do indivíduo na tenra idade, e Kuhlmann Júnior (1998, p. 30) pesquisador senior da Fundação Carlos Chagas, afirma que “[...] a interação é o terreno em que a criança se desenvolve”, por esse motivo temos percebido o quanto tem sido valorizada dentro do campo de pesquisa.

Ao falarmos do desenvolvimento social da criança é necessário compreendermos esse desenvolvimento dentro de um processo que envolve a criança e o adulto que cuida dela, lembrando que à medida que vai crescendo a quantidade e a variedade de indivíduos com quem ela interage amplia e conseqüentemente aumenta sua capacidade de lidar com as mais distintas situações. Le Boulch (1982, p. 48) um defensor da Psicocinética, a chamada teoria geral do movimento, em seus estudos já reconhecia que “[...] desde cedo, o bebê manifesta

interesse e necessidade de intercâmbio com seu ambiente humano. A comunicação que se instaura entre a criança e seu meio representa um dos principais fatores do desenvolvimento”, por essa razão, consideramos que os estudos sobre o desenvolvimento da criança deve se preocupar tanto com o papel do adulto, quanto com o da criança.

Todavia, a infância se tem constituída em um campo emergente de estudos, com isso, compreendemos ser necessário nos reportarmos aos estudos de Ariès (1986), um historiador que percebendo no período da Idade Média a ausência de um tratamento específico para a criança, procurou documentar o surgimento de um sentimento de infância, que foi importante para a mudança da perspectiva do adulto sobre a criança, possibilitando a evolução do desenvolvimento infantil no decorrer da história. Em seus registros podemos perceber que “[...]o traje da época comprova o quanto a infância era então pouco particularizada na vida real. Assim que a criança deixava os cueiros [...] era vestida como os outros homens e mulheres” (ARIÈS 1986, p. 69), revelando uma criança que não possuía nenhuma singularidade e não se separava do mundo adulto.

No decorrer de sua obra podemos encontrar vários outros exemplos da carência do sentido de infância, tais como exposição a doenças, a falta de pudor do adulto na presença de uma criança que também recebia o mesmo tipo de alimentação que o adulto ingeria ou participando de brincadeiras grosseiras com linguagem imprópria, onde “apenas seu tamanho os distingue dos adultos” (ARIÈS 1986, p. 51), todos esses registros feitos pelo autor nos auxiliam a ter um vislumbre do ambiente em que uma criança crescia.

Sua obra nos mostra que a criança não usufruía das fases da infância como vemos hoje estabelecidas pela sociedade atual, com espaços específicos para ela. Outro aspecto relevante é a socialização e a educação das crianças nesse período, um processo que ocorria pela aprendizagem por meio de tarefas realizadas juntamente com os adultos, sendo nessa interação adulto-criança que a transmissão de conhecimentos e a aprendizagem de valores e costumes eram garantidas, por meio da participação da criança no trabalho, nos jogos e em outros momentos do cotidiano da vida em sociedade. Elias (2012) em “*A civilização dos pais*” inicia uma reflexão da obra de Ariès e explica que esse processo analisado no período entre o século XIV e o século XVI se encontra em desenvolvimento até os dias atuais.

Os argumentos colocados por Ariès (1986) levaram seu trabalho a ser considerado de grande valia para a história da infância, e isso pode ser constatado em diversos estudos onde o autor é citado, pudemos verificar isso quando estávamos fazendo levantamento de dissertações. Seus registros contribuem para conhecermos e entendermos o verdadeiro papel da infância, bem como suas necessidades e seu papel social, levando a sociedade a se

preocupar com a criança desde o momento em que houve um reconhecimento de sua importância no meio social, sendo a partir de suas ideias, que a criança veio a ocupar um espaço antes pouco perceptível pelo adulto.

Com esse estudo podemos notar que o sentimento de infância, a preocupação com a educação moral e pedagógica, o comportamento no meio social, são concepções que foram construídas historicamente e culturalmente. Em uma perspectiva da Teoria do Processo Civilizador, Elias (1994a, p. 17) destaca o papel da civilidade nesse processo explicando a “ligação entre mudança na estrutura da sociedade e mudança na estrutura do comportamento e da constituição psíquica”, o que Elias denomina de processo civilizador é a imagem das transformações ocorridas nas redes de interdependência humana que tiveram origem nas próprias relações de interdependência social, nos fazendo perceber a existência de todo um processo histórico até a sociedade começar a dar voz à criança e a valorizar a infância.

A preocupação e o cuidado com o comportamento da criança, elementos civilizacional, foram um dos propulsores que desencadeou o surgimento das instituições de educação infantil, podemos constatar isso na leitura em Kuhlmann Júnior (1998, p.18) “[...] a escola substituiu a aprendizagem como meio de educação; a criança deixou de ser misturada aos adultos e de aprender a vida diretamente, passando a viver uma espécie de quarentena na escola”, ou seja, “Os adultos são instigados ou cobrados pelo Governo [...] manter seus filhos ou filhas na escola [...]” (MATOS, 2015, p. 38). Com isso, a educação infantil é um assunto que nos últimos anos tem ganhado visibilidade e despertado o interesse de alguns pesquisadores, pudemos verificar isso nos periódicos consultados por meio da ferramenta *digital ibict oasisbr*.

O campo que envolve a fase creche ainda se encontra tímido, porém em ascensão, e nos poucos estudos pesquisados pudemos perceber como a interação social tem sido notada pelos pesquisadores como fator primordial para o desenvolvimento da criança, reforçando a visão de Vygotsky, citado por Oliveira (1997, p. 38)

A interação face a face entre indivíduos particulares desempenha um papel fundamental na construção do ser humano; é através da relação interpessoal concreta com outros homens que o indivíduo vai chegar a interiorizar as formas culturalmente estabelecidas de funcionamento psicológico [...] a interação social, seja diretamente com outros membros da cultura, seja através dos diversos elementos do ambiente culturalmente estruturado, fornece a matéria-prima para o desenvolvimento psicológico do indivíduo.

De fato temos aqui um elemento fundamental para que a criança adquira as informações apropriadas que permita sua relação em grupo, graças a ela à criança passa a

perceber que suas atitudes podem comprometer os que a cerca. Como tem nos falado Elias (1994b, p. 30) ao nascer, a criança entra em um mundo socialmente organizado que se encontra em contínuo desenvolvimento, e ela precisa ser orientada conforme os princípios culturais pré-existente para que assim possa ser inserida nesse processo social, afirmando que “Sem a assimilação de modelos sociais previamente formados [...] a criança continua a ser [...] pouco mais que um animal”, reforçando a necessidade das relações interpessoais.

Em uma relação de reciprocidade entre aceitação e recusa, liberdade e proibições à criança ao longo de seus intercâmbios e com a ajuda dos outros que fazem parte de seu convívio social, aprende a controlar suas pulsões e emoções. É nesses momentos de relações entre indivíduos que a criança passa a mensurar seus atos buscando ajustar seu comportamento conforme as regras sociais apresentadas a ela. Para uma melhor reflexão acerca do papel desse conceito para a construção do conhecimento de si, pensamos ser necessário verificar como ele tem sido tratado por alguns pesquisadores em estudos mais recentes envolvendo creches.

Em sua pesquisa sobre “Interações sociais entre pares em creche e jardim de infância” Rosa (2014) explica que na creche as crianças se aproximam interagindo entre si conforme o interesse despertado pelo mesmo brinquedo ou brincadeira, sendo um dos pontos abordados durante seu estudo.

O objetivo de sua pesquisa se volta para o olhar das professoras sobre a importância das interações entre pares e de que forma elas incentivam essas interações. Durante o estudo foi apresentado fatores que influenciam nessa interação entre pares, tanto criança-criança como criança-adulto. Rosa (2014) utiliza como referência as brincadeiras, pois em seu suporte teórico constata que trazem consigo os conflitos que desafiam as crianças, ajudando no desenvolvimento pessoal e social desse indivíduo que se encontra na tenra idade. A pesquisadora constata que tais brincadeiras acabam por contribuir para as possibilidades de estratégias nas resoluções desses conflitos que surgem durante o ato de brincar.

Outro fator abordado pela pesquisadora é a organização do ambiente educativo e o papel do professor nesse processo. Em seus achados Rosa (2014) conclui que as interações são reconhecidas como importantes pelas professoras, que incentivam as brincadeiras e atividades em grupo, destacando o adulto como referência tanto para as crianças na creche como nos jardins de infância, afirmando que essa interlocução influencia a formação social e moral da criança.

O estudo de Rosa (2014) tem nos ajudado a perceber como as leituras que temos realizado, dos autores que norteiam nossa pesquisa, são atuais que se encontram presente em

seus achados. Oliveira (1997, p.105), estudiosa dos conceitos em Vygotsky destaca que “A intervenção pedagógica do professor tem, pois, um papel central na trajetória dos indivíduos que passam pela escola.”, onde a relação interpessoal se evidencia dentro do processo de desenvolvimento da criança.

Na investigação “Da creche ao jardim de infância: aprendendo na interação com crianças e adultos” Silva (2015) faz uma reflexão sobre a interação social entre crianças primeiramente dentro do contexto creche e em um segundo momento entre crianças que se encontram no jardim de infância.

Em suas observações no contexto creche, as interações que salienta em sua pesquisa são com os materiais dispostos na sala de atividade das crianças de 1 e 2 anos de idade. Silva constata que formas variadas de interagir com esses objetos era explorado por essas crianças, e ao lermos Kuhlmann Júnior (1998, p. 176) notamos que ele fala sobre a importância do brincar nesse processo pois “O brincar seria essencial, primeiramente como instrumento de socialização[...] seria um instrumento educacional incomparável, proporcionando uma variedade e quantidade de noções intelectuais, de impressões sensoriais, de imagem e sensações duráveis”. Com o decorrer da leitura podemos verificar que, em seu estudo a pesquisadora destaca a importância do brincar no momento das interações, reforçando o que antes foi observado por Kuhlmann Júnior.

No contexto de jardim de infância sua investigação se focaliza na interação professor-criança, afirmando que quando se estabelece um vínculo positivo entre as partes gera oportunidade para o desenvolvimento da autonomia da criança, devido à confiança que ela passa a ter no adulto se sentindo capaz para desempenhar suas ideias, me fazendo recordar as palavras de Le Boulch (1982, p. 150) “É fundamental propiciar um clima de segurança e de confiança no decorrer do trabalho. A criança deve viver esta experiência de forma positiva na área afetiva”. Nessa relação, a confiança que gera segurança é essencial principalmente no contexto escolar, para que a criança sinta o ambiente confortável e dessa forma possa dele tirar o melhor proveito para o desenvolvimento de suas potencialidades.

Silva (2015) obteve como resultado de sua investigação, a mesma percepção de Rosa (2014), de que as crianças estabelecem diferentes formas de interação nessa troca de experiências com o mundo ao seu redor e que a aprendizagem é estabelecida na esfera tanto da formação pessoal como social. Seus achados reforçam o que temos visto na leitura em Vygotsky (1994) e Le Boulch (1982), onde a interação social vivida pela criança se torna bastante significativa ao entrar em contato com o seu ambiente humano, e a aprendizagem que acontece por meio da interação com o outro, é evidenciado em seu estudo. Concordando com

esses autores e as pesquisas analisada, ao falarmos de crianças tão pequenas, enfatizamos a importância da mediação feita pelo professor nesse processo para o desenvolvimento pleno da criança.

Conforme pesquisas já existente, como as citadas anteriormente, podemos perceber que toda criança ao nascer entra em conexão com tudo a sua volta, e é nessa relação de troca que esse novo indivíduo passa a compreender o mundo aonde se encontra inserido. E mesmo sabendo que a criança é um ser humano social, a aprendizagem em grupo é um processo que a princípio pode parece doloroso, porém necessário.

Nos anos iniciais, o advérbio de negação está em evidência. Entra em ação e acompanha o indivíduo até o final. Não faça isso ou não faça aquilo [...] diante do *não*, a intenção é consolidar regras de boas maneiras. Consolidar aquilo que é socialmente aceito. Aquilo que possa sujeitar o indivíduo ou a família à vergonha deve ser erradicado. Não, menos, o que é cultural e afeta a convivência social deve se praticado, porém com certa discricção. (MATOS, 2015, p. 38).

A leitura em Elias (1994a, p. 15) tem nos mostrado que,

[...] mesmo na sociedade civilizada, nenhum ser humano chega civilizado ao mundo e que o processo civilizador individual que ele obrigatoriamente sofre é uma função do processo civilizador social [...] todo ser humano está exposto desde o primeiro momento da vida à influência e a intervenção modeladora de adultos civilizados, ele deve de fato passar por um processo civilizador para atingir o padrão alcançado por sua sociedade no curso da história. (notas de rodapé).

Esta citação nos faz perceber a necessidade dessa relação entre a criança e o adulto dentro do processo de conhecimento do mundo, para a assimilação das atitudes que são vista como positivas socialmente e as relações que são estabelecidas ao longo da vida da criança. Esse intercâmbio é de fundamental importância para a compreensão do funcionamento desse mundo que a cerca e das atitudes dos outros com quem entra em contato, pois é nessa troca de experiência que a criança vai regulando seu comportamento, e sendo por meio dessas interações que aprende a se relacionar com as outras pessoas. E isso pudemos verificar na pesquisa de Rosa (2014, p. 11) onde ela afirma,

A compreensão que a criança tem de si mesmo desenvolve-se através dos outros, e por isso mesmo, o adulto tem de interagir com a criança para que esta consiga desenvolver a sua identidade. É muito importante existir uma boa interação entre o adulto e a criança, pois essa interação vai promover na criança a construção da sua identidade, de acordo com aquilo que lhe foi transmitido ao longo dos tempos.

Sabemos que o indivíduo se encontra em constante processo de desenvolvimento, processo esse que inicia na infância e não ocorre de forma isolada “[...] o processo civilizador não acabou. São pessoas civilizando pessoas e, por assim dizer, está em curso” (MATOS,

2015, p. 37). É certo que são inúmeros os fatores, tanto biológicos quanto sociais ou históricos que influenciam na formação do sujeito, mas que isoladamente não determinam a sua constituição.

Nossa pesquisa tem buscado suporte para dialogar a respeito do papel do meio social na compreensão do conhecimento de si pela criança, por reconhecermos a importância das relações com indivíduos mais experientes para o conhecimento sobre questões que favorecem na compreensão do comportamento humano.

Os mecanismos autorreguladores que buscam estabelecer uma harmoniosa interação entre a criança e o ambiente têm sido reconhecidos como variáveis moderadoras nos processos que ajustam o comportamento nos mais diversos contextos. E na criança que se encontra em idade de creche, as relações com as pessoas nos espaços sociais, revelam um papel crucial, lembrando que não se trata de uma exclusividade da Educação Física, pois todos são responsáveis nesse processo.

Considerando o que temos discorrido ao longo desse diálogo, concordamos que as interações sociais ocupam um lugar central no contexto da Educação Infantil, nesse caso etapa creche. Conforme pudemos verificar a partir da literatura e das pesquisas apresentadas, é possível afirmarmos que o pleno desenvolvimento das crianças em idade de creche será mais bem sucedido se essas interações forem qualitativas.

Aprofundarmos na compreensão das interações sociais tem sido primordial para entendermos o processo de desenvolvimento da personalidade da criança, e como essa conscientização ocorre mediante sua atuação no meio social, aclarando seu papel na construção do conhecimento de si.

3.2 O jogo e seus elementos sociais

Para um melhor entendimento do jogo como instrumento nesse processo de aprendizagem das práticas sociais, é necessário que se apresente uma visão, embora não aprofundada, de alguns aspectos da teoria de Piaget sobre os estágios de desenvolvimento da criança.

Para Piaget (1975a, 1975b), o desenvolvimento cognitivo da criança ocorre por meio dos estágios sensório-motor, pré-operatório, operatório concreto e operatório formal, aonde cada estágio se constitui em uma forma peculiar de equilíbrio. Do qual estaremos nos focando nos dois primeiros estágios de desenvolvimento, por nos ajudar na compreensão da fase do indivíduo que este estudo se centraliza.

Piaget (1975a, p. 144) apresenta três tipos de estruturas mentais que aparecem no desenvolvimento do jogo infantil. Os jogos de exercício, que representa a forma inicial do jogo na criança se manifestando de 0 a 2 anos, tendo como característica principal a repetição de movimentos e ações que exercitam as funções. Os jogos simbólicos, que se iniciam quando a criança se encontra na etapa pré-operatória do desenvolvimento cognitivo, e os jogos de regras que compõem o ser socializado, que apesar de se manifestarem por volta dos 4 anos, é somente dos 7 aos 11 anos que ele se desenvolve, caracterizando o estágio operatório-concreto. Sobre o período sensório-motor Piaget esclarece dizendo que

O estudo da inteligência sensório-motora ou prática durante os dois primeiros anos do desenvolvimento ensinou-nos como a criança, tendo assimilado primeiro, diretamente, o meio exterior à sua própria atividade, constitui em seguida, para prolongar essa assimilação, um número crescente de esquemas simultaneamente mais móveis e mais aptos a coordenarem-se entre si. (PIAGET, 1975b, p. 7).

Conforme a citação, o autor considera o desenvolvimento do indivíduo em uma perspectiva de equilíbrio progressiva. Todavia, Piaget (1975a, 1975b) deixa claro que por mais que o desenvolvimento se dá por meio de esquemas, as idades estabelecidas para cada estágio é flexível, dependendo do meio onde a criança se encontra inserida.

Este é um ponto que nos chama atenção na teoria de Piaget, e é por essa razão que damos credibilidade ao conceito de zona de desenvolvimento proximal no desenvolvimento da aprendizagem das práticas sociais explicada por Vygotsky, onde o estímulo bem direcionado auxiliará a criança a se desenvolver de modo satisfatório e seguro, “[...] a zona de desenvolvimento proximal permite-nos delinear o futuro imediato da criança e seu estado dinâmico de desenvolvimento, propiciando o acesso não somente ao que já foi atingido através do desenvolvimento, como também aquilo que está em processo de maturação” (VYGOTSKY, 1994, p. 113).

Nesse período encontramos a forma primitiva do jogo, que é o jogo de exercício ou jogo motor, aqui não existe simbolismo consistindo em apenas repetir atividades adquiridas pelo prazer.

[...] tudo é jogo durante os primeiros meses da existência, à parte algumas exceções, apenas, como a nutrição ou certas emoções como o medo e a cólera. Com efeito, quando a criança olha por olhar, manipula por manipular, balança as mãos e os braços (e na fase seguinte, quando agitar os objetos suspensos, sacudir argolas etc.) ela entrega-se a ações centradas nelas próprias, a exemplo de todos os jogos de exercícios, e que não são insertas em qualquer séries de atos impostos por outrem ou pelas circunstâncias exteriores: não tem mais finalidade exterior do que, mais tarde os exercícios motores [...] que todo o mundo considera jogos ou brincadeiras. (PIAGET, 1975a, p. 119).

No início do estágio pré-operatório, que é predominado pela forma de pensamento egocêntrico onde a criança não consegue se colocar sob o ponto de vista do outro, a criança por não conseguir satisfazer suas necessidades afetivas e intelectuais pela adaptação a um mundo físico e social que ela mal compreende, passa a assimilar esse real ao seu eu, representado sob uma forma mais pura por meio do jogo, a que Piaget (1975a, p. 155) chamou de jogo simbólico “[...] o jogo simbólico ainda é, no seu todo, um jogo de exercício, mas que exercitaria [...] essa forma particular de pensamento que é a imaginação como tal”, ou seja, a criança acaba tendo a seu dispor um jeito peculiar de se expressar, construindo segundo suas vontades um conjunto de significantes, como o sistema dos símbolos.

Le Boulch (1982, p. 90) explica que “Os jogos funcionais e simbólicos possibilitam à criança inúmeras atividades motoras, fonte de progresso; mas são as situações da vida cotidiana que enriquecem seu repertório gestual [...]”, ou seja, o jogar no espaço educacional associado a valores morais como, repetido a si e aos outros, compartilhamento e cuidado com o espaço e os objetos de uso coletivo, são conceitos que somente com a vivência em grupo e intermediada pelo professor pela via do processo de internalização já esclarecido anteriormente por Vygotsky (1994), que passa a ser incorporado ao comportamento da criança.

É na relação do professor com a criança, utilizando jogos e seus elementos sociais em uma linguagem de acessível compreensão para ela, que a Educação Física contribui no processo de inserção ao mundo social e apropriação dos valores culturais, como nos falam Miguel, Matos, Puga Barbosa (2016, p. 136) “Por ser um recurso pedagógico para essa área de conhecimento, os jogos tem a capacidade de desenvolver não apenas qualidades e capacidades físicas, mas imbricados a eles a obtenção de valores morais e éticos que contribuem para a formação da personalidade da criança”.

Sendo nessa troca que a criança mais nova, envolvida nas práticas disciplinares por parte de um adulto em seu cotidiano, experimentando e vivenciando em momentos diversificados sentimentos positivos e negativos, que o equilíbrio emocional vai se estabelecendo gradualmente, um processo em que eu preciso do coletivo para me compreender como indivíduo, e “[...] apesar de toda a sua liberdade individual de movimento, há também, claramente, uma ordem oculta e não diretamente perceptível pelos sentidos” (ELIAS, 1994b), onde o jogo com todos os seus elementos sociais auxilia a criança mediante esse processo.

Kishimoto (2016, p. 4) em *O jogo e a educação infantil*, faz uma reflexão acerca dos aspectos sociais do jogo e um dos pontos desenvolvidos em seu estudo está relacionado ao

termo. A autora evidencia que “A existência de regras em todos os jogos é uma característica marcante”, independente do significado que a esse termo é designado.

Ao relacionar o jogo à educação, Kishimoto (2016, p. 13) indaga a respeito de suas funções, apresentando-o como “um meio para alcançar objetivos”, surgindo como um apoio à atividade docente, como um instrumento que colabora para a aquisição de conhecimento da criança, e com isso justifica o termo jogo educativo, que segundo a autora ganha cada vez mais atenção devido ao aumento das instituições destinada a crianças em idade pré-escolar, “A expansão dos jogos na área da educação dar-se-á no início do séc. XX, estimulada pelo crescimento da rede de ensino infantil e pela discussão sobre as relações entre o jogo e a educação” (KISHIMOTO, 2016, p. 17).

Como temos visto a interação social, um elemento presente no jogo, é obrigatoriamente necessário para poder desenvolver o ambiente do jogo, e jogos onde determinadas tarefas devem ser realizadas com ajuda de outros são um exemplo de jogos realmente sociais, que estimulam a prática da cooperação, cuidado, o autocontrole emocional, o respeito às normas e regras, o trabalho em grupo, pois “Os argumentos e regras morais foram elaborados para arbitrar a preservação social” (SHILDER *apud* PUGA BARBOSA, 2003, p. 53).

Diante desse cenário o professor, principal mediador das ações da criança dentro da creche, conduz o comportamento da criança à atitude mais apropriada no ambiente social. Isso devido na situação de jogo à criança ter que agir controlando seus impulsos imediatos para atingir o prazer máximo gerado pelas regras e assim não sofrer coerções caso não as respeite.

Ferreira (2003, p. 40) fala que os elementos do jogo “São aqueles que regulam sua intensidade, duração, ritmo, velocidade e distância”, e o domínio desses elementos são fundamentais para o controle do movimento humano em espaço social. Para suportar toda essa carga que o jogo carrega, a ludicidade é a característica presente no momento do jogo infantil que permiti a criança respeitar a esses reguladores de modo menos severo, pois como Borges (1987, p. 116) já tem nos falado, é essencial que se ensina à criança como se movimentar em espaço coletivo “Para que haja liberdade para a criança andar é preciso, além do espaço, saber aproveitar o espaço que tem, o tempo que dispõe, a velocidade com que vai andar”, somente assim a intervenção do professor será significativa para a criança diante do ato de jogar.

Macedo (2010) em sua pesquisa sobre “Educação física na perspectiva cultural: análise de uma experiência em creche”, interpretando uma experiência pedagógica, afirma que a Educação física fundamentada por esse viés contribui com o currículo da educação

infantil, por fortalecer as vozes das crianças aumentando as oportunidades de estabelecer relações sociais mais democráticas.

Rompendo com a concepção de incapacidade infantil, reconhecendo que “as crianças têm um jeito peculiar de se relacionar com o mundo” (PIAGET, 1975 a/b), Macedo (2010) em sua análise enfatiza que nenhuma prática educacional é neutra, ela está carregada de ações que foram moldadas ao longo dos tempos, isto temos visto nos estudos de Matos (2015). Ou seja, refletir sobre o jogo da criança, é tentar compreender a expressão de todo o seu ser, uma vez que diante do mundo dos adultos a criança se reconhece como impotente e com isso recria o mundo através de seus símbolos lúdicos, instaurando uma nova realidade onde a lei é sua imaginação, podendo desta forma, se expressar (PIAGET, 1975a).

Quanto a isso, Oliveira (1985, p. 55) destaca alguns pontos importantes no momento do jogo para a criança, afirmando que “Será jogando que surgirá oportunidade para a improvisação e a emergência da criatividade. Será jogando que a criança conseguirá abrir-se por inteiro à experiência, vivendo plenamente o próprio momento. Será jogando que, em última análise, a criança será capaz de “ser””.

Conforme temos visto na leitura em Vygotsky (1994) a criança ao brincar torna real o que imagina e Kishimoto (2016) tem nos aclarado que por mais lúdica que uma atividade seja, ela não está isenta de regras. Com isso, a ação durante o movimento do jogo, provocando a espontaneidade, causa estimulação suficiente para que a criança transcenda a si mesma. Ela é libertada para embrenhar-se no ambiente, explorar, aventurar-se e enfrentar, sem medo, todos os perigos, e dessa experiência integrada, surge a criança ativa e participativa em um ambiente total. Surgindo assim o apoio e a confiança que lhes permite desenvolver qualquer habilidade necessária para a comunicação dentro do jogo, desta forma, os jogos acabam proporcionando à criança o domínio da comunicação com os outros.

Kishimoto (2016, p. 7) expõe preferência ao termo jogo como “ação lúdica que envolve situações estruturadas pelo próprio tipo de material”, que em sua perspectiva pode de acordo com o contexto empregado ser considerado brinquedo ou material pedagógico, que auxilia a criança na compreensão de regras, deixando-as mais propícia a ideias e comportamentos a serem inseridos em sua conduta.

As atividades locomotoras como correr e pular, manipulativa como arremessar e apanhar e estabilizadoras como as atividades de equilíbrio são exemplos de elementos que a Educação Física usa para a modelagem do movimento, uma vez que cada atividade possui suas regras próprias onde são orientadas a serem seguidas. (MIGUEL; MATOS; PUGA BARBOSA, 2016, p. 144).

Diante do jogo a criança é estimulada a estabelecer seu controle interior, sua autoestima e desenvolve relações de confiança consigo mesma e com os outros. Dessa maneira, utilizar jogos na creche significa transpor para o campo da aprendizagem, condições para maximizar a construção do conhecimento. Nesse caso, os jogos não podem ser vistos apenas como forma de divertimento, mas como meio que contribuem e enriquecem, para o desenvolvimento cognitivo, físico e emocional. Oliveira (1985, p. 54) parte do postulado de que

[...] o jogo traduz a mais autêntica manifestação sócio-pedagógica da educação. Apesar de não ficar restrito ao âmbito da educação física, é nela que o jogo tem oportunidade de manifestar toda a sua plenitude. Por intermédio do jogo, as pessoas aprendem a se relacionar através de normas que emanam do próprio convívio, identificando espontaneamente a necessidade da elaboração de um código de direitos e deveres.

Outro ponto que Kishimoto (2016, p. 24) enfatiza é “a importância do jogo para o desenvolvimento emocional da criança como elemento importante diante das pressões oriundas do meio sociocultural”, já que durante o jogo a criança tende a ser mais espontânea, mais aberta para experimentar o novo, há certa permissividade para o ajuste de seu comportamento, contribuindo assim para o controle interno de seus impulsos, e isto só é possível devido o que Elias tem nos dito que “[...] cada ser humano é criado por outro que existiam antes dele; sem dúvida, ele cresce e vive como parte de uma associação de pessoas, de um todo social” (ELIAS 1994b). Lembrando que o adulto, nesse momento surge como um mediador entre a regulação do comportamento infantil com as práticas sociais.

Rocha (2007) em sua pesquisa sobre “Interações Sociais em aulas de Educação Física”, faz uma análise sobre as diversas formas de interações sociais que ocorrem durante a prática de jogos infantis. Apesar de a pesquisa ter sido feita com crianças entre 09 e 11 anos de idade, seus achados nos auxiliou em nossas observações durante a pesquisa de campo, onde pudemos verificar tais características em crianças menores.

Rocha (2007) percebeu que as diferentes formas de interagir com o outro são aprendidos no convívio social, e isso ajuda a criança no estabelecimento de vínculos e comunicação entre si. Um dos destaques em seu estudo é que elas durante a prática de jogos, vivenciam muito mais que as ações motoras que lhe são exigidas, eles aprendem como o meio social responde às suas ações. Com isso deixa claro que o campo da Educação Física se desenvolve quando percebe a possibilidade educativa presente nos jogos e brincadeiras, um espaço para que haja troca de experiências.

Isto se torna possível, devido por meio do jogo a criança poder brincar naturalmente, testar hipóteses, explorar toda a sua espontaneidade criativa, pois o jogo cria uma situação de regras que proporcionam uma zona de desenvolvimento proximal na criança, fazendo-a se comporta de forma mais avançada do que nas atividades da vida real (OLIVEIRA, 1997, p. 67), ou seja, o jogar é essencial para que a criança manifeste sua criatividade, utilizando suas potencialidades de maneira integral.

Como a figura do professor é importante nesse processo, o jogo educativo se apresenta como um instrumento pedagógico capaz de direcionar a criança na aprendizagem dos valores sociais que vão influenciar no seu comportamento, e como esse jogo educativo se encontra repleto de intencionalidade pedagógica contribui na observância e apropriação das práticas sociais. Essa intenção pedagógica está relacionada com a ação do professor consciente, planejada e executada conforme os documentos que norteiam a Educação Nacional Brasileira.

O movimento, por ser um grande socializador, é parte fundamental no momento do jogo, sendo justamente ele o que reproduz as emoções, atitudes, sentimentos da criança. É nele que o professor intervém diretamente dando mais liberdade ou retendo sua dimensão e alcance a medida que percebe que é necessário. Ele é reflexo do comportamento infantil, sendo norteado enquanto estiver sob supervisão de um adulto para um conduta socialmente aceitável.

Soares (2015) em sua pesquisa sobre “O diálogo na educação infantil: o movimento, a interdisciplinaridade e a Educação Física” fez uma análise dos documentos norteadores da educação infantil e as práticas desenvolvidas por professores em uma creche, tendo como eixo principal o movimento. Em sua observação na rotina da instituição percebeu o quanto é presente o movimento nas atividades diárias das turmas, isso devido o movimento ser um elemento intrínseco às ações das crianças.

O movimento é apresentado como linguagem e conteúdo que estimula o desenvolvimento infantil e as relações interpessoais, sendo um construtor de conceitos e expressão de autonomia e identidade, estando presente em várias atividades cotidianas, interligado com outros eixos. Todavia como atividade central, a pesquisadora observou uma baixa aplicabilidade do movimento, sendo nesse déficit que a pesquisa propõe que o professor de Educação Física dialogue com as outras professoras, planejando intervenções das mais diversas formas, visando facilitar a inserção do movimento como linguagem, compondo parcerias em propostas interdisciplinares.

Soares admite a dificuldade desse diálogo, por serem poucos os profissionais de Educação Física que tenham conhecimento da educação infantil, mais uma vez vemos o quanto a formação do profissional dessa área de conhecimento não contempla a base da educação brasileira.

Todos esses estudos consideram a Educação Física na educação infantil importante por disponibilizar à criança um grande número de possibilidades e desafios corporais que envolvem ações cognitivas, afetivas e motoras de maneira conjunta que contribuem no seu desenvolvimentos como um todo, isso ocorre devido compreendermos que o ser humano é integrado à comunidade em que vive e o corpo é a porta de entrada para o avanço de suas habilidades, e isto temos visto em Vayer (1989, p. 25) “É através do seu corpo que a criança percebe o mundo que a rodeia, é com o seu corpo que ela entra em relação com essa realidade do mundo”.

Gonzaga (2011) ao levantar o questionamento sobre “Educação Corporal para as crianças pequenas: existe lugar para a Educação Física?” explica que a educação corporal tem sido o principal elemento de aproximação entre as áreas da Educação Física e da educação infantil principalmente devido às suas possibilidades pedagógicas, ajudando na justificativa para a inclusão de professores de Educação Física na educação infantil.

O autor reconhece que a educação corporal sempre esteve presente nas atividades desenvolvidas no interior das instituições de atendimento à criança pequena desde o seu surgimento, ainda que historicamente os professores de Educação Física não tenham participação nesta etapa educacional.

Em sua pesquisa Gonzaga (2011) nota que as propostas educacionais de controle dos comportamentos voltadas para as crianças tiveram no corpo sua via de efetivação, apresentando um corpo que foi alvo intencional de controle e submissão. Revelando em seus estudos que a educação corporal é um elemento de interseção entre a educação infantil e a Educação Física, defendendo a inclusão de professores de Educação Física nos espaços educacionais voltados para crianças pequenas, desde que a questão da formação desses profissionais seja revistas.

Neste caso, o professor de Educação Física precisa ser um interventor, ajudando a criança a desenvolver seus conhecimentos, habilidades e relações sociais. Porém o que precisa ficar claro nesse processo é que “O esforço do professor de Educação Física deve ser dirigido ao mesmo objetivo, entre outros, da aula em sala: o desenvolvimento cognitivo. A diferença é que, em Educação Física, deve-se dar maior ênfase à inteligência corporal (sem, porém deixar de lado a inteligência conceitual)” (FREIRE, 2009, p. 116).

Com a crescente discussão a respeito do jogo na educação, sendo aplicado como suporte para o ensino, Kishimoto (2016, p. 19) argumenta sobre a cautela para manter o equilíbrio entre a função lúdica e função educativa do jogo. Desta maneira, “Desde que não entre em conflito com a ação voluntária da criança, a ação pedagógica intencional do professor deve refletir-se na organização do espaço, na seleção dos brinquedos e na interação com as crianças”, ambas precisam estar em harmonia para nem extinguir a natureza da liberdade proporcionada pelo jogo como função lúdica e nem desfazer a busca de resultados como função educativa.

Ferreira reforça a utilização do jogo por favorecer a socialização, estimulando a observância de regras visando um objetivo educativo, sendo uma ferramenta pedagógica de grande valia para o professor auxiliar a criança em seu processo de desenvolvimento nas interações sociais e internalização das atitudes e valores sociais. “O ensino do jogo deve também abranger o ensino dos gestos, atitudes e linguagens. Por isso, o instrutor deve policiar seus próprios “modo”, para que os alunos possam seguir suas orientações físicas e também morais” (FERREIRA, 2003, p. 39).

O jogo, nesse caso é utilizado para representar situações que ajude a criança no entendimento da incorporação dessas condutas sociais. Em relação aos valores morais destacamos alguns aspectos que o jogo traz em sua essência social, que se referem a normas de conduta que são influenciadas diretamente pelas nossas convicções e ideias que temos das coisas, onde os valores norteiam a forma como lidamos uns com os outros.

O jogo, na infância, tem por objetivo a formação do caráter, a futura adaptação social da criança e o desenvolvimento motor. O jogo organizado e cooperativo constitui o melhor método para isso. Apesar de a liberdade ser restrita, o jogo educativo é a fonte eficiente de adquirir hábitos morais. (FERREIRA, 2003, p. 43).

Com isso, o jogo traz em si uma representação das relações estabelecidas pela realidade ao qual está inserido. Kishimoto (2016, p. 20) explica que “Há que considerar que o jogo não é inato, mas uma aquisição social [...]”, ou seja, para aprender a jogar o indivíduo precisa do momento de interação para usufruir de todas as vantagens proporcionadas pelo jogo.

Sabemos que o comportamento infantil se encontra carregado de atitudes egocêntricas, porém “À criança permite-se tal comportamento e é nessa vivência que ela, ao se desenvolver socialmente, vai entendendo e aprendendo a respeitar as regras do jogo, não só do futebol, como também do social” (MATOS, 2015, p. 406). Pelo viés da Teoria do Processo Civilizador, os aspectos relativos à condição social em que o jogo se encontra, as

características relacionadas a interdependência entre indivíduos se encontra fortemente presente no momento do jogo.

No caso do jogo educativo realizado dentro das instituições de ensino, o professor é de suma importância nesse processo de aprendizagem para ensinar também a forma como um objeto precisa ser manipulado, somente assim a criança passará a explorar um brinquedo sem usá-lo como objeto de defesa que possa a vir machucar o outro que divide o mesmo espaço social “[...] o educador tem de estar atento para auxiliar a criança, ensiná-la a utilizar o brinquedo. Só depois ela estará apta a uma exploração livre” (KISHIMOTO, 2016, p. 20). Vale ressaltar, a autora compreende o brinquedo dentro desses espaços educacionais, como material pedagógico.

Como proposta de atividades relacionadas aos conteúdos utilizando os jogos, como por exemplo, em uma atividade de arremesso, é interessante que o professor organize antecipadamente, e demonstre para a criança a forma como deve ser executada tal atividade a fim de evidenciar os valores sociais que se pretende desenvolver no decorrer da aula, como o cuidado ao arremessar para não machucar nenhum dos colegas ou quebrar um dos objetos que se encontram no espaço da sala de Educação Física.

Esses reforços são essenciais para que a aula tenha realmente um valor significativo, enquanto objetivo educacional e pedagógico. No entanto, é preciso entender que não há necessidade de uma quantidade exagerada de atividades em uma mesma aula, principalmente por se tratar de crianças de 01 a 03 anos de idade, pois desta forma, a criança pode perder o interesse pelo jogo por sentir-se na obrigação de jogar apenas para aprender.

O que queremos dizer é que o jogo sendo utilizado na creche como elemento de apoio da aprendizagem das práticas sociais, poderá conduzir a criança não apenas à exploração de sua criatividade, mas lhe dará as condições de uma melhora de conduta de modo lúdico, além de beneficiar a sua autoestima. Com isso esperamos que criança criativa se torne um elemento importante para a construção de uma sociedade melhor, ao ser capaz de fazer descobertas, inventar, reinventar, provocando mudanças.

Borges (1987, p. 118) destaca que nesse processo o professor precisa ajudar a criança a “Desenvolver a compreensão do que seja uma vida social, comunitária, através dos cuidados que lhes são ensinados para com o ambiente que são comuns a todos”. E como temos abordado neste estudo, o cuidado é uma prática social que é aprendida pela criança nos momentos de convivência com pessoas que já se encontram no fluxo do processo civilizacional, com os valores sociais já internalizados.

É evidente o quanto o jogo é essencial para a criança, uma vez que ele contribui na formação do indivíduo de maneira global, além de ensinar valores desde a infância. É notório o quanto o jogo desenvolve boa parte das habilidades motoras assim como os aspectos cognitivos, afetivo e social da criança. Quando utilizado adequadamente, favorece na construção e compreensão do conhecimento de si e do mundo ao seu redor.

3.3 Análise de implementação do roteiro planejado das turmas

Enfim, chegamos ao segundo mês de pesquisa de campo e iniciamos as aulas de Educação Física, utilizando o jogo como meio pelo qual pretendemos atingir o objetivo desse estudo. A Educação Física Escolar como parte desse processo, contribuiu no sentido da aquisição da autonomia de conhecimentos e habilidades necessárias a uma prática intencional e permanente, considerando o lúdico nesses processos sócio-comunicativos em uma perspectiva da vida coletiva mais qualitativa. Sabemos que o controle motor ainda se encontra em desenvolvimento, todavia verificamos que as crianças, pouco a pouco, passaram a se movimentar no espaço social de modo mais equilibrado e regulado.

Diante do exposto, descreveremos algumas características distintas entre as turmas, em suas primeiras experiências com essa área de conhecimento. Em seguida estaremos relatando as observações registradas no momento das aulas de Educação Física buscando apresentar as contribuições dessa área de conhecimento no desenvolvimento das práticas sociais dessas crianças.

3.3.1 Crianças de 01 ano de idade

Ao se deslocarem da sala de aula para a sala de Educação Física, observamos que uma no máximo duas crianças seguravam na minha mão quando às convidavam a virem comigo. A maioria estranhou porque até o momento eu ainda não havia tido o direcionamento de alguma atividade com elas, aqui se tornou fundamental a ajuda das professoras da turma para o ganho de confiança, que acompanhando todo o trabalho durante a pesquisa de campo, reforçavam falando para elas que esse seria um momento que elas estariam vivenciando dentro da creche.

Nos primeiros dias desse deslocar as crianças choravam bastante, pois no caminho entre os espaços, se encontra o *hall* (espaço onde elas são entregue da família para a instituição e vice-versa). Com o passar das semanas ao se adaptarem a essa nova rotina, as

crianças sozinhas se direcionavam de um ambiente a outro, otimizando o tempo que antes era gasto para sair de um espaço a outro.

Já na sala de Educação Física, notamos que a reação dessa turma no início era de estranheza, pois elas esperavam, como o de costume, a fala de uma das professoras com quem tinham maior contato, e ao me verem direcionando a atividade elas ficavam olhando para as professoras e para mim como se estivessem processando essa nova configuração social. Como já falei anteriormente, isso aconteceu nas primeiras aulas, depois as crianças se acostumaram, e as professoras sempre reforçavam esse momento falando para as crianças, “agora vamos com a professora S..., porque está na hora da nossa aula de Educação Física”. Verificamos que a ludicidade que as aulas de Educação Física propiciam e os brinquedos utilizados na aula auxiliaram bastante durante as trocas sociais estimulando a participação das crianças.

Mesmo poucos adaptados ao novo espaço de atividade, o material (bola) utilizado no primeiro jogo “Brincando com a bola”, facilitou a interação durante a aula. Na primeira aula, V... que tem demonstrado mais insegurança durante os momentos de interação, com o brinquedo notamos que se sentiu mais tranquilo se envolvendo na aula realizando vários arremessos, respondendo com sorriso aos estímulos recebido pelas professoras durante a atividade, porém sua aproximação ainda se encontrava tímida demonstrando preferência por ficar mais perto da professora da sala de aula.

A... é uma criança que apresentou uma boa interação tanto com as professoras da sala de aula quanto com a professora de Educação Física. Verificamos que durante a aula acompanhava o movimento de arremesso contando “1, 2, 3 e já” antes de arremessar a bola, notamos que a criança é bastante estimulada em casa, pois nenhuma das professoras havia desenvolvido alguma atividade estimulando a prática desse modo.

Podemos averiguar que mesmo com muitas bolas à disposição das crianças, houve alguns momentos da aula em que V... tentou pegar a bola do outro colega, mas imediatamente chamávamos a atenção de V... para outra bola que estava no chão. Falávamos para ele pegar a outra bola que estava sozinha no chão, assim a criança tirava sua atenção da bola que o colega estava de posse evitando conflitos. Ao final da aula, algumas crianças ajudaram a guardar o brinquedo enquanto outras ainda se encontravam envolvidas nos arremessos das bolas, e quando a professora da sala de aula precisou se retirar do ambiente da aula de Educação Física, e isso se deu por um curto espaço de tempo, foi que as crianças pararam de ajudar na organização do material utilizado na aula, e a maioria demonstrou expressão de choro. V... chorou bastante até o retorno da professora. É importante registrar que as professoras da sala

de aula participavam com a turma durante o jogo, estimulando as crianças a envolverem-se na aula.

Na segunda aula, no jogo “Perdendo o contato com o chão” foi utilizada uma bola grande (bola bath), notamos que esse brinquedo despertou rapidamente o interesse de V... que já se encontrava com menos resistência nas trocas sociais durante a aula de Educação Física, aqui podemos verificar o processo de confiança se estabelecendo pouco a pouco, aula após aula, lembrando que por mais que seja a segunda aula, temos estado em contato com as crianças a mais de um mês.

Todas as crianças que estavam presentes nesse dia interagiram muito bem na aula, notamos que a presença das professoras, ajuda no ganho da confiança e segurança durante a permanência das crianças nesse ambiente. P... foi a criança que mais demonstrou interesse pelo jogo, apresentando muita empolgação, tanto que várias vezes quando outro colega estava realizando a atividade, P... se aproximava querendo participar novamente. Algumas vezes nós deixávamos que P... fosse a próxima criança a participar do jogo, outras vezes pedíamos para esperar, reforçando que outro colega ia participar. P... esperava demonstrando muita ansiedade e assim que o colega terminava e a ele era dito que já era sua vez, P... se jogava abraçando a bola.

Ao contrário K... participou pouco, realizando a atividade somente quando as professoras o incentivava bastante, e assim que finalizava se afastava da turma, se isolando no canto da sala. As professoras da sala de aula informaram que K... tem tido esse comportamento desde o primeiro dia de aula, e que também ele não é uma criança muito assíduo-a, dificultando sua interação no ambiente escolar.

No jogo “Passar por dentro do bambolê”, e estes estavam coberto com um lençol formando um túnel, as crianças que se encontravam presente na aula foram bastante ativas, interagindo entre si demonstrando alegria, não apresentando conflito ao compartilhar o espaço coletivo. Mas vale ressaltar que foi utilizado como estratégia que as professoras da sala de aula ficassem uma em cada extremidade do túnel, assim uma direcionava cada criança a entrar enquanto a outra chamava a criança pelo nome estimulando atravessar o túnel até a outra extremidade.

Verificamos que a criança que se encontra nessa fase, a presença do adulto com quem mantém um contato diário, faz toda a diferença em sua participação na aula. Isso pode ser constatado, quando uma das professoras precisou se ausentar do ambiente para levar uma criança a sala de banho para higienizá-la porque havia evacuado. Por mais que tivesse a outra professora, as que ficaram na sala de Educação Física se desconcentraram do jogo para ficar

olhando a professora que estava saindo do ambiente, e algumas começaram a apresentar expressão de choro. A outra professora imediatamente acionou a atenção para si, chamando as crianças pelo nome falando “a professora está aqui”, ainda assim uma das crianças tentou abrir a porta para acompanhar a professora ausente. Até que depois de um tempinho, todos passaram se envolver novamente na aula.

Um momento propício para observarmos o processo de compreensão de valores sociais como o respeito ao outro, o cuidado e o partilhar tanto do brinquedo quanto do ambiente coletivo são os jogos que envolvem um único objeto na aula. Pudemos constatar isto no jogo “Manipulando objeto”, onde os primeiros a participarem sem precisar ser estimulados por nenhum dos adultos foram C... e A1..., ambas as crianças se direcionaram para pegar o brinquedo, mas não houve disputa pelo objeto, C... ao perceber que A1... estava se direcionando para pegar o brinquedo, ele esperou e A1... por sua vez ao ver que C... também havia se direcionado para pegar o brinquedo, também parou e se afastou um pouco, foi quando C... pegou o brinquedo e jogou com força fazendo-o rolar umas três vezes no chão (risadas divertidas pôde ser notada). Depois que C... largou o objeto A1... se direcionou novamente para pegar o brinquedo que já se encontrava parado no chão, pegando-o arremessando (nesse momento se reforçou para C... que agora era a vez de A1... jogar). L... após ver os colegas se divertindo começou a participar também, algumas vezes demonstrou posse pelo brinquedo, mas com as intervenções realizadas pela professora de Educação Física L... passou a compartilhar o brinquedo sem apresentar resistência ou dificuldade.

A2... era uma criança que faltava bastante na creche, e quase sempre se encontrava chorando muito durante as aulas, neste dia, uma das professoras ficou sentada com A2 no colo acalentando, e mais ou menos no meio da aula a criança se acalmou se envolvendo um pouco no jogo, interagindo com umas das colegas, as crianças gradativamente foram se envolvendo na aula.

A interação com a professora de Educação Física foi aumentado a cada dia, ora as crianças arremessavam para mim, ora para qualquer espaço da sala. Apesar de o brinquedo ser grande e fazer muito barulho após lançado e cair no chão, nenhuma das crianças demonstrou medo, ou expressão de assustada. Ao verem os colegas se divertindo as outras crianças foram também se envolvendo na atividade.

Propiciar jogo que estimule a habilidade de força, como no exemplo acima descrito ao arremessar um brinquedo grande e significativamente pesado para uma criança de 1 ano de idade, faz parte dos objetivos da Educação Física para a pré-escola como já vimos em Borges (1987). Assim como auxiliá-la a superar os desafios que o próprio jogo coloca, tanto Le

Boulch (1982) quanto Vayer (1989) explicam sobre a importância de fazer a criança se sentir segura durante suas experiências, para que assim ela se torne cada vez mais autônoma ao realizar suas ações. Junto aos benefícios motores que o jogo traz, verificamos que a regra de respeito ao outro em participar da atividade foi bem aceita pelas crianças nessa aula.

Nos jogos “Andando na trilha” e “Andando na trilha com obstáculo”, que são atividades semelhantes, porém na segunda colocamos um objeto para aumentar o grau de dificuldade. O ambiente educativo foi organizado com as crianças observando toda a construção do percurso, onde verificamos que elas mantiveram sua atenção durante todo o momento até a demonstração de como ocorreria o jogo.

C... era uma criança que demonstrava bastante interesse pelas atividades propostas nas aulas de Educação Física, e muitas das vezes era o primeiro a querer realizar a atividade, e neste jogo foi que mais participou. E... foi uma criança que nesse momento da pesquisa ainda não sentia confiança no adulto que não fazia parte de seu convívio diário, participava pouco da aula e somente com umas das professoras com quem tinha uma relação mais frequente.

Apesar de termos constatado que K... não precisa de ajuda para transpor o obstáculo, pois observamos que conseguia entrar e sair do pneu sem dificuldade ou esforço, notamos que a criança apresentava certa insegurança para executarem o percurso sozinhos, necessitando de acompanhamento durante a atividade. K... conseguia elevar a perna realizando o movimento, sem desequilibrar, o auxílio da professora nesse caso é fundamental para a estrutura emocional da criança, até que ela se sinta encorajada a realizar o movimento sozinha.

A maioria das crianças, no início da atividade segurava minha mão para entrar e sair do pneu. Com as repetições passaram a tentar a entrar e sair sozinhas. Colocavam as mãos nos pneus para conseguir passar a perna, em quatro apoios à maioria obteve sucesso, e somente algumas vezes estendiam as mãos solicitando auxílio da professora de Educação Física.

Nas atividades direcionadas não detectamos conflitos, somente no final da aula quando as crianças foram deixadas livres para explorarem o espaço educativo e os brinquedos dispostos, é que os empurrões se manifestaram, precisando da intervenção da professora. O que pudemos verificar nesse momento da aula de Educação Física foi que, ao falar para as crianças não empurrarem os colegas, as crianças param de tentar tirar o outro, passando a compartilhar o espaço e o objeto. Mas devemos levar em consideração que a presença do adulto é um elemento coercitivo, pois verificamos que, as crianças notam quando estão sendo observadas ou vigiadas.

Durante o jogo de “Encaixe de argolas”, apesar da maioria das crianças já aceitar a presença e direcionamento das atividades realizadas pela professora de Educação Física, a

ausência da professora responsável pela turma ainda causava insegurança nas crianças. Esse sentimento pôde ser verificado quando, apesar de na sala de Educação Física ter banheiro, em um determinado momento da aula a professora responsável pela turma precisou utilizá-lo saindo do campo visual das crianças. Notamos que algumas começaram a demonstrar expressão de choro que logo sumiu com a volta da professora, e somente com a tranquilidade estabelecida nas crianças, que o jogo passou a despertar interesse nelas.

Durante o momento do jogo, notamos que algumas crianças que estavam executando o movimento como A... e C..., se mantinham com o olhar fixo na atividade, com total concentração para realizar os encaixes, enquanto outras crianças como V... e L... tinham a sua atenção facilmente deslocada para outros objetos que se encontravam nesse espaço educativo.

L... apresentou muita dificuldade para realizar o encaixe da argola precisando do auxílio do adulto para conseguir realizar o movimento, mais um vez, verificamos a importância da intervenção pedagógica na zona de desenvolvimento proximal, para estimular o desenvolvimento do controle motor que em outro momento da vida social da criança poderá ser acionado para dá à ela a liberdade de se movimentar de modo mais qualitativo. Já V... conseguiu realizar sozinho o encaixe das argolas. A... e C... realizaram os movimentos de encaixe e desencaixe das argolas demonstrando uma boa desenvoltura motora.

De acordo com as observações relatadas acima, podemos verificar que por mais que as crianças que se encontrem na mesma fase de desenvolvimento, suas habilidades se encontram em diferentes estágios como Piaget (1975a, 1975b) explica em sua teoria. Assim como pudemos verificar que a zona de desenvolvimento proximal de Vygotsky (1994, p. 113) é fundamental durante as intervenções da professora para auxiliar a criança com mais dificuldade, pois a

[...] zona de desenvolvimento proximal determinada através de problemas que a criança não pode resolver independentemente, fazendo-o somente com assistência [...] define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão presentemente em estado embrionário.

E dentro dos objetivos da Educação Física para a pré-escola, o controle motor é uma das habilidades desenvolvidas durante essas aulas, assim como as qualidades de atenção e concentração são estimuladas pelo jogo, agindo como filtro dos estímulos externos. Esses mecanismos controlam e regulam os processos cognitivos, conduzindo o pensamento para a atividade que está sendo proposta à criança.

Chegando ao final da aplicação dos jogos, no último mês de interação com essa turma, verificamos que ao surgir na sala e chamar as crianças para irmos para a sala de Educação Física, a rotina revelou a familiarização com essa informação, uma vez que as crianças já estavam habituadas com as aulas. Observamos que elas ao verem a professora de Educação Física chamar, foram se organizando, pegando nas mãos umas das outras, se direcionando a porta e se deslocando pelo corredor. Averiguamos que, a criança que antes se recusava a interagir com o adulto que não fazia parte de seu convívio diário, agora passou a aceitar esse adulto com quem ela passou a vivenciar experiências dentro do espaço da creche.

Ao organizarmos a sala para iniciar o jogo “Atravessando a fileira de pneus” verificamos que as crianças imediatamente foram se direcionando para os pneus, explorando-os sem demonstrar conflito em compartilhar o brinquedo, nem o espaço educativo. Todavia, como a aula era intencional com direcionamento pedagógico, a ansiedade das crianças em participar teve que ser controlada para que todas pudessem atravessar por cima dos pneus, e para isso tivemos que organizá-las para realizar o movimento uma a uma.

Durante a travessia dos pneus, as dificuldades foram surgindo, afinal estamos falando de crianças de 1 ano de idade, e muitas solicitavam a ajuda para subir ou descer dos pneus, enquanto outras tentavam ir de um pneu a outro criando suas próprias estratégias de deslocamento. Algumas se apoiavam com as mãos na borda do pneu para ultrapassar, outras sentavam na borda utilizando as mãos como apoio e elevavam a perna até chegar do outro lado.

Vale ressaltar que no final da aula, os pneus foram distribuídos pela sala de Educação Física e as crianças foram deixadas mais livres para explorarem os pneus entre elas, mas sempre com os olhares supervisionado das professoras, e quando havia necessidade intervenções eram realizadas. Dentre várias formas de interesses despertadas por elas, registramos as que imaginavam ser os “professores” auxiliando os colegas durante a atividade.

3.3.2 Crianças de 02 anos de idade

Pudemos notar que, nesta turma, o momento da aula de Educação Física não apenas foi antecipadamente esclarecido pelas professoras, assim como verificamos que as crianças demonstraram compreender a informação, pois observamos que elas já sabiam para onde estavam sendo encaminhadas. Com isso, quando as professoras pediram para as crianças fazerem uma fila, elas já foram se organizando uma atrás da outra sendo deslocadas até o

espaço das aulas de Educação Física. Porém esse novo espaço era novidade para elas e como era a primeira vez que elas estavam nesse ambiente, sentamos e conversamos, explicando que lugar era esse onde nós estávamos para reforçar o que faríamos nesse novo ambiente educativo.

Durante a explicação da aula e demonstração de como seria o jogo “Arremessar a bola dentro do palhaço”, as crianças mantiveram sua atenção em tudo que lhes estava sendo falado. O interessante é que mesmo sabendo que deveriam arremessar a partir de um ponto definido, algumas crianças ao sentirem dificuldade em direcionar o arremesso de modo a colocar a bola dentro do objeto, se aproximavam do alvo na tentativa de acertar. Algumas vezes eu mesma enquanto pessoa que estava conduzindo a atividade aproximava o alvo para ajudar a criança no sentimento de satisfação.

Durante toda a aula de Educação Física, notamos que as crianças se esforçavam para direcionar seu arremesso no alvo, e pudemos verificar que a espera pela sua vez de arremessar foi ponderada por todos da turma. No final da aula as crianças ajudaram a guardar os materiais utilizados na atividade, sem demonstrarem disputa pelo brinquedo.

Acreditamos que assim como o sentimento de frustração é importante para o equilíbrio emocional da criança, por influenciar na construção da personalidade infantil, a satisfação em realizar com sucesso determinada tarefa também é tão essencial quanto, por contribuir com o fortalecimento da autoestima da criança, estimulada nas diversas situações que vivenciam dentro do espaço educativo.

Concordamos que a presença do professor é essencial no desenvolvimento da criança mediante esses processos, e sabemos que Le Boulch (1982, p. 182) afirma “[...] a maioria dos elementos que intervêm para motivar a criança estão ligados à presença do adulto [...]”. Desse modo, podemos dizer que a qualidade das realizações, está intimamente ligada a qualidade das inter-relações, pois vivemos em um jogo de interdependência cotidiano, onde precisamos nos empenhar em melhorá-lo a cada dia, para que assim a criança possa se apropriar da cultura humana salvaguardando seus valores.

No jogo de “Passar por baixo da corda” verificamos um esforço por parte da maioria para respeitar o que lhes foi dito de não tocar na corda. E como primeiro a atividade foi realizada individualmente pudemos notar que as crianças esperavam, sendo evidente que algumas com muita ansiedade enquanto outras demonstraram paciência, a sua vez de serem chamadas para passar por baixo da corda. Esse foi um momento em que as professoras com quem realizam as trocas diárias sempre estavam ajudando falando para as crianças que precisavam esperar a sua vez como os outros colegas estavam esperando.

Notamos que uma forma de ajudar as crianças a realizarem esse deslocamento com uma melhor compreensão do que lhe estava sendo informado, foi falando para elas se deslocarem “como a cobra ou o jacaré andam”, assim usamos o lúdico para facilitar a captação do que pretendíamos comunicar. Lembrando que essa forma de deslocamento por rastejar é uma qualidade física estimulada nas crianças que consta nos objetivos específicos da Educação Física na pré-escola.

No segundo momento quando todas foram convidadas a realizar o jogo juntas, notamos que tem crianças que só queriam passar por baixo da corda se a professora de Educação Física passasse junto com elas, enquanto que outras interagiram entre si passando junto com o coleguinha, e algumas estimulavam os menos ativos a realizar o movimento. Não identificamos conflitos no momento desse jogo e de modo geral as crianças respeitaram o que lhes foi dito quanto ao cuidado com o colega com que estavam realizando as trocas sociais no momento do jogo.

A convivência em grupo associado a atividades que exigem amplitude motora, nos fez recordar de Borges (1987) ao esclarecer sobre a importância de ensinar a criança como se movimentar em espaço coletivo controlando seus movimentos, onde a liberdade está restrita não apenas ao cuidado de não interferir na integridade física do outro, mas também no respeito ao direito do outro em experimentar as atividades propostas na aula e o professor com suas intervenções gradativamente conduz as atitudes das crianças ao respeito das regras sociais que estão sendo trabalhadas na aula.

No jogo onde as crianças foram estimuladas a realizar o salto ao “Passar por cima da corda” notamos que K... e D... nos primeiros saltos demonstraram insegurança para executar o movimento. Mas quando as mãos dessas crianças foram seguradas, uma de cada vez, elas realizaram os saltos sem dificuldade nenhuma. Após algumas repetições, foi explicado para as crianças que iriam realizar os saltos em duplas, e no final da aula todas foram colocadas para realizarem o salto em grupos. Nessas duas últimas etapas da aula, ambas as crianças que estavam com insegurança de realizar os saltos passaram a demonstrar confiança em si própria, executando o movimento sem precisar de ajuda.

Saltar é uma habilidade motora que consta nos objetivos da Educação Física para a pré-escola e em vários jogos essa habilidade é estimulada, e o sentimento de segurança para executar o salto é um aspecto fundamental no processo de desenvolvimento infantil, pois por meio desse sentimento a criança se sentirá capacitada a realizar as mais variadas tarefas que a ela for colocada, enfrentado com coragem cada novo desafio que surgir.

Temos verificado em diversos momentos da aplicação dos jogos que esse sentimento é estimulado pelo professor, que segundo Le Boulch (1982, p. 151) “A ajuda dada é através do afeto e da segurança transmitida pela sua presença; um contato manual eventual poderá assegurar um apoio. É possível também intervir modificando a situação proposta para a criança que está em dificuldade”. Cabendo a sensibilidade do professor em disponibilizar esse contato, até que a criança se sinta confiante em executar o movimento sozinha.

No jogo “Lobo” primeiramente relembramos a história, pois as crianças costumam assistir no DVD colocada pelas professoras. O diferencial foi que na aula de Educação Física elas puderam experimentar corporalmente essa história e o processo de construção da casa do lobo com a ajuda das crianças estimulou no envolvimento delas.

Enquanto a professora de Educação Física se posicionava dentro da casa, por fazer o papel do lobo, as demais professoras passeavam pela floresta com as crianças. Verificamos que no momento em que o “lobo” saía da casa para pegar uma criança, que posteriormente se tornaria o “lobo”, algumas crianças demonstraram um pouco de medo, correndo para pegar na mão de uma das professoras de seu convívio diário, e nesses momentos a professora que eles recorriam explicavam para essas crianças que era uma brincadeira que elas não precisavam ter medo, e aos poucos notamos que houve o envolvimento dessas crianças na aula.

Em contrapartida, observamos que a maioria participou da aula ativamente, assumindo o papel do “lobo” quando eram pegadas. Houve sim poucos momentos em que foi necessário reforçar para as crianças que precisavam ter cuidado quando eram o “lobo” ao correr e pegar alguns dos colegas, onde enfatizamos que era apenas para pegar com bastante cuidado para não machucar. E essa informação, notamos que passou a ser respeitada por todas, pois não tivemos conflitos, empurrões ou machucados.

No jogo “Empilhando latas” C... por motivo não identificado (nem pelas professoras de seu convívio diário) se encontrava chorando não demonstrando nenhum interesse em participar da aula de Educação Física recusando todos os estímulos por parte das professoras, com isso sua vontade foi respeitada e a criança passou a aula toda somente observando os outros colegas.

E1... se encontrava meio tímida, precisando um pouco de estímulo das professoras para interagir na aula, e a medida que foi se envolvendo no jogo sua autonomia foi se manifestando. E2... e V... apresentaram um pouco de dificuldade para regular a força aplicada ao empilhar as latas, e as intervenções foram realizadas para ajudar as crianças, com isso entramos na zona de desenvolvimento proximal. L1..., M..., L2... e L3... realizaram a

atividade sozinhas, onde pudemos observar que acionaram sem dificuldades as habilidades necessárias para colocar as latas uma em cima da outra.

Esse é um jogo que solicita da criança atenção, concentração, cuidado, buscando regular a força aplicada pela criança no momento de colocar uma lata em cima da outra. E sabemos que regular a força é um elemento que compõe as especificidades da Educação Física, onde temos visto no jogo uma ocasião concreta da criança se expressar como um todo, e isto integram virtudes e defeitos, habilidades e dificuldades, bem como, as possibilidades de descobrir o jogo como um extraordinário campo para a descoberta de si mesmo e para o encontro com os outros.

No jogo “Colocando os bastões dentro das caixas” verificamos que no momento em que cada criança se encontrava executando a atividade, a atenção e concentração eram elementos identificados durante a realização do movimento. Como as crianças foram orientadas a colocar um bastão em cada caixa, pudemos verificar nesse jogo que as noções de proporções, conteúdo da área de conhecimento da Matemática foi ludicamente desenvolvidas, propiciando às crianças essa experiência por meio dos amplos movimentos corporais.

Notamos também que as crianças que apresentaram maior dificuldade para compreender as noções de proporções foram as que mais têm se ausentado da creche, precisando das intervenções pedagógicas para alcançar o objetivo do jogo. Quanto ao objetivo da pesquisa, que está relacionada às práticas sociais, verificamos que as crianças ora precisam da intervenção das professoras para observar a regra social de esperar enquanto o outro colega está realizando a atividade, ora os próprios colegas realizam as coerções psicológicas, mesmo que estejamos falando de crianças de 02 anos de idade, pois escutamos em alguns momentos “L... a M... ta brincando... né fessora que tem o L... tem que esperar o coleguinha acabar?” imediatamente a professora reforça a informação, concordando com o que a criança fala.

Durante o jogo verificamos que B..., L..., M..., R... e M apresentaram um pouco de timidez, mas isso não os impediu de participar da aula. As crianças receberam a todo instante estímulo das professoras, e ao final da aula foram bastante prestativos auxiliando a guardar todos os materiais compartilhados.

No jogo “Arremesso nas latas” averiguamos que algumas crianças são bastante ativas, agindo com certa autonomia durante o momento de realização do jogo, porém ainda observamos algumas crianças como M... e B... que só participam quando recebem estímulos das professoras, e somente no decorrer da aula que passam a se envolver na atividade.

O momento de organização da sala ao final da aula, crianças como L... demonstrou ser bastante prestativos ajudando a guardar todo o material utilizado, já as outras crianças

precisaram que as professoras estimulassem a ajudar. Temos enfatizado nesse estudo, a importância de ensinar as crianças a cooperar na organização do espaço coletivo, e essa ação foi incentivada dentro e fora das aulas de Educação Física com um trabalho em comum à todas as professoras.

No jogo “Ronda redonda” foi um dos jogos aplicados que nos permitiu ter uma melhor visualização do processo das regras sociais aplicadas durante as aulas de Educação Física. Como já falamos anteriormente, jogos que utilizam um único objeto para compartilhar, exige da criança um maior controle das suas emoções e o que pudemos averiguar, foi uma relação de companheirismo entre as crianças.

Durante toda a atividade, a ação de compartilhar a única bola em jogo foi realizada sem identificarmos nas crianças a intenção de posse do objeto. A cada momento que a bola ia em direção de uma das crianças, esta rebatia (empurrando) a bola para outro colega, e quando a bola saía do espaço da roda, duas ou mais crianças se levantavam para pegar e trazer a bola de volta a roda. Nesses momentos a orientação dada era que tomassem cuidado para não se machucar ao trazerem a bola, e quando outras queriam se levantar para ir também pegar a bola lhes era falado que não precisava porque os colegas já estavam pegando. Notamos que as crianças aceitavam as orientações, esperando os colegas voltarem a retomar o jogo, no final da atividade um pequeno grupo se reuniu para levar a bola para a professora guardar.

No jogo “Para mim e para você” a maioria das crianças foram bastante participativas. AC..., E1..., E2..., M..., L... e D... interagiram entre si demonstrando respeito quando a outra criança estava com a bola, e em vários momentos reinventaram a atividade, realizando outras formas de compartilhar a bola (sentados, em pé, arremessando e correndo atrás, arremessando para o outro colega pegar com quem não fazia dupla). B... participou do jogo somente na metade da aula e só demonstrou interesse em participar com a professora de Educação Física, rejeitando as outras crianças. Verificamos que a ajuda no final da aula tem se incorporado nas atitudes das crianças de tal forma que ao falarmos “vamos ajudar a professora a guardar” as crianças imediatamente colaboram.

No jogo “Arremessando a bola por baixo da rede de tênis” aproveitamos para perguntar a cor do material (rede) que seriam utilizados na aula, onde obtivemos resposta (verde) de uma das crianças. M... foi a criança convidada pela professora de Educação Física para auxiliar a demonstrar para a turma como seria a aula desse dia, e a criança quando solicitada se direcionou expressando alegria, com um sorriso no rosto.

As crianças foram organizadas em duplas e todas foram participativas na aula, umas com autonomia sendo bastante ativas durante a atividade, enquanto que B... ainda continua se

recusando a interagir com as outras crianças, se permitindo participar da aula somente em interação com a professora.

No jogo “Arremessando a bola por cima da rede de tênis” após organizar a sala colocando as crianças com suas duplas, iniciamos a atividade e pudemos observar que as crianças começaram a experimentar formas variadas de realizar o arremesso, sentadas no chão longe ou perto da rede, em pé longe ou perto da rede. Notamos que a regra de não pegar na rede com as mãos foi acatada pela turma, porém essa proibição estava sendo a todo instante sendo enfatizada pelas professoras.

Em alguns momentos flagramos alguns dos meninos chutando a bola ao se levantarem para pegá-la, levando à intervenção da professora que explicou “a bola de vôlei não é para chutar e sim arremessar com as mãos”. Verificamos que imediatamente as crianças pararam de chutar voltando a arremessar a bola com as mãos, pois com as coerções sofridas as crianças passaram a respeitar as regras informadas.

Vale ressaltar que a todo instante as professoras lembravam as crianças do cuidado que precisavam ter ao arremessar a bola para não machucar o colega que ia receber essa bola lançada. Até que em um determinado momento E... falou “eu joguei a bola com cuidado” se referindo a colega com quem estava dividindo a bola. Nessa aula, verificamos que apesar da agitação das crianças durante o jogo o cuidado no arremesso, a regra de não pegar na rede, o compartilhamento da bola foi aceito por todos os presentes.

No jogo “Atividade com bastões” todas as crianças se envolveram rapidamente na aula. Mas o que observamos foi que nas primeiras vezes que realizaram o deslocamento por corrida, demonstraram um pouco de insegurança como se não tivessem certeza se podiam correr. Mas no decorrer da aula notamos que as crianças começaram a se soltar.

Em um determinado momento da aula D... ao voltar da corrida soltou o bastão que estava em sua mão quase acertando um das professoras. Nesse momento conversamos com D... orientando a criança a segurar o bastão de modo a não cair da sua mão, D... balançou a cabeça sinalizando “sim”, sorriu e continuou com a atividade. Notamos que o incidente não voltou a se repetir, nem com D... nem com outra criança.

Sabemos que viver em sociedade é um exercício de solidariedade e cooperação que é iniciado na infância, onde o estado de bem estar coletivo se encontra em níveis cada vez mais ampliados e complexos. Por ser uma prática que se dá em longo prazo, a criança necessita da convivência com o ambiente humano para que crie atitudes mais conscientes, assim como valores e significados compatíveis com uma relação social. E por sabermos que essa é uma aprendizagem que percorre toda a vida do ser humano, é que acreditamos que dentro das

especificidades da Educação Física para a pré-escola, encontramos por meio do jogo o estímulo para um desenvolvimento corporal harmônico, tanto físico como mental, afetivo e social.

3.3.3 Crianças de 03 anos de idade

O processo de compreensão dos momentos das aulas de Educação Física com as crianças dessa turma se estabeleceu após poucas aulas iniciadas. Como já dissemos anteriormente, a maioria dessas crianças já haviam sido meus alunos quando ainda atuava na creche. Diante dessa experiência familiar para a maioria, ao chegar na sala de aula e dizer “vamos para nossa sala, fazer nossa aula de Educação Física”, as crianças que já eram habituadas com essa informação, por já terem vivenciado esse momento em anos anteriores, saíram correndo em minha direção, formando uma fila, disputando quem ia ser o primeiro, porém não detectamos brigas ou conflitos.

Apesar de não concordar com a formação em fila para se deslocarem de um espaço a outro nessa etapa da educação básica, entendo que essa ordem da estrutura social é um elemento desenvolvido pela sociedade, pois “A fila uma forma social de organização, se aprende desde cedo. Na escola, a criança, qual seja o destino, é organizada em fila: *piui tcha tcha tcha não precisa empurrar*. A questão não é se o brasileiro gosta ou não de fila, o que seria sem a fila nessa estrutura social” como nos esclarece Matos (*grifos do autor*, 2015, p. 40), dessa forma nos apropriando da ludicidade para esse momento de deslocamento, estimulávamos as crianças a se movimentarem imitando pássaro, avião, etc, mantendo esse modo de se deslocar nos espaços da creche.

Em nossas observações pudemos perceber que desde a primeira aula as crianças se envolveram bastante no jogo. Na primeira aula, a maioria das crianças foram bastante ativas durante toda a atividade. No jogo “Atividade com bola de ping-pong” verificamos que J... demonstrou certa insegurança durante a aula realizando a atividade somente quando recebia estímulos, porém a criança se mostrou sempre muito cuidadosa zelando pelo brinquedo (bola de pin-pong) que lhe foi dado para executar o jogo.

Ao contrário Y..., de todas as crianças, foi a que mais precisou de orientação da professoras quanto ao cuidado que deveria ter com o brinquedo que estava sendo utilizado na aula, pois Y... jogava a bola de qualquer maneira perdendo-a na maioria das vezes, sem nem ao menos ter a mínima noção aonde ia parar a bola. Os outros colegas que sempre encontravam a bola que Y... perdia, devolvia à ela com muita camaradagem.

Boa parte da turma demonstrou compreender que cada um havia recebido apenas uma bola e quando alguém estava de posse de duas bolas, saía procurando um colega que estava sem bola e dava para este colega uma das bolas. E quando não encontrava o responsável pela bola, solicitava ajuda das professoras para encontrar o colega que estava sem bola. Em um determinado momento da aula A... foi reclamar com uma das professoras que um colega havia batido com a bola na testa dele, a professora explicou que “foi sem querer”, em seguida A... voltou para a brincadeira todo contente.

Ao serem solicitadas a guardarem as bolas, todas as crianças se direcionaram ao local de organização dos materiais para devolver o brinquedo. Y... colocou a bola em um lugar qualquer do armário, lhe foi mostrado a caixa onde estava sendo guardada as bolas, Y... meio acanhada tentou pegar a bola para guardar no lugar indicado, mas a bola havia rolado dificultando o alcance da criança para pegar. Nesse momento, com a atenção voltada para Y..., outra criança I..., pegou uma bola de dentro da caixa. I... ao ser flagrado ficou meio sem jeito, mas só colocou a bola de volta na caixa quando lhe foi reforçado a informação que estava na hora de guardar o brinquedo.

Orientar-se no espaço, discriminando localização e direção é um elemento que consta nos objetivos das aulas de Educação Física para a pré-escola. Nesse jogo podemos notar muitas regras sociais sendo evidenciadas ao mesmo tempo. Começamos pelo cuidado com o material utilizado no decorrer da atividade, percebemos que foi observado por uns e negligenciado por outros, mas sabemos conforme Piaget (1975a, 1975b) que os processos cognitivos de compreensão podem variar mesmo que as crianças se encontrem na mesma fase de desenvolvimento e que aos poucos elas passaram a perceber a importância de ser responsável pelos objetos que são compartilhados coletivamente na aula.

Nessa interação professor-criança os limites, cuidado e organização são apresentados e isto é essencial no entendimento da vida em grupo. Isto podemos perceber na leitura em Barbosa (2009, p. 108)

[...] ao adulto cabe organizar e mostrar os limites espaciais e materiais para a criança: aonde vai ou não acontecer, como vai acontecer, de onde saem e para onde vão os materiais, como se cuida deles [...] deixar claro a existência de um ordem [...] O professor não pode pensar ou movimentar-se pela criança, mas pode sustentar, favorecer ou conter as ações e as experiências de cada uma no coletivo. Sustentar significa manter o equilíbrio, nutrir, proteger, garantir e fornecer os meios necessários para a realização e continuação de uma atividade, apontar firmemente os limites necessários a cada interação e realização das crianças. Apoiar o que ela pode realizar com seu corpo, promovendo a abertura necessária para a pluralidade de experiências que as crianças podem *saborear*. (grifos da autora).

Outro ponto a ser enfatizado é o respeito à regra apresentada as crianças no início da atividade, onde cada uma se tornou responsável pela bola que havia recebido para brincar e quando uma criança encontrava outra bola, logo saía procurando o colega que estava sem, porque sabiam que não podiam ficar com duas bolas e por estarem em uma atividade direcionada por adultos, as coerções psicológicas acabam por conduzi-las a essas atitudes, o esperado é que futuramente esses valores se internalizem ao ponto de se tornarem parte do comportamento da criança, como nos explica a teoria eliasiana (1994a, 1994b, 2006, 2012). A ajuda para organizar o espaço coletivo no final da aula é outro aspecto que sempre é reforçado.

Nos jogos “Acerte o alvo I” e “Acerte o alvo II” iniciamos as aulas estimulando a oralidade das crianças, onde perguntamos sobre as cores dos brinquedos (bola verde, bambolê vermelho, etc.), detectando uma boa interação das crianças com quem estava direcionando a atividade.

Verificamos que L... e J... demonstraram uma rápida compreensão das regras apresentadas, pegar a bola, pisar na linha demarcada, arremessar buscando derrubar as garrafas e ao final ajudar a arrumar novamente as garrafas colocando a bola de volta na caixa, ou seja, organizando o espaço para a próxima criança executar a atividade. Enquanto que outras crianças precisaram de orientação para essa organização, pois a todo instante enfatizávamos que o outro colega também ia participar e por essa razão era necessário organizar o material.

Sabemos que a cooperação é uma prática social desenvolvida nos momentos de interação, que estimula na formação de um ser humano mais consciente de seu papel em ambiente coletivo, por conta disso que estimulamos as crianças a se sentir responsável tanto pelo material como pelo espaço compartilhado.

No jogo “Dentro/fora do bambolê” pudemos observar a autonomia das crianças ao escolherem o bambolê de sua preferência (cores variadas). O jogo no início foi direcionado com nossa participação realizando a atividade junto às crianças, depois a professora saiu de cena apenas falando “dentro/fora”. Todas as crianças se envolveram na aula demonstrando atenção e noção de espaço, o que era estar dentro e o que era estar fora do bambolê.

Após algumas repetições era solicitado às crianças que escolhessem outro bambolê. Verificamos que na maioria das vezes quando duas crianças se direcionavam ao mesmo bambolê, uma delas acabava por ceder a vez ao colega que chegava primeiro, não havendo conflito durante a atividade.

No jogo “Lançamento de pelotas”, onde a habilidade força foi estimulada, verificamos que as dificuldades apresentadas por algumas crianças foram superadas tanto pelos estímulos recebidos pelas professoras quanto pelos estímulos recebidos dos colegas que se encontravam na torcida aguardando a sua vez de realizar os lançamentos. A cooperação mais uma vez se manifestou durante a aula, pois constatamos que após os lançamentos e verificação do quão longe cada criança conseguia alcançar, ao serem requisitadas a buscarem a pelota e colocar na linha demarcada para a próxima criança que iria realizar o lançamento, a atitude de cooperação foi observada, assim como o cuidado nos arremessos.

Em alguns momentos, as pelotas iam em direção ao público, nessas horas se reforçava para a criança ter cuidado para a pelota não machucar por conta do seu peso. Verificamos que quando a criança realizava novamente o arremesso, se esforçava para direcionar o objeto de forma a não ir em direção as pessoas que se encontravam na lateral do espaço da atividade. Com essas observações, notamos que a criança compreendia o conceito de cuidado com o outro.

No jogo “Cobrinha” as crianças foram muito ativas durante a aula, realizando os saltos de modo a não pisar na corda que estava em movimento. Como de costume, o cuidado para não se machucar e não machucar o colega foi bastante reforçado por todas as professoras durante a aula. Houve algumas colisões, nada grave, sem ocorrer tensões, choro ou revanche. Verificamos que as crianças demonstraram compreender que se não tivessem cuidado poderiam esbarrar em outro colega, e com o reforço das professoras sobre o cuidado, as colisões foram diminuindo no decorrer da atividade, até por fim cessarem.

Alguns momentos as crianças cansavam, comunicando para a professora que às orientava a sentar um pouco para descansar, após alguns minutinhos sentadas, às crianças voltavam ao jogo. Observamos que as relações interpessoais ocorreram alcançando o bem estar coletivo e as práticas sociais foram respeitadas.

No jogo da “Serpente”, primeiro cantamos a música para as crianças se familiarizarem com ela. Ao iniciar a movimentação, observamos que a maioria das crianças apresentaram uma boa diferenciação entre engatinhar e se arrastar no chão. O jogo exigia o arrastar, uma vez que as crianças estavam formando um túnel com as pernas afastadas para outras crianças passarem por baixo. Algumas crianças (que são menores que outras em tamanho) ficavam se equilibrando nas pontas dos pés quando alguém passava por baixo de suas pernas (estratégia elaborada pela própria criança). Por outro lado o cuidado no deslocamento de quem estava rastejando estava a todo instante sendo estimulado pelas professoras.

O equilibrar-se em diferentes situações, com ou sem deslocamento, controlando e ajustando sua postura, é um componente da Educação Física bastante estimulada nesse jogo. As regras sociais que são apresentadas no momento do jogo permite que as crianças se encontrem em nível de igualdade para a tomada de decisões, desenvolvendo de forma lúdica a consciência que precisam respeitar a si e aos outros, com cuidado para não se machucarem, trabalhando em grupo, controlando suas emoções, preservando o espaço e os brinquedos ou material pedagógico utilizado por todos, ajudando a colocar em ordem sua compreensão sobre a importância de observar tais regras sociais. E isto, será de grande valia em outras dimensões de sua vida fora da escola.

No jogo “Corrida de jornais I” as crianças se envolveram na aula, ora quando estavam executando a corrida ora quando estavam torcendo pelos seus colegas. No início da aula A... não demonstrou interesse pela atividade, permanecendo parada na linha de partida e não respondendo aos estímulos recebidos pelas professoras. Somente quando nos posicionamos ao seu lado que A... fez menção de pegar na mão, mas evitamos o contato, com isso A... novamente parou o deslocamento. Então falamos que acompanharia A... durante todo o percurso mas não havia a necessidade de pegar na mão, então A... começou a se deslocar. No decorrer da aula, quando a atividade passou a ser executada em grupo, A... passou a se deslocar sem nosso acompanhamento, apenas com os demais colegas.

Verificamos durante esse jogo que algumas crianças demonstraram competitividade, por mais que isto não tenha sido estimulado. Notamos o esforço por parte de algumas crianças para chegarem primeiro que o colega com quem estavam realizando a atividade, porém não detectamos conflitos mesmo notando esse espírito competitivo, pois constatamos que a maioria somente se preocupava em completar o percurso, e isto foi o que procuramos trabalhar durante o jogo, a participação na aula.

No jogo “Corrida de estafeta” primeiro todas as etapas da atividade foram explicadas e direcionadas até as crianças vivenciarem todo o percurso, chegando a realizar o jogo com autonomia, sem a intervenção da professora. Como esse jogo envolve a corrida com bastões onde após contornar o cone precisa passar esse bastão para o outro colega, verificamos que, como o conceito cuidado vem sendo trabalhado desde o início das aulas as crianças não apresentaram nenhuma dificuldade em realizar a atividade com o cuidado necessário durante todo o momento do jogo.

Como o controle de apreensão e soltura do objeto se encontra com maior domínio nessas crianças, não detectamos nenhum acidente, ou qualquer intenção de utilizar o bastão

contra algum dos colegas. O esforço em chegar primeiro que o colega foi observado em algumas crianças, apesar de não serem estimulados a “ganhar” um do outro.

No jogo “Corrida em dupla com os bastões” L... foi solicitada pela professora para ajudar a demonstrar a atividade, que imediatamente foi prestativa auxiliando na aula. Notamos as crianças sendo cuidadosas umas com as outras ao correrem em duplas compartilhando o bastão. Durante a aula poucas intervenções foram realizadas, e na maior parte do tempo as crianças foram autônomas, e ao final da aula as crianças, conforme tem sido feitos em todas as aulas ajudaram a guardar todos os materiais.

No jogo “Revezamento em círculo” as crianças foram convidadas para fazerem uma grande roda, rapidamente começou uma corrida para disputar quem segurava na mão da professora. Apesar da disputa, não houve conflitos e nem a necessidade de intervenção, pois as crianças respeitaram as que chegaram primeiro e foram se organizando na roda.

O jogo foi explicado e demonstrado pela professora que após iniciado, teve a participação de todas as crianças, estas foram bastante ativas durante toda a aula. O brinquedo (bola) foi compartilhado por todas, e observamos que cada uma correu apresentando uma desenvoltura significativa ao se deslocarem passando a bola com cuidado e atenção ao colega do lado.

O desenvolvimento da velocidade e sua regulação (rápido/devagar) é um elemento que constam nas aulas de Educação Física. O aprendizado do movimento depende de todas as vivências corporais que a criança obtém na interação com o contexto social envolvido. Nesse caso a criança terá uma zona de aprendizado e um conhecimento assimilado de acordo com suas experiências, que quanto mais ricas forem, mais significativas se tornarão. E dependendo da atividade, da dinâmica, da participação efetiva da criança, assim como do meio favorável a essa aprendizagem, o mediador desta interação – e no nosso caso estamos falando do professor de Educação Física – a responsabilidade em trabalhar com o acervo motor que a criança já possui, ajuda no melhor entendimento do aprendizado, além de mostrar as regras e os valores sociais já existentes.

No jogo “Saltar com os pés juntos sobre os bastões” como é um jogo mais individualizado que exige da criança atenção no espaço reduzido para saltar entre os bastões dispostos no chão, verificamos que no momento de execução da atividade, as crianças voltavam sua atenção para o que estavam fazendo, demonstrando concentração.

Por mais que as crianças já consigam realizar o salto com os pés juntos, e isso temos verificado nos diversos jogos que temos aplicados e que estimulam o saltar, como o espaço para realizar esse movimento se encontrava reduzido, constatamos mais uma vez insegurança

em algumas crianças. Nesses momentos o professor é fundamental para passar segurança e incentivar a criança, e mais uma vez notamos que com a intervenção do professor as crianças que apresentavam dificuldade, gradativamente foram superando.

3.3.4 Os jogos no processo de interação social neste estudo e a percepção das professoras da creche

Tendo como base os sete anos de experiências em creche, procuramos nas primeiras aulas de Educação Física realizar jogos que exigisse um maior contato físico da criança com o professor. Associando esses jogos aos brinquedos utilizados, verificamos que ao despertar o interesse das crianças houve uma facilitação no processo de interação, assim como uma melhor adaptação ao adulto com quem as crianças tinham poucas trocas diárias. A participação das outras professoras com quem conviviam diariamente, na aula de Educação Física, contribuiu para o processo de ganho de confiança da criança ao novo ambiente e ao novo adulto, transformando a pessoa estranha em alguém que se podia sentir segurança.

Conforme as observações e registros, foi perceptível que os laços de confiança e segurança foram se construindo durante as relações interpessoais e sociais durante as experiências vividas pelas crianças no decorrer de sua atuação no espaço educacional, favorecendo para a compreensão de suas ações em meio social, e esses elementos se apresentaram fundamentais durante nossa pesquisa de campo.

Durante a aplicação dos jogos nas aulas de Educação Física, averiguamos que o controle motor é uma habilidade desde cedo estimulada. Temos como exemplo, tanto os arremessos praticados em vários jogos auxiliando a criança pouco a pouco a regular o direcionamento do arremesso do brinquedo utilizado nas mais variadas atividades, quanto os jogos envolvendo o movimento de correr. Verificamos que a compreensão da importância de saber compartilhar o espaço coletivo de modo seguro, sem que interferisse na liberdade do acesso que todos têm em relação a esse espaço educativo sofre fortes intervenções dos professores, confirmando o valor da relação de interdependência abordada por Elias (1994a, 1994b, 2006, 2012).

Outro aspecto que gostaríamos de enfatizar é que, assim como as crianças eram estimuladas na sala de aula, nas aulas de Educação Física elas também eram solicitadas a ajudar a guardar o material que foi utilizado durante a atividade proposta. E o que constatamos foi que esse era um momento realizado por elas com muita naturalidade, mesmo sendo uma ação executada por crianças tão pequenas. Supomos que seja a estratégia e personalidade do professor como decisiva para este resultado

Por ser uma prática que vem sendo encorajada nessas crianças todos os dias ao final das brincadeiras, desde o primeiro dia de aula na creche, tanto na sala onde passavam maior parte do tempo quanto no espaço onde ocorriam as aulas de Educação Física, notamos que essa atitude se tornou parte do seu comportamento, entrando em conformidade com Barbosa (2009) e os documentos que norteiam a educação infantil (BRASIL, 1998b) que explicam sobre a importância de incentivar práticas sociais como organização e preservação do espaço coletivo.

Os diversos jogos aplicados nos permitiu constatar que o cuidado consigo e com o colega, o respeito ao outro, o saber esperar sua vez, a partilha e a organização do brinquedo e do espaço coletivo utilizado, foram práticas sociais constantemente apresentadas e reforçadas nesses momentos. E sabemos que essas práticas são fundamentais na convivência em grupo e que são estimuladas tanto durante o momento do jogo quanto fora dele.

Diante de todo o exposto defendemos que, a Educação Física Escolar com suas especificidades no desenvolvimento das habilidades físicas, contribuem no uso qualitativo do espaço social ao encorajar na criança a observância de tais atitudes mediante o ambiente social. Vemos no jogo, contribuições para a formação desse novo indivíduo que a longo prazo esperamos que passe a atuar em seu ambiente humano, reproduzindo os valores desenvolvidos por sua sociedade. Todos esses valores são práticas aprendidas durante as experiências vivenciadas nos momentos compartilhados na creche, dentro e fora das aulas de Educação Física, desenvolvendo habilidades que contribuem na construção de suas relações sociais.

Uma parte da pesquisa que nos ajudou a aclarar sobre a contribuição da Educação Física por meio dos jogos no processo das práticas sociais em crianças na tenra idade foi poder ouvir a percepção das professoras sobre o assunto (Apêndice B). Com isso, as entrevistas foram significativas nessa investigação, por nos permitir esclarecer algumas dúvidas e questões sobre a problemática desse estudo.

A partir da análise de conteúdo realizada junto às respostas das entrevistas, pudemos registrar a ideia que as professoras têm a respeito do papel da Educação Física no processo de compreensão das práticas sociais durante a interação das crianças de 1, 2, 3 anos de idade no momento do jogo.

O processo descrito a seguir se refere a uma visão interpretativa da realidade do ponto de vista das professoras entrevistadas, onde buscamos compreender a realidade a partir do que foi declarado por elas. Tendo como base as duas primeiras perguntas, durante essa análise duas palavras foram identificadas na repetição das falas das professoras: processo e regras.

O componente processo se apresenta nos relatos das professoras participantes da pesquisa, com as seguintes nomenclaturas: criando aquele hábito, rotina, com o passar dos dias, desde o início do ano letivo, diariamente, processo, aos poucos vão compreendendo, assim que chegam na creche já começamos a fazer esse trabalho.

As regras sociais, elemento incentivado nas crianças a cumprirem, contribuíram bastante durante esse processo. Essas regras são expressas nos relatos das professoras com as seguintes nomenclaturas: regrinhas, o que pode o que não pode, respeito a todos a terem os mesmos direitos aos brinquedos e espaços, esperar sua vez, respeito aos coleguinhas, respeito ao espaço do outro, compartilhar, cuidado para não machucar o coleguinha.

As duas últimas perguntas revelaram na fala das professoras as seguintes palavras: complemento e direcionamento. Essas palavras foram evidenciadas com as seguintes terminologias: complemento (reforço, como nós fazemos na sala), direcionamento (orientando, explicando, conversando com a criança, intervenção).

Diante do exposto, o Quadro 2 a seguir se estruturou a partir dessas entrevistas, e que nesse primeiro momento trata da compreensão da criança em relação à convivência em grupo mediante o espaço social, onde ela se encontra envolvida. Com isso, organizamos o Quadro 02 da seguinte maneira.

Quadro 2 - Abrangência da aula de Educação Física na creche na percepção das professoras da creche.

Categoria	Subcategorias
Compreensão do acesso às aulas	Processo
Regras de convivência social	Regras
Práticas sociais	Complemento
Prevenção de acidente	Direcionamento

Fonte: Dados da Pesquisa.

Pensando nas atitudes necessárias a serem desenvolvidas nas crianças em idade de creche, afim de que elas desenvolvam um comportamento apropriado para se expressarem em ambiente coletivo, apresentamos a seguir o que foi revelado nessas entrevistas, tendo como referência as duas primeiras perguntas elaboradas e que constam no Apêndice B.

Professora A: O **processo** de compreensão das relações, do respeito, do indivíduo, do próximo, ele acontece diariamente. A gente percebe que nas aulas de Educação Física esses conceitos são trabalhados de que forma?... a criança saber esperar a sua vez. As vezes o exercício... a atividade proposta ela requer um trabalho individual que seja um por vez e nesse

processo tem que saber esperar... e esse **processo** de saber esperar, ele vai facilitar muitas outras áreas de vida da criança. Ele vai saber esperar a sua vez na hora de comer... ou seguir a fila, que se forma para realizar determinada coisa, então tudo é um **processo**. A princípio a criança ela demonstra um pouco de resistência porque elas veem o objeto ali, elas já querem interagir com o objeto, já querem que seja a vez dela, já querem fazer. Mas é trabalhada essa questão do esperar, a criança que vai naquele momento... e as crianças aos poucos vão seguindo, vão esperando, vão conseguindo aguardar, vai despertando essa questão do aguardar sua vez para ela realizar a atividade. A gente percebe isso em todas as atividades que foram realizadas, a gente vê que houve uma criança ou outra... ela quis se antecipar, mas foi falado que não era a vez, que ela tem que sentar, que era a vez do colega e ela sentou e ficou aguardando. E quando terminou ela foi ansiosa, já estava ali ansiosa para que fosse a vez dela e quando... ela foi com muita alegria. Então eu vejo assim... que são trabalhados esses conceitos sim e são fundamentais, porque embora sejam crianças de 1 ano, mas a gente vê que faz toda a diferença na vida dela, no contato dela social com o grupo de crianças na mesma faixa etária, que é diferente da casa que muitas vezes é só a criança e os irmãos, em fim aqui é um grupo coletivo, um grupo maior que ela tem que interagir, tem que respeitar e essas **regras complementam** o que é trabalhado em sala, a necessidade de saber aguardar a sua vez... de não bater... de compartilhar... Todos esses conceitos são trabalhados.

Pudemos averiguar que ao realizarmos os jogos “Manipulando objeto” e “Perdendo o contato com o chão” onde é preciso compartilhar um único brinquedo, às crianças foram informadas e enfatizadas por todas as professoras sempre que havia necessidade, a importância de aguardar a sua vez para permitir que o colega tenha a oportunidade de vivenciar o jogo proposto com a seguinte frase “agora é a vez do...”.

Verificamos nesse estudo que o movimento infantil foi monitorado pelos adultos, onde posteriormente observamos que as crianças passaram a aguardar a sua vez enquanto a outra criança finalizava a atividade. Por mais que essa criança se encontre em uma fase que não consegue se colocar no lugar do outro como tem nos falado Piaget (1975a, 1975b), averiguamos que a aprendizagem das práticas sociais se manifestou por mecanismos coercitivos na relação com outro ser humano mais experiente.

Professora B: Sim, eu percebo que as crianças nos primeiros dias que vem para aula de Educação Física chegam um pouco apreensivos, mas com o passar dos dias elas conseguem assimilar, a professora explica... orienta que todos tem o direito a participar das aulas. Exemplo: que eu vejo nas aulas, a explicação para cada um esperar a sua vez, explica a questão das **regras** de boa convivência, logo no início canta a musiquinha, mostra o objeto ou

o brinquedo que a criança irá utilizar naquela atividade, inclusive mostrando as cores para as crianças e as crianças vão se habituando a essas atividades, inclusive se diverte bastante... Elas reconhecem a professora de Educação Física nos corredores, inclusive chamando ela pelo nome, se habitua as atividades porque se divertem.

Durante os meses que passamos com as turmas, pudemos verificar a transformação no comportamento dessas crianças. No primeiro dia de aula de Educação Física observamos que a maioria se encontrava receosos, mas com o tempo, com as experiências vivenciadas nessas aulas passaram a demonstraram uma maior confiança nesses momentos compartilhados.

Professora C: Elas entendem sim, porquê?... porque como já te falei no início, as crianças assim que elas chegam na creche já começamos a fazer esse trabalho com elas e as aulas de Educação Física, lógico é um diferencial para elas, bem importante... então elas conseguem seguir as **regras** de boa convivências sim. Lógico que alguns sempre fazem um pouquinho... mas a gente acaba conversando e orientando apesar da pouca idade elas acabam compreendendo. Na atividade do bastão com a orientação e explicação do início alguns faziam menção de bater, só que sabemos que isso é brincadeira de criança e nesse momento é interessante a intervenção do adulto para que não repita esses atos, elas sabem que aquele bastão ali não podem bater, não pode jogar no chão é uma atividade direcionada. Na passagem de um bastão para o outro sabem que tem que compartilhar... aprendem a compartilhar com o outro... respeitar sua hora e eles acabam fazendo essa atividade bem legal, porque alguns... sempre tem alguns que acabam apresentando resistência em não passar, mas com orientação eles acabam fazendo atividade de forma bem gratificante, bem legal. Acredito que nas aulas de Educação Física as crianças aprendem sua hora de falar, de passar ou pegar o objeto, hora de fazer sua atividade e elas aprendem essas **regrinhas** que vão levar para a vida, **regras** que em qualquer lugar na sociedade elas vão acabar expressando de forma bem satisfatória.

Durante o momento do jogo o cuidado com o outro foi um conceito bastante enfatizado durante as aulas de Educação Física, assim como pudemos verificar que esse mesmo conceito era enfatizado na sala onde passavam maior parte do dia pelas outras professoras.

Na “atividade com bastões”, que uma das características estava em realizar correndo, a atenção foi reforçada. Por ser um momento que proporciona à criança a utilização de seus movimentos de forma ampla e por seu controle motor ainda se encontrar em fase de desenvolvimento, nós professores procurávamos o tempo todo salientar a importância de se

ter cuidado para não se machucar e não machucar o outro, e como sabemos o controle motor é uma das especificidades estimulada nas aulas de Educação Física. O que notamos foi que com o decorrer da atividade, as intervenções se tornaram cada vez menos frequentes e as crianças por mais que corressem a uma certa velocidade, ao chegar perto do outro colega diminuía a velocidade para passar o bastão.

Professora D: Sim professora, porque as crianças no primeiro momento na aula de Educação Física elas ficam observando como é o jeito dessa nova atividade para elas... vão criando aquele hábito. Com o tempo quando a senhora começa a trabalhar, elas vão pegando a rotina da Educação Física, principalmente porque é algo novo para ela, é uma aula diferenciada, onde ela... tem **regras**, o que pode, o que não pode, se a criança tem que sentar, se ela tem que pular... eles gostam da disputa que há entre uma criança com outra. Isso é uma coisa muito boa que eu sempre presto atenção nas crianças quando elas veem para aula de Educação Física, elas começam até respeitar um ao outro nessa questão... “não!... espera!... agora é a tua vez!..., vai fulano... vai sicrano” isso para mim é uma coisa muito boa na aula de Educação Física. Essa questão de colocar em uma fila, agora no último momento, eles já tem essa convivência “olha é a tua vez”, “vai pra trás”, “vai pra frente” eles não tinham essa noção. Exemplo: a M_E... é uma criança que você vê o desenvolvimento de M_E..., ela não tinha noção de **regra**, de espaço e hoje você vê ela fazendo a atividade de Educação Física como as outras crianças que já tinham... isso pra mim é uma coisa maravilhosa, nessa questão da Educação Física faz bem é... é uma coisa muito boa para elas, uma coisa que tinha que ter... que a gente vê o desenvolvimento delas. E elas aceitam as **regras** de convivências que até em sala de aula a gente não vê tanto... lá eles tem muita disputa, eles gostam também dessa coisa de disputa... “vai fulano tu vai ganhar”, “tu não vai ganhar”, “vamos, vamos” e isso para a criança é muito bom.. para mim no meu pensar.

Notamos que o respeito às regras do jogo ou sociais que são colocadas no início da aula, ajudou as crianças a se situarem no espaço (quando uma falava para outra ir para frente/traz) e na ordem social da atividade (agora é a minha/a tua vez). A professora estava se referindo ao jogo “corrida de estafeta” onde as crianças ficavam em fila esperando enquanto a que está com o bastão contorna o cone e volta para passar o bastão para a próxima criança.

Nesse jogo as próprias crianças, após repetirem várias vezes à atividade, passaram a se organizar sem muita intervenção, observamos que as crianças demonstraram cuidado ao passarem o bastão uma para a outra. O estímulo das habilidades que auxiliam no controle motor, ajudou a criança a se deslocar no espaço com segurança aumentando a observância de regras sociais como o cuidado.

Professora E: Então quando você coloca para a criança... ela chega aqui... ela não entende muito esse ambiente que ela tá... então quando você passa a mostrar para elas as coisas assim... lá durante as atividades... quando você coloca elas naquele... você explica direitinho para elas, elas vão entendendo... isso não se dá no primeiro momento, mas com o passar do **processo** aí você vai conseguindo que elas entendam, então elas vão perfeitamente conseguindo essa questão da socialização, da partilha, de respeitar a vez do coleguinha... então você consegue sim que elas entendam isso aí... eu acho que a questão da participação, dessa compreensão do direito de todos participarem, ela se dá através de um **processo**. Conforme você vai estimulando. A princípio eu creio que elas não conseguem fazer essa diferenciação... se todas tem... vão ter direito, vão poder ter o mesmo acesso. Mas conforme você vai trabalhando essa questão principalmente das **regrinhas** elas vão entendendo, elas vão assimilando. Então assim, a princípio acho que no primeiro momento elas não entendem muito bem isso. Elas vem... para aquele ambiente, para participar das atividades, mas elas não conseguem ainda discernir isso direito.... Elas entendem sim... elas primeiramente é... um **processo**... você vai diariamente... porque na verdade isso é uma continuação do que a gente faz diariamente.

Temos verificado nesses meses de pesquisa em campo, que o jogo por ser para a criança algo prazeroso e sério, cria nela o sentido de tarefa estimulando a aprendizagem das práticas sociais nesse momento de modo mais espontâneo, possibilitando a apreciação pela ordem social introduzindo-a no processo de socialização.

Tendo como referência as duas últimas perguntas elaboradas e que constam no apêndice B, verificamos que os mecanismos de coerções psicológicas estão a todo instante sendo utilizados como forma de ajudar a criança na compreensão das regras de convivência em ambiente social.

Detectamos que as aulas de Educação Física tem sua contribuição reconhecida dentro desse espaço pesquisado, porém o valor que lhe é atribuído é de reforço do que é realizado na sala onde passam maior parte do tempo, vista como uma atividade que complementa a aprendizagem infantil. Quando na verdade ela precisa “[...] atuar como qualquer outra disciplina da escola [...]” (FREIRE, 2009, p. 21), pois ela assim como as demais áreas de conhecimento, tem suas especificidades que auxiliam no desenvolvimento mais coordenado dos movimentos que refletem no comportamento infantil em ambiente social.

Professora A: Eu acredito que... a aula de EF é um **complemento** das atividades que são desenvolvidas dentro da sala de aula... em toda a instituição. As crianças quando adentram o espaço ele é totalmente educativo e são **direcionados** nessa questão das relações, das

práticas sociais... como se relacionar... que não pode bater... que não é pra machucar. A princípio quando esses conflitos ocorrem na sala de aula a gente tem um **direcionamento**, a gente trabalha com cartazes, com regras e combinados, geralmente é ilustrações que trazem essas situações e... digamos assim, isso é trabalhado diariamente, no formato de rodinha, a gente realiza a rodinha e vai fazendo os nossos combinados...“não pode bater, não pode morder, não pode empurrar o colega, vamos compartilhar... é beijinho e abraço” isso é falado constantemente no espaço da sala de aula. E na aula de EF também, porque lá... a professora dá todo um **direcionamento** de como vai ser desenvolvida a atividade. A criança acaba tendo que seguir algumas normas de processo de saber esperar a sua vez, de não empurrar o coleguinha na hora da atividade, ter cuidado para que o coleguinha não se machuque, são também estimulados ao final das atividades a guardar os brinquedos como nós fazemos na sala, que acaba também gerando aí com que a criança internalize a questão da cooperação de ajudar o próximo, até mesmo de ajudar na própria atividade. A criança se sente importante quando ela tá realizando essa atividade de guardar o material que foi utilizado, e de certa forma acaba contribuindo também pro processo de humanização da própria criança, porque ela vai desenvolvendo atitudes de cortesia espontaneamente, no seu dia a dia ela vai realizando essas atividades, por meio dessas atividades, por meio dos jogos, por meio das brincadeiras que a gente vai oferecendo, a criança vai aos poucos se integrando nesse processo e agindo conforme a gente vai **direcionando**.

Como podemos observar pelo relato da professora, direcionar a criança a um comportamento social é de responsabilidade de todos os profissionais que se relacionam com ela, e isto já temos visto em Matos (2015), pois as ações desenvolvidas dentro do espaço da creche são regidas pelos padrões sociais já existentes. Podemos perceber também que a visão que se tem da Educação Física escolar é de complemento do que já é desenvolvido em sala de aula, porém sabemos que “Hoje, a Educação Física é inter e multidisciplinar, não procura se explicar sozinha, mas associa-se a outros conhecimentos e, assim, decifra novos conhecimentos” (PUGA BARBOSA, 2011, p. 82) trazendo consigo contribuições específicas ao desenvolvimento infantil.

A mesma professora identifica alguns elementos que especificamente é desenvolvida dentro dessas aulas de Educação Física, como o equilíbrio que veremos a seguir.

Sim, nas aulas de EF a gente vê que o **direcionamento** ele é sempre... começa sempre orientando as crianças, como ela vai executar as atividades. Porém nas atividades individuais isso ocorre até com mais tranquilidade, porém nas atividades que são coletivas, onde o grupo é maior ali interagindo, como nós tivemos a atividade de passar por cima da

corda, que você ali já coloca um grau de dificuldade, a criança ela já vai ter que desenvolver o equilíbrio, e quando a gente deixa eles fazerem os movimentos juntos, acaba sem querer, ou intencionalmente mesmo... eles acabam machucando. Nessas situações conflituosas, o professor tem que intervir na hora que tá acontecendo e orientar a criança, e, geralmente a turminha de 1 aninho, ela já consegue compreender sim, se você explicar pra ela, vai machucar, o coleguinha vai chorar, então todas essas situações é um processo longo, que por mais que você fale uma vez não quer dizer que a criança não vá novamente ter aquela atitude, como nós temos o V... que é uma criança muito ativa, ele interage bem com as crianças, mas ele tem momentos em que ele vai e dá um... aqueles empurrãozinhos, ele quer o brinquedo do colega ele toma aquele brinquedo, então em alguns momentos a gente precisa tá dando esse **direcionamento** pra ele, e basta as vezes você olhar, quando você tá olhando ele já percebe no teu olhar que ele tá fazendo alguma coisa errada, então ele compreende esse processo. Então na hora da atividade... que tá realizando a atividade e a criança vai as vezes com... muito impulsiva, aquela criança mais impulsiva chega empurrando, chega batendo e geralmente a gente tem que intervir, o professor geralmente vai e faz o diálogo com a criança, explicando pra criança o porquê que ele não pode empurrar, porquê que ele não pode correr naquela atividade sem ter muito cuidado... porque ele vai machucar o coleguinha, então eles acabam sim compreendendo.

Constatamos que durante as aulas, as intervenções ocorrem com frequência e um mecanismo de coerção bastante utilizado por ambas as professoras foi o diálogo. O modo como foram organizado os jogos, materiais e o espaço, permitiu ações que favoreceram a participação das crianças em duplas, trios e grupos maiores ou menores, observamos que essas configurações nos jogos estimulou impulsionando as crianças a um comportamento mais sociável. Notamos também, que há consciência por parte de todas as professoras da fase egocêntrica apresentada por Piaget (1975a, 1975b), e conforme a entrevistada, em longo prazo as intervenções levam a criança à compreensão dessas regras sociais.

Professora B: Sim, eu observo na sala de referência, por exemplo: que as crianças que tem acesso a essa aula de EF elas conseguem realizar de forma mais coordenada seus movimentos... por exemplo: correr, jogar bola para o outro, esperar sua vez para participar da atividade ou para falar, todas essas regrinhas são bem aprimoradas, eu vejo que são mais aprimoradas com a questão da EF na creche. Um exemplo disso, é que no ano passado eu trabalhei com turma de maternal 3 anos no período parcial, a crianças do turno matutino elas tiveram aula de EF enquanto que a turma do turno vespertino não teve aula pois não havia professor na época. E todos os anos é realizada a miniolimpíada na creche, nesse ano as

crianças que participaram da EF, as crianças do turno matutino elas conseguiram realizar as atividades de forma mais aprimorada, digamos assim... enquanto que a turma da tarde não, essa turma que não teve aula de EF. A turma da manhã elas conseguiam realizar todas as atividades não só a questão da coordenação motora, mas a questão de esperar sua vez, esperar a vez do colega, as regrinhas de boa convivência eles conseguiram assimilar melhor do que os alunos da tarde, e isso foi tão perceptível que não só a minha turma quanto que das outras colegas também, falaram a respeito no dia da EF que essas crianças que não tiveram EF durante o ano, elas tiveram assim, digamos que um déficit na hora de fazer suas atividades na miniolimpíada.

Notamos nesse relato (memórias de outros anos acerca da percepção da professora entrevistada), que as crianças que tiveram acesso às aulas de Educação Física, desenvolveram suas habilidades motoras que às permitiram se movimentar no espaço social com qualidade motora, pois não apenas melhoraram o controle de seus movimentos, mais também a maneira de como se comportar devido às experiências vividas nessas aulas. Aqui pudemos verificar o valor que a professora atribuiu a essa área de conhecimento, reconhecendo sua importância por desenvolvem as competências necessárias por meio de suas especificidades.

Professora C: ...ela vem **reforçar** tudo que a instituição desenvolve com as crianças. Por exemplo, a partir do momento que as crianças participam da aula de EF elas vão aprendendo as regrinhas de boa convivência, e essas **regrinhas** são trabalhadas diariamente dentro do contexto da instituição como um todo, um exemplo é na própria sala de aula, quando você trabalha na EF essas regrinhas de respeitar, de não bater, de guardar o brinquedo, de esperar a sua vez, na sala de aula a gente faz a mesma coisa e isso só vem **reforçar** o que a gente trabalha na sala. Um outro local é quando nós fazemos as nossas acolhidas, as nossas acolhidas é onde as crianças se apresentam na frente de todas as outras crianças, então há essa interação em conjunto com os outros e ali naquele momento elas estão aprendendo a hora de falar, esperar a sua vez, a mesma coisa, o mesmo link que eu faria aqui com a EF, que aqui eles também tem que ser trabalhado isso... e elas trabalharam, e elas compreenderam as regrinhas, então assim... é um ponto positivo a aula de EF, porque ela vem **reforçar** o que nós fazemos aqui dentro da instituição.

Notamos que a creche se encontra em uma posição que está além de ser apenas um espaço de recreações ou cuidados pessoais, é um espaço que exige profissionais que desenvolva uma proposta pedagógica que auxilie na complexa tarefa de educar, onde cada professor dentro de sua especialidade contribui na formação da criança. Pudemos verificar

que nessa fase é indispensável que a criança seja orientada de maneira adequada para que consiga se apropriar dos valores sociais.

Professora D: Olha professora... você nota uma grande diferença entre uma criança que participa de uma atividade de EF daquela que não participa. Por exemplo: o ano passado nós tivemos a miniolimpíada da escola. Teve uma grande diferença dos anos anteriores que a professora estava presente... sabe... os anos que a professora estava presente as coisas saíam bem **direcionada**, as crianças eram mais... vamos dizer, mais participativa, sabe. Elas faziam as coisas com as suas regras... como era pra ser, como... vamos dizer assim.. O ano passado que não teve isso, as crianças eram assim... vamos dizer... olha que nós trabalhamos... **orientação**, nossa **orientação** como professora não é como a professora de EF, ainda tem isso, o que a gente tenta fazer igual, mas o **direcionamento** sempre sai diferente, as crianças são **direcionadas**, vamos dizer assim... elas conseguem fazer melhor... do que com nós mesmo, porque nós chegamos lá, muitas atividades... “passa o bastão”, tinha criança que não sabia nem o quê que era o bastão, como pular um circuito... Então tinha crianças que não sabia...porque não tiveram essa vivência, e isso a EF faz aqui na creche. Eu acho muito importante. A minha filha, por exemplo, ela adora aula de EF, por isso, porque ela teve esse contato, até hoje mesmo ela me disse... sabe ela ainda não perdeu aquele gosto... mas aonde foi que ela encontrou? Ela encontrou aqui, porque eu sou mãe também daqui de aluno da creche e eu vi o desenvolvimento da minha filha que fez e da minha filha que não fez, e isso a gente vê como que ela é importante pra creche a aula de EF. Porque as crianças que participam das aulas de EF, elas são mais espontânea, elas fazem, elas não tem vergonha, elas fazem as coisas tudo perfeito, como é que é.. as outras se inibem, elas ficam lá no seu cantinho, elas.. a gente “borá fulano, vamos fazer” e elas não sabem assim... porque elas não tiveram essa vivência de participar de ter essa aula de EF, que tinha aqui na nossa creche como antigamente.

Em mais uma lembrança de experiência de anos anteriores revelada na fala de outra professora entrevistada, verificamos que há um reconhecimento das contribuições da Educação Física na creche, onde a entrevistada enfatizou o diferencial no desenvolvimento, tanto motor quanto cognitivo, de crianças que tiveram acesso às aulas de Educação Física das que delas foram privadas. Podemos observar pelo relato, que houve um esforço por parte das professoras para aplicar os jogos no dia da miniolimpíada, porém sabemos que a criança precisa vivenciar, experimentar dentro de um processo contínuo e gradativo esses jogos para que possa construir seus conhecimentos e seus esquemas cognitivos.

Coordenar suas ações com as ações de outras pessoas, construir significados, explorar o meio a sua volta, brincar, transformar situações e significados já conhecidos em boas experiências para o seu desenvolvimento, é uma aprendizagem que “[...] dependendo da interferência do professor a criança poderá avançar mais ou menos. A questão reside em saber interferir adequadamente” (FREIRE, 2009, p. 48), nesse caso o professor de Educação Física é o profissional mais indicado para exercer tal função. Mas devemos deixar claro que se faz necessário que esse profissional seja também preparado para o trabalho com crianças nessa fase de desenvolvimento.

Professora E: Esses procedimentos ele são assim rotineiro, as crianças pequenas a gente precisa **reforçar** muito essa questão da convivência do respeito com o outro, do cuidado com o outro, de respeitar a vez do coleguinha. Esse é um trabalho que a gente faz na sala de aula direto é todo o tempo, isso é uma coisa permanente. A questão de se ele machucou sem querer o coleguinha... pedir desculpa. Então a gente tá sempre **reforçando** essas regrinhas dentro da sala, então nas aulas de EF também, eles observam isso lá... eles assimilam isso muito bem, e a questão também de organizar no final “agora é hora que vamos organizar os materiais, vamos guardar, tá na hora de guardar” então eles vem, eles colaboram sim. Isso é um trabalho que no começo a gente não consegue com as crianças, é um processo que a gente vai diariamente a gente vai **reforçando** e a gente consegue sim um resultado com eles. Quando ocorre essas situações dessas crianças se machucarem, uma as outras, a princípio a gente conversa com a criança, geralmente a gente procura conversar com as crianças no sentido assim de fazer com que elas entendam que o outro coleguinha machucado ele fica triste, ele fica ressentido, não é legal machucar o colega, que a gente deve respeitar o colega. A gente conversa no sentido de fazer eles entenderem que isso não é bom, que ninguém gosta de ser machucado. E quando se torna recorrente, algumas situações a gente procura além de conversar com a criança, a gente deixa assim um pouco... procura tirar um pouco ela dali para que ela perceba que ela poderia estar naquele ambiente brincando com os coleguinhos, então a gente orienta dessa forma “olha você não vai ficar brincar com seus colegas porque você machucou”, “você não pode machucar seus coleguinhos”. Então a gente procura tirar as crianças ali do centro daquela brincadeira, mas assim, após conversa, continuamos conversando, orientando para que elas não persistam mais naquela prática, e com isso a gente consegue sim resultados muito positivos.

Notamos que as aulas de Educação Física bem como as aulas direcionadas pelos demais profissionais que atuam nesse espaço educacional, tem a função de ampliar a experiência da criança, favorecendo a ela o acesso e a apropriação de conhecimentos que não

são constituídos espontaneamente no ser humano, e o aprender a conviver em sociedade é uma dessas habilidades que a criança precisa desenvolver. Nesse processo todos os professores são os responsáveis imediatos por viabilizar a elas, cada um dentro de suas singularidades, experiências que auxiliam no desenvolvimento das capacidades de atenção, memória, raciocínio, cuidado, respeito e principalmente o bem estar social em um ambiente cheio de pluralidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final de toda essa pesquisa chegamos à conclusão que, a escola é um espaço que consolida as regras sociais, e todo o trabalho realizado no espaço da creche é o resultado de um longo processo desenvolvido pela sociedade na direção de preparar seres humanos que possam conviver socialmente. Durante todo esse processo de apropriação das práticas sociais, as relações estabelecidas dentro da creche, são fundamentais para que a criança se torne o ser social tão apreciando pelas culturas civilizadas.

O que estamos evidenciando nesta pesquisa são as contribuições que a Educação Física oferece no decorrer dos processos vivenciados por crianças de 01 a 03 anos de idade que frequenta a creche. Sem a pretensão de alcançar respostas conclusivas, uma vez que esta pesquisa diz respeito a apenas um contexto estudado, temos procurado no decorrer desse estudo apresentar autores da Educação Física como Le Boulch (1982), Oliveira (1985), Borges (1987), Ferreira (2003) e Freire (2003, 2009) que nos esclarecem a respeito do enriquecedor trabalho que essa área de conhecimento propicia ao processo de desenvolvimento infantil, assim como as demais áreas tem suas peculiaridades, a Educação Física estimula o desenvolvimento das habilidades motoras, sendo merecedor desvelar sua importância nessa fase da educação básica, e para isso Freire (2009, p. 167) deixa claro que “[...] a Educação Física não deve ser uma disciplina auxiliar das outras, mas ter uma identidade própria, mantendo com as demais uma necessária interdisciplinaridade”.

Nas aulas de Educação Física é oportunizada às crianças, jogos que estimulam o desenvolvimento das habilidades motoras, como equilíbrio, força, agilidade entre outras, ajudando-as a controlar seus movimentos dentro do limite de locomoção no espaço social, contribuindo desse modo para a compreensão da significância do respeito, do cuidado, do trabalho em grupo, da cooperação na organização do espaço social, que em uma relação de interdisciplinaridade e direcionamento pedagógico, ensina a criança em sua dinâmica, pois o jogo é um espaço de sociabilidade como nos esclarece Freire (2003, 2009).

E como bem enfatizado no suporte teórico apresentado, nos relatos das entrevistadas e nas observações registradas, a criança egocêntrica se socializa, aprendendo as regras sociais expressadas no momento dos jogos, e mesmo que a princípio as crianças não entendam direito essas regras sociais, com o passar do tempo dentro de um processo, elas vão internalizando as informações, passando a reproduzir as atitudes que se espera de um indivíduo em ambiente social, caso contrário, a Teoria do Processo Civilizador nos mostra que coerções são aplicadas.

Nesse percurso o papel do professor surge como mediador entre os instintos impulsivos natural do ser humano e os estímulos apropriados para garantir a regulação e o autocontrole emocional que permitirão a convivência em coletividade. E no caso das atividades ocorridas nas aulas de Educação Física, o professor pode se apoiar no jogo como mecanismo de inserção no mundo social, devido aos seus elementos sociais que proporcionam um melhor entendimento da importância de observar as regras sociais, para manter a ordem social equilibrando as relações interpessoais.

Assim como em sala de aula, nas aulas de Educação Física as relações interpessoais e sociais vão se construindo, e conforme pudemos verificar, o comportamento da criança que se encontra nessa fase de desenvolvimento está repleto de emoções e sentimentos, que quando bem canalizados, o processo de ajuste do comportamento infantil com os valores e padrões que a ela é apresentado, ocorre de maneira gradativa, se tornando significativa após a internalização dessas informações. E mesmo que a criança experimente frustrações no decorrer desse processo, o reforço positivo e a estabilidade que o professor passa nas trocas sociais, ajuda no sentimento de segura e confiança, sendo de fundamental importância no processo de construção de sua personalidade e apropriação da cultura humana.

Diante do exposto é que defendemos a inclusão da Educação Física em creche por conta do seu valor pedagógico, que possibilita o aperfeiçoamento gradativo de suas habilidades, assim como a relação consigo e o espaço social que partilha, já que vivencia situações onde ela tem que dividir e ouvir os outros. E como o jogo se aproxima do universo infantil pela ludicidade e prazer que propicia, utilizá-lo como instrumento pedagógico torna significativa a intervenção do professor, uma vez que ao conceder a criança atividades em grupos, contribui para o seu desenvolvimento social, aonde ela aprende a conviver e a lidar com possíveis conflitos que podem ocorrer nesses momentos que são enriquecedores para auxiliar a criança na aprendizagem dos valores sociais ao qual a Escola está submetida.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. Ed. Tradução Dora Flaksman, Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- BARBOSA, Maria Carmen Silveira (Consultoria). **Projeto de Cooperação Técnica MEC e UFRGS para Construção de Orientações Curriculares para a Educação Infantil**. Práticas Cotidianas na Educação Infantil - Bases para a Reflexão sobre as Orientações Curriculares. Brasília: MEC, 2009. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/relat_seb_praticas_cotidianas.pdf. Acesso em: 01 fev. 2017.
- _____. **Por amor e por força: rotinas na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BORGES, Célio José. **Educação Física para a Pré-Escola**. Rio de Janeiro: Sprint, 1987.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação física**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental, Brasília: MEC/SEF, 1997.
- _____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil** Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental, Brasília: MEC/SEF, 1998a. 1v.: il.
- _____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil** Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental, Brasília: MEC/SEF, 1998b. 3v.: il.
- _____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para Educação Infantil**, Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2010.
- _____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros nacionais de qualidade para a educação infantil**, Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, 2006.
- _____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **LDB : Lei de diretrizes e bases da educação nacional** [recurso eletrônico] : Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. – 9. ed. – Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014., Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, 2006. Atualizada em 2014.
- DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico**. Coleção Pensadores. Rio de Janeiro: Ed. Abril, 1978.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Tradução Ruy Jungman; revisão e apresentação de Renato Janine Ribeiro, 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1994a. 1 v.

_____. **A sociedade dos indivíduos.** Organizado por Michael Schorter. Tradução de Vera Ribeiro; revisão técnica e notas Renato Janine Ribeiro, Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1994b.

_____. **Escritos & ensaios; I: Estado, processo, opinião pública, Organização e apresentação,** Federico Neiburg e Leopoldo Waizbort; Tradução de textos em inglês, Sérgio Benevides; textos em alemão, Antônio Carlos dos Santos; textos em holandês, João Carlos Pijnappel, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

_____. A civilização dos pais. **Soc. estado.**, Brasília, v. 27, n. 3, p. 469-493, Dec. 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922012000300003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 01 fev. 2017.

FERREIRA, Vanja. **Educação físicas, recreação, jogos e desportos.** Rio de Janeiro: Sprint, 2003.

FREIRE, João Batista. **Educação como prática corporal.** São Paulo: Scipione, 2003.

_____. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da educação física.** 5. ed.. São Paulo: Scipione, 2009.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 1987.

GONZAGA, Laerson Pires. **Educação Corporal para as crianças pequenas: existe lugar para a Educação Física?** 2011. 152f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação, 2011. Cap. 1 e 2. Disponível em: https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/3070/5/Dissert_Laerson_Pires_Gonzaga.pdf. Acesso em: 03 fev. 2017.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O jogo e a educação infantil.** São Paulo, SP: Cengage Learning, 2016. Edição Revista.

KUHLMANN JUNIOR, Moysés **Infância e educação infantil: uma abordagem histórica.** Porto Alegre: Mediação, 1998.

_____. A circulação das ideias sobre a educação das crianças; Brasil, início do século XX. In: KUHLMANN JUNIOR, M.; FREITAS, M. C. de. (Orgs.). **Os intelectuais na história da infância.** São Paulo: Cortez, 2002.

LE BOULCH, Jean. **O desenvolvimento psicomotor: do nascimento até 6 anos.** 4. Ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

LEÃO, Andréa Borges. **Nobert Elias & a Educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MACEDO, Elina Elias de. **Educação Física na perspectiva cultural: análise de uma experiência na Creche.** 2010. 143f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, 2010. Cap. 2 e 4. Disponível em:

<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-20042010-163021/pt-br.php>. Acesso em: 03 fev. 2017.

MATOS, Gláucio Campos Gomes de. **Ethos e figurações na hinterlândia amazônica**. Manaus: Editora Valer/Fapeam, 2015.

MIGUAL, Sally Ataide; MATOS, Gláucio Campos Gomes de; PUGA BARBOSA, Rita Maria dos Santos. Educação Física em creche: um reflexão na perspectiva da teoria eliasiana **Revista Somanlu**, ano 16, n. 2, p. 134-147, jul./dez, 2016.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 28. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky aprendizado e desenvolvimento: um processo socio-histórico**. 4 Ed.. São Paulo: Scipione 1997.

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco. Elementos para uma Sociologia dos Viajantes. **Sociedade Indígena e indigenismo no Brasil**, São Paulo/Rio de Janeiro: Marco zero, p. 84-147, 1987.

OLIVEIRA, Vitor Marinho de. **Educação física humanista**. [prefácio de Maria Ângela Vinagre de Almeida]. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1985.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. Tradução de Álvaro Cabral e Christiano Monteiro Oiticica. 2. Ed. Rio de Janeiro, Zahar; Brasília, INL, 1975^a. p. 115-274.

_____. **A construção do real na criança**. Tradução de Álvaro Cabral. 2. Ed.. Rio de Janeiro, Zahar; Brasília, INL, 1975^b.

PUGA BARBOSA, Rita Maria dos Santos; LIMA, Lúcia Maria Brasil de. **Eu-corpo – avaliação da imagem corporal através da catexe na Educação Física**, São Paulo: Phorte, 2011.

_____. Sobre Imagem Corporal e Catexe Corporal. In.: **Avaliação da Catexe Corporal dos participantes do programa de Educação Física Gerontológica da Unversidade Federal do Amazonas**. 2003. 217f. Tese (Doutorado)- Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. Campinas, SP: UNICAMP, 2003.

REVISTA EDUCAÇÃO FÍSICA. Educação Física Escolar. O retorno da obrigatoriedade é uma vitória que resgata a função primordial da disciplina: formar cidadãos. n°. 05, dez., 2002. Disponível em:

http://www.confef.org.br/extra/revistaef/arquivos/2002/N05_DEZEMBRO/02_EDUCACAO_FISICA_ESCOLAR.PDF. Acesso em: 11 ago. 2017.

ROCHA, Braulio. **Interações Sociais em aulas de Educação Física**. 2007. 97f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)- Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, SP, 2007. cap. 1.

ROSA, Andreia Sofia Gomes. **Interações sociais entre pares em creche e jardim-de-infância**. 2014. 131f. Dissertação/ Relatório de Projeto de Investigação (Mestrado em

Educação Pré-Escolar)- Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico de Setúbal, 2014. Cap. 1 e 3.

SARAT, Magda et al.. **Leituras de Nobert Elias: processo civilizador, educação e fronteiras.** Maringá: Eduem, 2014. p. 157-173.

SILVA, Ana Sofia Cardoso e. **Da Creche ao Jardim de Infância: Aprendendo em interação com crianças e adultos.** 2015. 84f. Dissertação/ Relatório de Prática de Ensino supervisionada (Mestrado em Educação Pré-Escolar)- Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, Instituto Politécnico de Leiria, 2015. Cap. 2 e 3.

SOARES, Daniela Bento. **O Diálogo na educação infantil: o movimento, a interdisciplinaridade e a Educação Física.** 2015. 186f. Dissertação (Mestrado em Educação Física e Sociedade)- Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, 2015. Cap. 3.

VAYER, Pierre **O diálogo corporal: A ação educativa para a criança de 2 a 5 anos.** São Paulo: Manole, 1989.

VYGOTSKY, Lev. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** 5. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

APÊNDICE A – Roteiro de Acompanhamento das Turmas

Período	Turma	Objetivos	Intervenção a ser realizada
03/04/2017 a 26/04/2017	Maternal I, II, III	- Verificar características das crianças nas relações interpessoais e sociais. - Criar laços de confiança	- Observação do comportamento das crianças diante das regras de convivência em grupo, colocada pelas professoras. - Observação do comportamento das crianças durante as atividades direcionadas. - Observação do comportamento das crianças nas atividades livres.
02/05/2017	Maternal II	- Identificar até que ponto o movimento humano é utilizado para ajustar o comportamento infantil com as atitudes aceitas socialmente dentro da creche. - Utilizar jogos observando o comportamento das crianças diante das regras de convivência em grupo.	- Arremessar a bola dentro do palhaço: explicar para as crianças (demonstrando) que deverão arremessar a bola objetivando colocá-la dentro do palhaço. Uma a uma, as crianças receberão três bolas para realizar os arremessos a partir de uma distância pré-definida.
03/05/2017	Maternal III	- Identificar até que ponto o movimento humano é utilizado para ajustar o comportamento infantil com as atitudes aceitas socialmente dentro da creche. - Utilizar jogos observando o comportamento das crianças diante das regras de convivência em grupo.	- Atividade com bola de ping pong: cada criança com uma bola de ping pong será orientada a jogar no chão fazendo quicar e pegar em seguida.
08/05/2017	Maternal I	- Identificar até que ponto o movimento humano é utilizado para ajustar o comportamento infantil com as atitudes aceitas socialmente dentro da creche. - Utilizar jogos observando o comportamento das crianças diante das regras de convivência em grupo.	- Brincando com a bola: a cada criança é dada uma bola e o professor a estimula jogar em diversas direções ou o professor a impulsiona lentamente e pede para a criança pegar.
09/05/2017	Maternal II	- Identificar até que ponto o movimento humano é utilizado para ajustar o comportamento infantil com as atitudes aceitas socialmente dentro da creche. - Utilizar jogos observando o comportamento das crianças diante das regras de convivência em grupo.	- Passar por baixo da corda: explicar para as crianças que deverão passar por baixo da corda, sem tocá-la. Gradativamente a corda deverá ser baixada estimulando-as a realizar o deslocamento por rastejar.
10/05/2017	Maternal III	- Identificar até que ponto o movimento humano é utilizado para ajustar o comportamento infantil com as atitudes aceitas socialmente dentro da creche. - Utilizar jogos observando o comportamento das crianças diante das regras de convivência em grupo.	- Acerte o alvo I: o professor segura um bambolê com uma garrafa pet no chão e orienta as crianças a realizar arremessos objetivando derrubar as garrafas.
15/05/2017	Maternal I	- Identificar até que ponto o movimento humano é utilizado	- Manipulando objeto: Utilizando um objeto de tamanho grande, inquebrável,

		para ajustar o comportamento infantil com as atitudes aceitas socialmente dentro da creche. - Utilizar jogos observando o comportamento das crianças diante das regras de convivência em grupo.	que possa ser manipulado. As crianças serão estimuladas a compartilhar um objeto que deverão segurar e o arremessa no chão, recolhendo em seguida, uma dando a vez ao outro a cada arremesso. Repetindo a atividade várias vezes.
16/05/2017	Maternal II	- Identificar até que ponto o movimento humano é utilizado para ajustar o comportamento infantil com as atitudes aceitas socialmente dentro da creche. - Utilizar jogos observando o comportamento das crianças diante das regras de convivência em grupo.	- Passar por cima da corda: explicar para as crianças que deverão passar por cima da corda, sem tocá-la. Gradativamente a corda deverá se distanciar do chão estimulando as crianças a realizar o deslocamento por salto.
17/05/2017	Maternal III	- Identificar até que ponto o movimento humano é utilizado para ajustar o comportamento infantil com as atitudes aceitas socialmente dentro da creche. - Utilizar jogos observando o comportamento das crianças diante das regras de convivência em grupo.	- Acerte o alvo II: o professor segura um bambolê com uma garrafa pet pendurada e orienta as crianças a realizar arremessos objetivando acertar a garrafa.
22/05/2017	Maternal I	- Identificar até que ponto o movimento humano é utilizado para ajustar o comportamento infantil com as atitudes aceitas socialmente dentro da creche. - Utilizar jogos observando o comportamento das crianças diante das regras de convivência em grupo.	- Perdendo o contato com o chão: as crianças, uma a uma, irão abraçar uma bola grande (bola bath) e o professor segurando-a irá rolar a bola até ela perder o contato dos pés com o chão.
23/05/2017	Maternal II	- Identificar até que ponto o movimento humano é utilizado para ajustar o comportamento infantil com as atitudes aceitas socialmente dentro da creche. - Utilizar jogos observando o comportamento das crianças diante das regras de convivência em grupo.	- Lobo: contar para as crianças a estória do “lobo”, depois juntos deverão construir a casa do lobo. Em seguida, explica que o professor será o lobo enquanto as crianças passeiam pela floresta cantando... “vamos passear na floresta enquanto seu lobo não vem... Está pronto seu lobo?” O lobo responde; e quando estiver pronto, sai da casa e tenta pegar uma das crianças que será o próximo lobo.
24/05/2017	Maternal III	- Identificar até que ponto o movimento humano é utilizado para ajustar o comportamento infantil com as atitudes aceitas socialmente dentro da creche. - Utilizar jogos observando o comportamento das crianças diante das regras de convivência em grupo.	- Dentro/fora do bambolê ao comando: o professor coloca vários bambolês espalhados pela sala de aula e explica que ao comando “dentro” as crianças deverão entrar no bambolê e ao comando “fora” a crianças deverão sair do bambolê, estimular o saltar.
29/05/2017	Maternal I	- Identificar até que ponto o movimento humano é utilizado para ajustar o comportamento infantil com as atitudes aceitas socialmente dentro da creche. - Utilizar jogos observando o comportamento das crianças	- Passando por dentro do bambolê I: o professor pega três bambolês e coloca colchonetes dentro formando um túnel. Em seguida orienta as crianças a atravessarem, por meio do engatinhar, o túnel.

		diante das regras de convivência em grupo.	
30/05/2017	Maternal II	- Identificar até que ponto o movimento humano é utilizado para ajustar o comportamento infantil com as atitudes aceitas socialmente dentro da creche. - Utilizar jogos observando o comportamento das crianças diante das regras de convivência em grupo.	- Empilhando latas: as crianças uma a uma e de posse de cinco latas, deverão pegar uma lata de cada vez, transporta até outro espaço definido e empilhá-las.
31/05/2017	Maternal III	- Identificar até que ponto o movimento humano é utilizado para ajustar o comportamento infantil com as atitudes aceitas socialmente dentro da creche. - Utilizar jogos observando o comportamento das crianças diante das regras de convivência em grupo.	- Lançamento de pelotas: dois a dois, os alunos dispostos atrás de uma linha marcada arremessará com força a pelota para cima e para frente, objetivando lançar o mais longe possível.
05/06/2017	Maternal I	- Identificar até que ponto o movimento humano é utilizado para ajustar o comportamento infantil com as atitudes aceitas socialmente dentro da creche. - Utilizar jogos observando o comportamento das crianças diante das regras de convivência em grupo.	- Passando por dentro do bambolê II: o professor pega três bambolês e coloca colchonetes dentro formando um túnel, cobrindo-o com um pano. Em seguida orienta as crianças a atravessarem o túnel.
06/06/2017	Maternal II	- Identificar até que ponto o movimento humano é utilizado para ajustar o comportamento infantil com as atitudes aceitas socialmente dentro da creche. - Utilizar jogos observando o comportamento das crianças diante das regras de convivência em grupo.	- Colocando os bastões dentro das caixas: organiza-se cinco caixas, uma ao lado da outra e a uma distância coloca-se cinco bastões. Orienta as crianças a colocar um bastão em cada caixa.
07/06/2017	Maternal III	- Identificar até que ponto o movimento humano é utilizado para ajustar o comportamento infantil com as atitudes aceitas socialmente dentro da creche. - Utilizar jogos observando o comportamento das crianças diante das regras de convivência em grupo.	- Cobrinha: o professor explica que cada crianças deverá pular por cima da corda, que estará se mexendo imitando uma cobra, sem tocá-la. Em seguida a turma realiza a atividade em grupo.
12/06/2017	Maternal I	- Identificar até que ponto o movimento humano é utilizado para ajustar o comportamento infantil com as atitudes aceitas socialmente dentro da creche. - Utilizar jogos observando o comportamento das crianças diante das regras de convivência em grupo.	- Andando na trilha: construindo uma trilha de E.V.A. (emburrachado) de larguras diferentes, as crianças são orientadas a andar em cima da trilha percorrendo todo o caminho.
13/06/2017	Maternal II	- Identificar até que ponto o movimento humano é utilizado para ajustar o comportamento infantil com as atitudes aceitas	- Arremesso nas latas: o professor arruma as latas, uma em cima da outra formando um triângulo, e as crianças uma de cada vez e de posse de três bolas realizará os

		socialmente dentro da creche. - Utilizar jogos observando o comportamento das crianças diante das regras de convivência em grupo.	arremessos objetivando derrubar as latas.
14/06/2017	Maternal III	- Identificar até que ponto o movimento humano é utilizado para ajustar o comportamento infantil com as atitudes aceitas socialmente dentro da creche. - Utilizar jogos observando o comportamento das crianças diante das regras de convivência em grupo.	- Serpente: cantando a música “essa é a história da serpente...”, no final chama uma criança que passa por baixo das pernas do professor e segura na cintura e assim sucessivamente até formar um túnel com todas as crianças.
19/06/2017	Maternal I	- Identificar até que ponto o movimento humano é utilizado para ajustar o comportamento infantil com as atitudes aceitas socialmente dentro da creche. - Utilizar jogos observando o comportamento das crianças diante das regras de convivência em grupo.	- Andando na trilha com obstáculo: construindo uma trilha de E.V.A. (emburrachado) de larguras diferentes, coloca um pneu no meio e orienta as crianças a andar em cima da trilha percorrendo todo o caminho, superando o obstáculo.
20/06/2017	Maternal II	- Identificar até que ponto o movimento humano é utilizado para ajustar o comportamento infantil com as atitudes aceitas socialmente dentro da creche. - Utilizar jogos observando o comportamento das crianças diante das regras de convivência em grupo.	- Ronda redonda: as crianças sentam-se no chão, de maneira a formar um espaço fechado. A seguir se coloca uma bola grande (bola bath) nesse espaço, estimulando a empurrar com as mãos.
21/06/2017	Maternal III	- Identificar até que ponto o movimento humano é utilizado para ajustar o comportamento infantil com as atitudes aceitas socialmente dentro da creche. - Utilizar jogos observando o comportamento das crianças diante das regras de convivência em grupo.	- Corrida de jornais I: dois a dois, cada uma com os pés em cima dos jornais, corre até o cone contornando-o voltando para o ponto de partida.
26/06/2017	Maternal I	- Identificar até que ponto o movimento humano é utilizado para ajustar o comportamento infantil com as atitudes aceitas socialmente dentro da creche. - Utilizar jogos observando o comportamento das crianças diante das regras de convivência em grupo.	- Encaixe de argola : o professor coloca uma garrafa pet em um ponto da sala e em outro espaço cinco argolas. Orienta a criança a pegar as argolas e encaixar na garrafa pet.
27/06/2017	Maternal II	- Identificar até que ponto o movimento humano é utilizado para ajustar o comportamento infantil com as atitudes aceitas socialmente dentro da creche. - Utilizar jogos observando o comportamento das crianças diante das regras de convivência em grupo.	- Pra mim e pra você (atividade dois a dois): os alunos serão distribuídos em duplas cada um com uma bola de frente um para o outro. Deverão passar a bola empurrando-a para o colega e assim sucessivamente.
28/06/2017	Maternal	- Identificar até que ponto o	- Corrida de estafeta: dispostos em duas

	III	<p>movimento humano é utilizado para ajustar o comportamento infantil com as atitudes aceitas socialmente dentro da creche.</p> <p>- Utilizar jogos observando o comportamento das crianças diante das regras de convivência em grupo.</p>	<p>filas, à primeira criança de cada fila, cada uma com um bastão, correr até o cone contornando-o e volta entregando o bastão para a criança da vez.</p>
03/07/2017	Maternal I	<p>- Identificar até que ponto o movimento humano é utilizado para ajustar o comportamento infantil com as atitudes aceitas socialmente dentro da creche.</p> <p>- Utilizar jogos observando o comportamento das crianças diante das regras de convivência em grupo.</p>	<p>- Colocando a bola dentro do palhaço: o professor explica para as crianças (demonstrando) que deverão colocar a bola dentro do palhaço. Uma a uma, as crianças receberão cinco bolas para colocar e depois retirar a bola de dentro do palhaço.</p>
04/07/2017	Maternal II	<p>- Identificar até que ponto o movimento humano é utilizado para ajustar o comportamento infantil com as atitudes aceitas socialmente dentro da creche.</p> <p>- Utilizar jogos observando o comportamento das crianças diante das regras de convivência em grupo.</p>	<p>- Arremessando a bola por baixo da rede de tênis: o professor coloca uma rede de tênis esticada de um ponto a outro da sala e orienta as crianças, em duplas, a deslocar a bola por rolamento por baixo da rede.</p>
05/07/2017	Maternal III	<p>- Identificar até que ponto o movimento humano é utilizado para ajustar o comportamento infantil com as atitudes aceitas socialmente dentro da creche.</p> <p>- Utilizar jogos observando o comportamento das crianças diante das regras de convivência em grupo.</p>	<p>- Corrida em dupla com os bastões: em dupla e cada dupla com um bastão, corre até o cone contornando-o e volta.</p>
10/07/2017	Maternal I	<p>- Identificar até que ponto o movimento humano é utilizado para ajustar o comportamento infantil com as atitudes aceitas socialmente dentro da creche.</p> <p>- Utilizar jogos observando o comportamento das crianças diante das regras de convivência em grupo.</p>	<p>- Passar por baixo da corda: as crianças que deverão passar por baixo da corda, o professor irá estimulá-las a realizar o deslocamento por rastejar.</p>
11/07/2017	Maternal II	<p>- Identificar até que ponto o movimento humano é utilizado para ajustar o comportamento infantil com as atitudes aceitas socialmente dentro da creche.</p> <p>- Utilizar jogos observando o comportamento das crianças diante das regras de convivência em grupo.</p>	<p>- Arremessando a bola por cima da rede de tênis: o professor coloca uma rede de tênis esticada de um ponto a outro da sala e orienta as crianças, em duplas, a deslocar a bola arremessando por cima da rede.</p>
12/07/2017	Maternal III	<p>- Identificar até que ponto o movimento humano é utilizado para ajustar o comportamento infantil com as atitudes aceitas socialmente dentro da creche.</p> <p>- Utilizar jogos observando o comportamento das crianças</p>	<p>- Revezamento em círculo: sentadas em uma grande roda, a criança de posse da bola, corre ao redor da roda até chegar ao local de origem passando a bola para o colega ao lado.</p>

		diante das regras de convivência em grupo.	
17/06/2017	Maternal I	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar até que ponto o movimento humano é utilizado para ajustar o comportamento infantil com as atitudes aceitas socialmente dentro da creche. - Utilizar jogos observando o comportamento das crianças diante das regras de convivência em grupo. 	- Atravessando a fila de pneus: o professor coloca um pneu ao lado do outro formando uma “ponte” e orienta os alunos a andarem objetivando atravessar essa “ponte” subindo e descendo.
18/07/2017	Maternal II	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar até que ponto o movimento humano é utilizado para ajustar o comportamento infantil com as atitudes aceitas socialmente dentro da creche. - Utilizar jogos observando o comportamento das crianças diante das regras de convivência em grupo. 	- Atividade com bastões: dois a dois, as crianças correrão até um professor que estará segurando um bastão em cada mão. As crianças deverão pegar o bastão e retornar a linha de partida.
19/07/2017	Maternal III	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar até que ponto o movimento humano é utilizado para ajustar o comportamento infantil com as atitudes aceitas socialmente dentro da creche. - Utilizar jogos observando o comportamento das crianças diante das regras de convivência em grupo. 	- Saltar com os pés juntos sobre os bastões: colocar os bastões, distribuídos pelo solo com mais ou menos 30 a 40 centímetros de distância um do outro, um a um, os alunos salta com os pés juntos atravessando os bastões.
24/07/2017	Maternal I	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar até que ponto o movimento humano é utilizado para ajustar o comportamento infantil com as atitudes aceitas socialmente dentro da creche. - Utilizar jogos observando o comportamento das crianças diante das regras de convivência em grupo. 	- Os bastões: com ajuda de músicas infantis, cada criança brinca com o seu bastão livremente. Pode-se sugerir que “andem a cavalo”, “Imagine tocar um instrumento”, “remando a canoa”, etc.

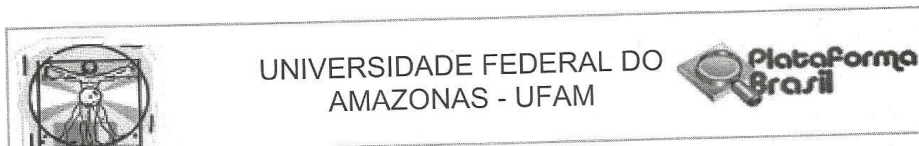
APÊNDICE B – Roteiro das Entrevistas

Entrevistados: professores das salas envolvidas na pesquisa.

Perguntas semiestruturadas:

- 1.** Ao participar das aulas de Educação Física as crianças compreendem o direito de todos a terem acesso aos lugares e objetos das atividades propostas? Explique um pouco mais.
- 2.** Durante as atividades propostas nas aulas de Educação Física as crianças conseguem seguir as regras de convivência social? Explique.
- 3.** Na sua perspectiva de que forma as aulas de Educação Física contribuem no desenvolvimento das práticas sociais? Explique um pouco mais.
- 4.** Nas aulas de Educação Física quais os procedimentos adotados para evitar que as crianças se machuquem e observem as regras sociais que viabilizam a convivência em grupo? Explique.

ANEXO A – Aprovação na Plataforma Brasil



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Educação Física na fase creche mediando pelos jogos às práticas sociais.

Pesquisador: SALLY ATAIDE MIGUEL

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 63505516.6.0000.5020

Instituição Proponente: Programa de Pós Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

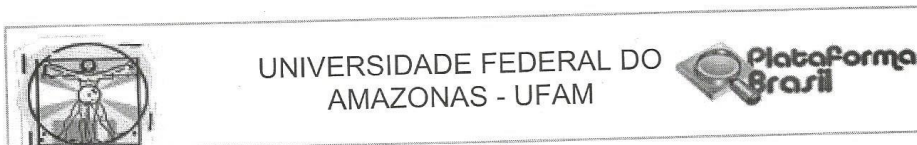
DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.935.811

Apresentação do Projeto:

Esta pesquisa tem por objetivo investigar as contribuições da Educação Física escolar, tendo como foco a interação das crianças de um a três anos de idade, que estão frequentando a Creche Municipal Professora Eliana de Freitas Moraes situada na cidade de Manaus. Procuraremos responder a questão: a Educação Física poderá, como um dos elementos educacionais, viabilizar o processo das práticas sociais da criança que se encontra na fase creche? Para o desenvolvimento deste estudo realizaremos uma pesquisa de abordagem qualitativa, de natureza aplicada e caráter exploratório/descritivo, pois a consideramos a mais apropriada para o tipo de investigação que nos propomos a fazer. No que diz respeito aos procedimentos adotados, optamos pela pesquisa de campo por proporcionar ao pesquisador uma maior interação com o objeto a ser estudado e os participantes da pesquisa. Quanto à técnica de coleta de dados, utilizaremos a observação direta do comportamento das crianças no momento da interação nas aulas de Educação Física, onde será registrado em um caderno características das crianças ocorrida durante o ato de jogar e as atitudes durante as relações adulto-criança e criança-criança descrevendo os mecanismos

Endereço: Rua Teresina, 4950
Bairro: Adrianópolis **CEP:** 69.057-070
UF: AM **Município:** MANAUS
Telefone: (92)3305-5130 **Fax:** (92)3305-5130 **E-mail:** cep@ufam.edu.br



Continuação do Parecer: 1.935.811

utilizados pelo grupo para ajustar o comportamento infantil com as práticas sociais (respeito, cooperação, ajuda, compartilhamento dos objetos e espaço, etc) desenvolvidas nas aulas de Educação Física, jogos serão utilizados como um recurso metodológico para a recolha das informações, entrevista semi-estruturada serão realizadas em pequenos grupos com professores das salas envolvidas na pesquisa, usando como suporte um gravador de voz. Para a análise dos dados utilizaremos a técnica de análise de conteúdo por permitir uma leitura do discurso dos participantes da pesquisa, associando aos registros realizados pela pesquisadora durante sua interação com as turmas, onde as observações que mais se destacarem serão relatadas. O trabalho busca apoio nos estudos de Elias (1994a/b, 2006), Ariès (1986), Kuhlmann (1998), Spada (2005), Le Boulch (1982), Vygotsky (1994), Vayer (1989), Seybold (1980) Borges (1987) e Gallahue (2013).

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Investigar a interação das crianças de um a três anos de idade, que frequentam a Creche Municipal Professora Eliana de Freitas Moraes, nas aulas de Educação Física, verificando no momento do jogo o processo das práticas sociais.

Objetivo Secundário:

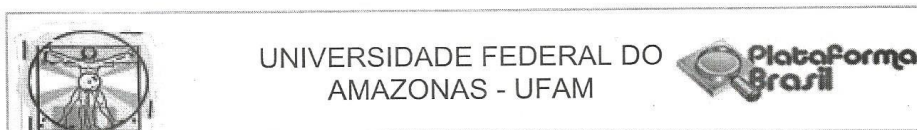
1. Verificar características pessoais da criança no momento das interações ocorridas durante o ato de jogar.
2. Identificar no ambiente do jogo até que ponto o movimento humano é utilizado para ajustar o comportamento infantil com as atitudes aceitas socialmente dentro da creche.
3. Descrever as relações interpessoais e sociais no ato de jogar nas aulas de Educação Física.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Quanto aos riscos no que se refere às complicações e danos decorrentes da pesquisa para os participantes, em relação às crianças serão aplicado jogos que envolvem movimentos de correr, pular, equilibrar. Como o controle motor dessas crianças se encontra em desenvolvimento, algumas podem vir a cair no chão e se machucar, esses jogos serão utilizados para possibilitar a observação do comportamento da criança ao interagir nas

Endereço:	Rua Teresina, 4950	CEP:	69.057-070
Bairro:	Adrianópolis		
UF:	AM	Município:	MANAUS
Telefone:	(92)3305-5130	Fax:	(92)3305-5130
		E-mail:	cep@ufam.edu.br



Continuação do Parecer: 1.935.811

aulas de Educação Física. Nesse caso, nos responsabilizamos em informar o responsável pela criança do ocorrido, levando imediatamente ao pronto-socorro mais próximo, financiando todo o medicamento que conste na prescrição médica. E caso seja detectado algum dano psicológico ou emocional decorrente da pesquisa, o sujeito participante será encaminhado ao Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas, sendo financiado pelo pesquisador(a) o transporte do acompanhante do sujeito participante e toda medicação que constar em prescrição médica.

Em relação aos professores entrevistados, caso se sinta desconfortado com a entrevista e dela seja detectado algum dano psicológico ou emocional, o participante será encaminhado ao Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas, sendo financiado pelo pesquisador(a) o transporte e toda medicação que constar em prescrição médica. Caso seja identificado e comprovado danos provenientes desta pesquisa, os sujeitos participantes tem assegurado o direito a indenização que será ressarcida pelo(a) pesquisador(a).

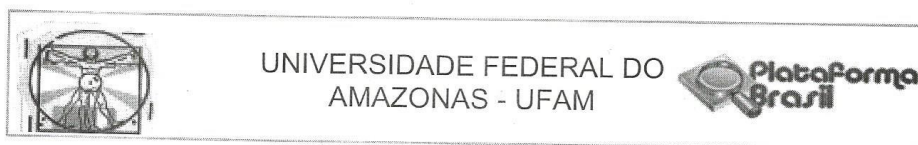
Benefícios:

Quanto aos benefícios para os participantes da pesquisa, em relação às crianças jogos diversificados serão aplicados durante a pesquisa que contribuirão para o desenvolvimento da formação social da criança, buscando estimular para a prática do respeito, dignidade, solidariedade, entre outros valores que são importantes para o desenvolvimento do seu caráter e seu convívio em sociedade. Em relação aos professores entrevistados, estaremos dando a oportunidade de contribuir com uma pesquisa científica, socializando sua perspectiva a respeito de suas experiências vivenciadas nas aulas de Educação Física, onde sua identidade será preservada.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Tipo de pesquisa: qualitativa, de natureza aplicada e caráter exploratório/descritivo, pois a consideramos a mais apropriada para o tipo de investigação que nos propomos a fazer, onde buscaremos interpretar as ações das crianças a partir das interações nas aulas de Educação Física no momento do jogo, nos apoiando em uma abordagem histórico-cultural na perspectiva de Vygotsky (1994). Procedimentos: a pesquisa será

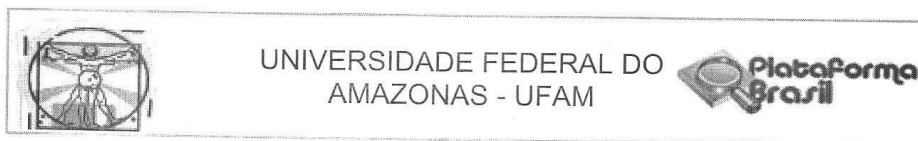
Endereço: Rua Teresina, 4950	CEP: 69.057-070
Bairro: Adrianópolis	
UF: AM	Município: MANAUS
Telefone: (92)3305-5130	Fax: (92)3305-5130
	E-mail: cep@ufam.edu.br



Continuação do Parecer: 1.935.811

realizada na Creche Municipal Professora Eliana de Freitas Moraes na cidade de Manaus/AM, onde optaremos pela pesquisa de campo por proporcionar à pesquisadora uma maior interação com o objeto a ser estudado e os participantes da pesquisa, uma vez que teremos contato com cada grupo de crianças das salas envolvidas na pesquisa por um período de quatro meses, entendemos que o processo de investigação da problemática poderá ser mais bem compreendido nesse espaço de tempo. O primeiro mês é um momento de ganho de confiança das crianças na pesquisadora, nesse período estaremos participando da rotina da turma no turno matutino nos diversos espaços – sala de aula, parque, refeitório – momentos que serão direcionados pelas professoras das salas pesquisadas, às segundas-feiras acompanharemos o maternal I, às terças-feiras o maternal II e às quartas-feiras o maternal III. As salas possuem dois professores ambos responsáveis pela turma, e o quantitativo de crianças por turma na Creche Municipal Professora Eliana de Freitas Moraes se distribui da seguinte maneira: Maternal I 12 crianças, maternal II 16 crianças, maternal III 20 crianças. Nos próximos três meses, aplicaremos jogos na sala de Educação Física conforme roteiro de acompanhamento no apêndice do projeto, sob a responsabilidade da pesquisadora que estará sendo acompanhada pelas professoras da sala de aula. Coleta de dados: Será realizada observação direta do comportamento das crianças no momento da interação nas aulas de Educação Física, onde será registrado em um caderno características das crianças ocorrida durante o ato de jogar e as atitudes durante as relações adulto-criança e criança-criança descrevendo os mecanismos utilizados pelo grupo para ajustar o comportamento infantil com as práticas sociais (respeito, cooperação, ajuda, etc). Jogos estarão sendo utilizados como um instrumento de recolha das informações. Encerrada a fase acima descrita, realizaremos entrevistas na sala de Educação Física em pequenos grupos no horário do almoço com professores das salas envolvidas na pesquisa, que são 02 por turma totalizando 06 professores entrevistados, utilizando como suporte um gravador de voz. Em uma segunda-feira com os professores do maternal I, em uma terça-feira com os professores do maternal II, em uma quarta-feira com os professores do maternal III. Objetivando saber, com base em suas

Endereço: Rua Teresina, 4950
 Bairro: Adrianópolis CEP: 69.057-070
 UF: AM Município: MANAUS
 Telefone: (92)3305-5130 Fax: (92)3305-5130 E-mail: cep@ufam.edu.br



Continuação do Parecer: 1.935.811

experiências em creche e vivências nas aulas de Educação Física, opinião deles acerca das contribuições das aulas de Educação Física em crianças de 1 a 3 anos de idade para o desenvolvimento das práticas sociais. Faremos entrevista semiestruturada conforme roteiro de entrevista no apêndice do projeto, para evitar que os entrevistados apenas foquem no aspecto motor da criança, as perguntas serão direcionadas visando obter informações a respeito do comportamento infantil diante das práticas sociais desenvolvidas durante as aulas de Educação Física. Análise dos dados: técnica de análise de conteúdo por permitir uma leitura das entrevistas nos auxiliando na compreensão do que está por trás do discurso dos professores participantes da pesquisa, que será associado aos registros realizados pela pesquisadora durante sua interação com as turmas, onde as observações que mais se destacarem serão relatadas. Estaremos utilizando uma categoria de análise: o comportamento infantil no momento da interação nas aulas de Educação Física durante as relações adulto-criança e criança-criança descrevendo os mecanismos utilizados pelo grupo para ajustar o comportamento infantil com as práticas sociais.

Critério de Inclusão:

Como critério de inclusão, a amostra da pesquisa será de 48 crianças: 12 crianças de 1 ano de idade (correspondente apenas a uma turma), 16 crianças de 2 anos de idade (correspondente apenas a uma turma) e 20 crianças de 3 anos de idade (correspondente apenas a uma turma), como método de escolha da turma será utilizado o sorteio, tendo como testemunha um professor representante de cada turma.

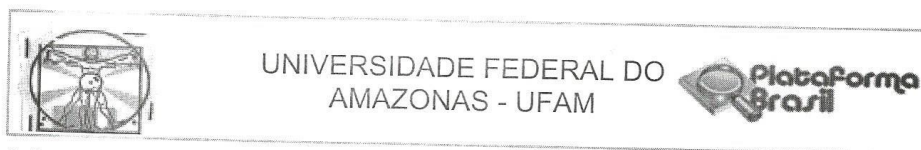
Critério de Exclusão:

Como critério de exclusão, após o sorteio das turmas os pais serão informados para o consentimento da participação dessas crianças na pesquisa, onde ficará fora da amostra àquela criança que o responsável não autorizar participar, e aquela criança que possua alguma deficiência física ou mental, devido à pesquisa não está sendo acompanhada por um profissional especializado.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Folha de Rosto: Adequada

Endereço:	Rua Teresina, 4950	CEP:	69.057-070
Bairro:	Adrianópolis		
UF:	AM	Município:	MANAUS
Telefone:	(92)3305-5130	Fax:	(92)3305-5130
		E-mail:	cep@ufam.edu.br



Continuação do Parecer: 1.935.811

TCLE: Adequado

Termo de Anuência: Adequado

Riscos e Benefícios: Adequados

Calendário: Adequado

Recursos: Adequados

Critério de Inclusão e exclusão: Adequados

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

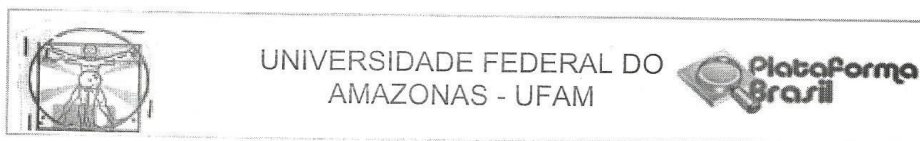
O Projeto não apresenta inadequações. Cumpre com as exigências da Resolução 466

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_791494.pdf	07/02/2017 16:19:41		Aceito
Outros	METODOLOGIA.doc	07/02/2017 16:15:13	SALLY ATAIDE MIGUEL	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_menor.doc	07/02/2017 16:14:47	SALLY ATAIDE MIGUEL	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_entrevistado.doc	07/02/2017 16:14:24	SALLY ATAIDE MIGUEL	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_detalhado.docx	07/02/2017 16:13:55	SALLY ATAIDE MIGUEL	Aceito
Orçamento	Orçamento.doc	07/02/2017 16:11:10	SALLY ATAIDE MIGUEL	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	carta_de_anuencia_assinada.pdf	07/02/2017 16:10:49	SALLY ATAIDE MIGUEL	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA_2_versao.docx	07/02/2017 16:09:24	SALLY ATAIDE MIGUEL	Aceito
Brochura Pesquisa	Brochura_da_pesquisa.docx	07/02/2017 16:09:09	SALLY ATAIDE MIGUEL	Aceito
Outros	Curriculo_orientadora.pdf	11/12/2016 20:55:40	SALLY ATAIDE MIGUEL	Aceito
Outros	Roteiro_acompanhamento_turmas.docx	09/12/2016 09:17:42	SALLY ATAIDE MIGUEL	Aceito

Endereço: Rua Teresina, 4950
 Bairro: Adrianópolis CEP: 69.057-070
 UF: AM Município: MANAUS
 Telefone: (92)3305-5130 Fax: (92)3305-5130 E-mail: cep@ufam.edu.br



Continuação do Parecer: 1.935.811

Outros	Roteiro_entrevista.docx	09/12/2016 09:12:48	SALLY ATAIDE MIGUEL	Aceito
Outros	curriculo_pesquisador.pdf	09/12/2016 09:10:54	SALLY ATAIDE MIGUEL	Aceito
Declaração de Pesquisadores	declar_pesquisador.pdf	07/12/2016 12:36:19	SALLY ATAIDE MIGUEL	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	07/12/2016 12:31:28	SALLY ATAIDE MIGUEL	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

MANAUS, 21 de Fevereiro de 2017

Assinado por:

Eliana Maria Pereira da Fonseca
(Coordenador)

Endereço: Rua Teresina, 4950
 Bairro: Adrianópolis CEP: 69.057-070
 UF: AM Município: MANAUS
 Telefone: (92)3305-5130 Fax: (92)3305-5130 E-mail: cep@ufam.edu.br

ANEXO B – Carta de Anuência

**Secretaria Municipal de Educação
Subsecretaria de Gestão Educacional
Departamento Geral de Distritos**

CARTA DE ANUÊNCIA

Autorizo a execução do artigo de pesquisa intitulado, ““EDUCAÇÃO FÍSICA NA FASE CRECHE, MEDIANDO PELOS JOGOS AS PRÁTICAS SOCIAIS”, a ser realizada pela pesquisadora, SALLY ATAIDE MIGUEL, pertencente ao Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia/UFAM. O presente projeto terá como o objetivo investigar a interação das crianças de 01 (um) a 03 (três) anos de idade, que frequentam a Creche Municipal Professora Eliana Freitas de Moraes, nas aulas de Educação Física, verificando no momento do jogo o processo das práticas sociais.

A Instituição se compromete a solicitar consentimento livre e esclarecido a todos os participantes da pesquisa, bem como obedecer à regulamentação ética da pesquisa em vigor no país.

Manaus, 01 de dezembro de 2016.


Euzeni Araújo Trajano
Subsecretária de Gestão Educacional
Euzeni Araújo Trajano
Subsecretaria de Gestão Educacional
SEMED
SEMED
Decreto de 06/01/2017

ANEXO C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido dos pais

Solicito a sua autorização para que o(a) Menor _____ sob sua responsabilidade, participe da pesquisa “EDUCAÇÃO FÍSICA NA FASE CRECHE, MEDIANDO PELOS JOGOS ÀS PRÁTICAS SOCIAIS”. Em caso de dúvida você poderá contatar o(a) pesquisador(a) Sally Ataide Miguel no Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia na Avenida General Rodrigo Otávio, 6200 - Coroado I, Manaus - AM, 69067-005, número (92) 3305-4581/4580 no e-mail: sallyataide@oi.com.br, ou a orientadora Prof^a. Dr^a. Rita Maria dos Santos Puga Barbosa no Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia, na Avenida General Rodrigo Otávio, 6200 - Coroado I, Manaus - AM, 69067-005, número (92) 3305-4581/4580 no e-mail: ritapuga@yahoo.com.br.

O Objetivo Geral desta pesquisa é investigar nas aulas de Educação Física a interação das crianças de um a três anos de idade, que frequentam a Creche Municipal Professora Eliana de Freitas Moraes situada na cidade de Manaus, verificando no momento do jogo o processo das práticas sociais.

E os Objetivos Específicos são: 1. Verificar características pessoais da criança no momento da interação ocorridas durante o ato de jogar; 2. Identificar no ambiente do jogo até que ponto o movimento humano é utilizado para ajustar o comportamento infantil com as atitudes aceitas socialmente dentro da creche; 3. Descrever as relações interpessoais e sociais no ato de jogar nas aulas de Educação Física.

Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos, e o(a) Menor ao participar da pesquisa, como será aplicado jogos que envolvem movimentos de correr, pular, equilibrar e o controle motor do(a) Menor se encontram em estágio de desenvolvimento, pode em algum momento cair no chão e se machucar, esses jogos serão utilizados para possibilitar a observação do comportamento do(a) Menor ao interagir nas aulas de Educação Física. Nesse caso, nos responsabilizamos em informar o responsável do ocorrido, levando imediatamente ao pronto-socorro mais próximo, financiando todo o medicamento que conste na prescrição médica. E caso seja detectado algum dano psicológico ou emocional decorrente da pesquisa, o(a) Menor será encaminhado ao Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas, sendo financiado pelo pesquisador(a) o transporte do acompanhante do(a) Menor e toda medicação que constar em prescrição médica. Caso seja identificado e comprovado danos provenientes desta pesquisa, você tem assegurado o direito a indenização que será ressarcida pelo(a) pesquisador(a).

Os benefícios desta pesquisa para o(a) Menor, são os jogos aplicados durante a pesquisa que contribuirão para o desenvolvimento da formação social do(a) Menor, buscando a estimulação para a prática do respeito, dignidade, solidariedade, entre outros valores que são importantes para o desenvolvimento do seu caráter e seu convívio em sociedade.

O senhor(a) será esclarecido(a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar e o(a) Menor estará livre para participar ou recusar-se a participar. O senhor(a) é livre para retirar seu consentimento ou interromper a participação do(a) Menor a qualquer momento. A participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios. O pesquisador irá tratar a identidade do(a) Menor com padrões profissionais de sigilo. Seu nome ou o material que indique a sua participação não será liberado, nem o responsável nem o(a) Menor serão identificados(as) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo.

Em caso de dúvida poderá contatar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Amazonas na Rua Teresina, 4950, bairro Adrianópolis, CEP 69057-070, telefone (92) 3305-1181 ramal 2004, e-mail: cep.ufam@gmail.com.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Eu, _____, portador do documento de Identidade _____ responsável pelo(a) Menor _____, fui informado(a) dos objetivos da pesquisa “EDUCAÇÃO FÍSICA NA FASE CRECHE, MEDIANDO PELOS JOGOS ÀS PRÁTICAS SOCIAIS”, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de consentimento de participação do(a) Menor, se assim o desejar. Fui informado que uma via deste consentimento será fornecida a mim e a outro via ficará com o pesquisador(a) responsável.

Nome completo (responsável pelo(a) Menor)

impressão dactiloscópica

Data

Nome completo (pesquisador responsável)

Data

Nome completo (orientador)

Data

ANEXO D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido dos professores

Você está sendo convidado para participar da entrevista por ser professor de uma das turmas participante da pesquisa, turma escolhida pelo método do sorteio. O intuito desta entrevista é, com base em suas experiências em creche e vivências nas aulas de Educação Física, saber a sua opinião a respeito da contribuição das aulas de Educação Física em crianças de 1 a 3 anos de idade para o desenvolvimento das práticas sociais. A entrevista será gravada e será usando como suporte um gravador de voz, onde você está sendo requisitado por um dia em um período de no mínimo 1 hora à no máximo 3 horas de conversa. A entrevista ocorrerá em seu local de trabalho no horário livre evitando assim qualquer custo para você.

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa “EDUCAÇÃO FÍSICA NA FASE CRECHE, MEDIANDO PELOS JOGOS ÀS PRÁTICAS SOCIAIS”. Em caso de dúvida poderá contatar o(a) pesquisador(a) Sally Ataíde Miguel no Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia na Avenida General Rodrigo Otávio, 6200 - Coroado I, Manaus - AM, 69067-005, número (92) 3305-4581/4580 no e-mail: sallyataide@oi.com.br, ou a orientadora Prof^a. Dr^a. Rita Maria dos Santos Puga Barbosa, no Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia, na Avenida General Rodrigo Otávio, 6200 - Coroado I, Manaus - AM, 69067-005, número (92) 3305-4581/4580 no e-mail: ritapuga@yahoo.com.br.

O Objetivo Geral desta pesquisa é investigar nas aulas de Educação Física a interação das crianças de um a três anos de idade, que frequentam a Creche Municipal Professora Eliana de Freitas Moraes situada na cidade de Manaus, verificando no momento do jogo o processo das práticas sociais.

E os Objetivos Específicos são: 1. Verificar características pessoais da criança no momento da interação ocorridas durante o ato de jogar; 2. Identificar no ambiente do jogo até que ponto o movimento humano é utilizado para ajustar o comportamento infantil com as atitudes aceitas socialmente dentro da creche; 3. Descrever as relações interpessoais e sociais no ato de jogar nas aulas de Educação Física.

Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos que podem ocasionar danos psicológico ou emocional. Caso se sinta desconfortado com a entrevista e dela seja detectado algum desses danos, você será encaminhado ao Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas, sendo financiado pelo pesquisador(a) o transporte e toda medicação que constar em prescrição médica. Caso seja identificado e comprovado danos provenientes desta pesquisa, você tem assegurado o direito a indenização que será ressarcida pelo(a) pesquisador(a).

Como benefício, estaremos dando a oportunidade de contribuir com uma pesquisa científica, socializando sua perspectiva a respeito de suas experiências vivenciadas nas aulas de Educação Física, onde sua identidade será preservada. A participação no estudo não acarretará custos para você e sua contribuição irá enriquecer a pesquisa. Você será esclarecido(a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar.

Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios. O pesquisador irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, seu nome ou o material que indique a sua participação não será liberado, você não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo.

Em caso de dúvida poderá contatar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Amazonas na Rua Teresina, 4950, bairro Adrianópolis, CEP 69057-070, telefone (92) 3305-1181 ramal 2004, e-mail: cep.ufam@gmail.com.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Fui informado(a) que poderei retirar meu consentimento ou interromper a minha participação a qualquer momento, me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas. Declaro que concordo em participar desse estudo, e estou ciente que caso eu ainda tenha alguma dúvida ou necessite de qualquer esclarecimento, poderei entrar em contato com o(a) pesquisador(a) a qualquer tempo. Fui informado que uma via deste consentimento será fornecida a mim e a outro via ficará com o pesquisador(a) responsável.

Assinatura do Participante

Data: ____/____/____.

Assinatura do Pesquisador(a)

Data: ____/____/____.

Assinatura do Orientador(a)

Data: ____/____/____.